

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

ELISÂNGELA LIMA ARAÚJO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MATERNIDADE POR MULHERES  
ADOLESCENTES**

RECIFE, 2014

ELISÂNGELA LIMA ARAÚJO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MATERNIDADE POR MULHERES  
ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia, do programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tícia Cassiany Ferro Cavalcante.

Recife

2014

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Tony Bernardino de Macedo, CRB4-1567

A662r Araújo, Elisângela Lima.  
Representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes /  
Elisângela Lima Araújo. – Recife: O autor, 2014.  
144 f. il.; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tícia Cassiany Ferro Cavalcante.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.  
CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2014.  
Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Psicologia. 2. Adolescência. 3. Gravidez na adolescência. 4.  
Maternidade. 5. Representações sociais. I. Cavalcante, Tícia Cassiany  
(Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2014-130)

**ELISÂNGELA LIMA ARAÚJO**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MATERNIDADE POR MULHERES  
ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 29/05/2014.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tícia Cassiany Ferro Cavalcante

(Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Lira dos Santos Aléssio

(Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sylvia Regina de Chiaro Ribeiro Rodrigues

(Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai por ter me aberto todas as oportunidades para a realização desse trabalho, por ter me dado inspiração para escrever, por ter colocado em minha vida pessoas fundamentais que facilitaram e me ajudaram a desenvolver esta pesquisa e por ter me ensinado que não existe nada impossível para aqueles que nele creem, obrigada DEUS.

A minha família por ter estado ao meu lado durante todo o processo de construção desse trabalho. Em especial minha mãe Maria Aparecida Lima de Souza por ter gerado minha vida e me suportado no mais delicado momento de escrita dessa pesquisa. Em especial a minha irmã Andrea Lima de Souza por ter acreditado em mim e por isso ter investido em minha carreira profissional. Em especial também minha irmã Elaine Lima Araújo por ter escutado minhas dificuldades e compartilhar comigo sua experiência acadêmica e sempre ter atendido meus pedidos viabilizando a entrega deste trabalho.

A minha orientadora Tícia Cassiany Ferro Cavalcante pela forma sábia como me ensinou a escrever e defender minhas ideias.

À professora Maria de Fátima Cruz por ter me acolhido e orientado nos momentos delicados como a ausência de minha orientadora devida sua licença maternidade.

À Denise Jodelet por ter me dedicado seu precioso tempo para explicar-me seu conceito de “experiência vivida” e ter me motivado para realizar este trabalho. E à Elaine Magalhães Costa Fernandez por ter intermediar minha conversa com Denise Jodelet.

A João Cavalcanti pelos seus precisos, pontuais e confortáveis esclarecimentos e exemplar receptividade todas as vezes que lhe procurei na secretaria da pós-graduação em Psicologia da UFPE.

## RESUMO

A maternidade na adolescência vem sendo historicamente concebida como problema. Contudo, essa não é a única forma de conceber a maternidade na adolescência, pois alguns estudos sinalizam que as adolescentes enquanto mães se sentem mais valorizadas pela sociedade e família. Assim, parece que a maternidade não está sendo representada de forma hegemônica pelas mulheres contemporâneas ainda que inseridas no mesmo contexto social e é preciso abordar o tema de maneira cuidadosa, independente da fase de desenvolvimento que a mulher esteja. Diante desse panorama, este estudo teve como objetivo apreender as representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade. A amostra foi constituída por 24 adolescentes do sexo feminino da região metropolitana do Recife na faixa etária de 15 a 20 anos, que estavam ou não vivenciando a experiência da maternidade. Para a obtenção dos dados foi utilizado questionário sociodemográfico; debate e entrevista semiestruturada. Como resultado, observou-se que a maioria das adolescentes mães está vivenciando a maternidade em companhia do pai genitor da criança e todas as adolescentes não mães estão solteiras; a maioria das adolescentes mães apresentou evasão escolar, enquanto apenas uma das adolescentes não mães apresentou a evasão; todas se encontram em condição socioeconômica baixa. De acordo com os dados qualitativos, observamos que as adolescentes com a experiência vivida da maternidade, ancoradas em suas experiências vividas têm: concepções claras das características da fase da adolescência; intensificam as consequências da maternidade na adolescência; entendem que a falta de diálogo entre elas e suas mães foi uma das causas da gravidez não planejada; relatam que a relação do casal adolescente passa por mudanças e apresenta aspectos positivos e negativos; obtiveram apoio de suas mães e companheiro não genitor da criança e sugerem prevenção da gravidez na adolescência. De forma diferente, as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade não apresentaram claras concepções das características da fase da adolescência; entendem que as adolescentes são culpadas pela gravidez não planejada e não suas mães, mas de forma semelhante também intensificaram as consequências da maternidade na adolescência; trouxeram que a relação do casal adolescente passa por mudanças e apresenta aspectos positivos e negativos; destacam o apoio das mães das adolescentes e além de sugerirem prevenção da gravidez na adolescência, sugerem cuidados para com as crianças. Conclui-se que para ambos os grupos a maternidade

na adolescência está objetivada como um erro; a mulher é representada como a responsável pelos cuidados maternos e a mãe da adolescente objetivada como figura responsável pela orientação sexual da filha. Com esta pesquisa, notamos que o fato das adolescentes terem a experiência vivida da maternidade influenciou em suas representações, contudo essas representações não foram diferentes das representações do grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade. Entendemos que as representações sociais dos dois grupos estiveram ancoradas em histórias diferentes, mas objetivaram-se da mesma forma. Reforçamos a necessidade de serem desenvolvidos programas de apoio à maternidade e paternidade, de forma que pai e mãe adolescente tenham conhecimento das delimitações de seus papéis e responsabilidade.

**Palavras-chave:** adolescência; maternidade; representações sociais; experiência vivida.

## **ABSTRACT**

Maternity in adolescence has historically been conceived as a problem. However, some studies report that adolescent girls feel more valued by society and the family when they become mothers. It therefore appears that maternity is not represented in a hegemonic fashion by contemporary mothers, even when participating in the same social context, and it is necessary to address this issue carefully regardless of mother's phase of development. The aim of the present study was to determine social representations of maternity among adolescent girls with and without the experience of motherhood. The sample comprised 24 female adolescents in metropolitan Recife (Brazil) between 15 and 20 years of age. Data collection involved a socio-demographic questionnaire, discussion and semi-structured interview. The majority of adolescent mothers were experiencing maternity in the companionship of the child's father and all those who were not mothers were single. The majority of the mothers were truant from school, whereas only one non-mother was truant. All participants had a low socioeconomic status. The qualitative data revealed that all adolescent mothers had clear conceptions of the characteristics of adolescence, intensified the consequences of maternity in adolescence, understood that a lack of dialog between them and their own mothers was one of the causes of the unplanned pregnancy, reported that the relationship of the adolescent couple was undergoing changes with both positive and negative aspects, received support from their own mothers as well as partners who were not the biological fathers and recommended the prevention of pregnancy in adolescence. In contrast, those without the experience of maternity did not have clear conceptions regarding the characteristics of adolescence and believed that the adolescent mothers were responsible for the pregnancy rather than their mothers. However, like the mothers, the non-mothers intensified the consequences of maternity in adolescence, brought that the adolescent couple undergoes changes with positive and negative aspects, highlighted the support of the mothers of the adolescent mothers, recommended the prevention of pregnancy in adolescence and suggested care for the children. Both groups considered maternity in adolescence a mistake. The female gender was represented as responsible for childcare and mothers of adolescent were considered responsible for the sexual behavior of their daughters. Having experience with maternity influenced the social representations of the adolescent mothers, but these

representations did not differ substantially from those of the group of adolescents who were not mothers. The social representations of both groups were anchored in different stories, but were objectified in a similar manner. The findings of the present study underscore the need for maternity and paternity support programs directed at informing adolescent mothers and fathers regarding the delimitations of their roles and responsibility.

**Keywords:** adolescence; maternity; social representation; experience.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> Impressões das adolescentes sobre o vídeo.....	58
<b>Tabela 2</b> Perfil Sociodemográfico das Adolescentes com experiência vivida da Maternidade.....	63
<b>Tabela 3</b> Perfil Sociodemográfico das Adolescentes sem experiência vivida da Maternidade.....	67
<b>Tabela 4</b> Classe temática, categorias e subcategorias das adolescentes com experiência vivida da maternidade.....	71
<b>Tabela 5</b> classe temática, categorias e subcategorias das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade.....	72

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**TRS-** Teoria das Representações Sociais

**IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**EJA-** Educação de Jovens e Adultos

**PBA-** Programa Brasil Alfabetizado

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 OS DIFERENTES PAPÉIS DA MULHER NA SOCIEDADE E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO.....</b>	<b>18</b>
<b>2 MULHER E SUA RELAÇÃO COM A MATERNIDADE.....</b>	<b>24</b>
<b>3 ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>29</b>
<b>4 A MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>37</b>
<b>5 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>42</b>
5.1 Representação.....	42
5.2 Teoria das Representações Sociais.....	43
5.3 Experiência Vivida.....	47
<b>6 ENQUADRE METODOLÓGICO.....</b>	<b>52</b>
6.1 Características do Estudo.....	52
6.2 Participantes e Local da pesquisa.....	52
6.3 Procedimentos.....	54
6.4 Instrumentos.....	55
6.5 Procedimentos de Coleta.....	56
6.6 Análise dos questionários sociodemográfico e do vídeo.....	60
6.6.1 Análise das Entrevistas semi-estruturadas.....	61
<b>7 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>62</b>
7.1 Dados quantitativos.....	62
7.1.1 Perfil das Participantes.....	62
7.2 Dados Qualitativos.....	69
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>140</b>

## **INTRODUÇÃO**

A maternidade é abordada por Scavoni (2001) como um fenômeno social marcado pelas desigualdades sociais, raciais/étnicas, bem como perpassada pela questão de gênero que lhe é subjacente. Para Patias e Buaes (2012), por muito tempo, a identidade feminina esteve diretamente associada às representações de maternidade. A maternidade caracterizava a melhor ou verdadeira imagem de feminilidade. Atualmente, contudo, a representação da maternidade pela mulher aparece nos trabalhos de forma não hegemônica. Nesse cenário, para mulher executiva contemporânea a maternidade não é mais reconhecida nem representada como necessária para constituição da identidade feminina, pois a realização profissional assumiu papel de relevância (PATIAS; BUAES, 2012). Para mulher de classe média contemporânea é necessário ter condição financeira para se ter o filho, havendo integração entre profissão e maternidade pois, elas não são excludentes (MALUF, KAHHALE, 2010; LOSADA, COUTINHO, 2007).

Dessa forma, percebe-se que a maternidade está representada de forma diferente pelas mulheres contemporâneas citadas nos trabalhos anteriores, ainda que inseridas no mesmo contexto social. Partimos do princípio de que se os debates sobre a maternidade e suas representações por mulheres adultas não são hegemônicas, então ao se propor estudar as concepções da maternidade por diferentes mulheres, sejam elas adultas ou adolescentes, é preciso abordá-las de maneira cuidadosa.

A motivação para realizar essa pesquisa surgiu mediante o frequente e próximo contato da pesquisadora com adolescentes, familiares e parceiros que se encontram vivendo a maternidade na adolescência e que a objetivam como um problema. Contudo, não se pretende apontar o tema como problemático, uma vez que estudos também sinalizam que as adolescentes quando se tornam mães se sentem mais valorizadas pela sociedade, tanto na escola quanto na família, reforçando a ideia de que agora elas “são alguém na vida” (PANTOJA, 2003; PATIAS 2011).

As adolescentes nesse contexto sentem-se mais amadurecidas por terem assumido a responsabilidade pelo cuidado com a criança; referem ter mais paciência e disposição para acompanhar o desenvolvimento da criança, por serem jovens (SOUSA, 2009); sentem-se felizes com relação ao exercício da maternidade, pois dizem ter a oportunidade de construir sua própria família e assim não sofrer mais os abusos da família de origem (LEVANDOWSKI; PICCININI; LOPES, 2008).

Dessa forma, existe a concepção de que ser mãe nesse contexto pode trazer alguns benefícios sociais, pois está associada a uma representação social importante e valorizada em nossa sociedade. Nesse âmbito, a maternidade pode possibilitar às jovens, principalmente de camadas sociais menos privilegiadas, o acesso a um projeto de vida viável e valorizado socialmente. Nesse aspecto, a gestação e a maternidade na adolescência, em contextos de menores oportunidades educacionais e profissionais, podem ser vistas como uma opção de vida valorizada.

De forma diferente, Scoolet al. (2005) sinalizam que com a descoberta da gravidez a adolescente sente que infringiu normas e valores impostos pela sociedade e carrega o estigma de culpada e de impura. Sanbroza et al. (2004) apontam que a reação ruim e negativa da família frente à gravidez da adolescente, além de causar grande sofrimento psíquico para adolescente, faz com que esta apresente poucas expectativas em relação ao futuro, bem como uma autovalorização negativa, que pode comprometer inclusive a relação dela com seu bebê. Tristeza, raiva e ausência de felicidade com a situação são uns dos sentimentos dos pais diante da gravidez da filha, sentimentos estes que denotam a desaprovação da situação, (NOGUEIRA; MARCOM. 2004).

Quanto à escola, segundo Santos Júnior (1999), os professores são mal preparados para conduzir a discussão sobre o comportamento sexual e acabam por ter condutas discriminatórias que geralmente exclui das salas de aula as meninas gestantes, para não servirem de "mau exemplo" às outras colegas. Contudo, excluir ou expulsar os jovens que vivenciam essa situação não resolve essa questão, assim como não diminui o número de gravidez nessa fase do desenvolvimento (SANTOS ET AL, 2010).

Tais citações nos ajudam a entender que pesquisar a maternidade na adolescência significa, além de considerar os aspectos biológicos, econômicos, também considerar os

próprios sentimentos da adolescente e nos ajudam a perceber como o apoio e compreensão da família, escola e parceiros são importantes e contribuem para o bem estar da adolescente diante da maternidade. Assim, apreender as representações sociais da maternidade por adolescentes com e sem experiência vivida da maternidade nos parece ser uma forma de perceber como o social se apresenta nesses discursos e também ver como essa maternidade está objetivada para elas.

Ao se trabalhar com o termo adolescência percebe-se que além de serem diversas as ciências que se propõe a estudá-la, não há, na literatura psicológica, uma única definição para esta e existem diferentes perspectivas para abordar o tema (GUIMARÃES, s.d).

Na perspectiva biologizante, o adolescente vivencia um período de contradição, confuso e com ambivalências, caracterizado por fricções com o meio familiar e social (ABERASTURY, 1981). O biológico é algo característico dessa fase que impõe mudanças à criança que se depara com perda do corpo infantil. Para esta autora, a “problemática” do adolescente começa com as mudanças corporais, com a definição de seu papel na procriação e segue-se com mudanças psicológicas. Para Knobel (1981), estudar adolescência só como uma característica social seria realizar uma abstração muito parcial de todo o processo humano. Existe uma síndrome “normal” da adolescência que é caracterizada pelo desequilíbrio, instabilidades, timidez, desinteresse, conflitos religiosos, afetivos, etc.

Já na perspectiva cultural, a adolescência é entendida como a passagem de uma atitude de simples espectador para uma atitude ativa e questionadora (BECKER, 1989), bem como é entendida como processo positivo e não uma fase problemática, como preconiza o pensamento hegemônico (CALLIGARIS, 2000). Assim, o adolescente é um indivíduo capaz de enriquecer a sociedade, com novos valores e capaz de enfrentar as dificuldades que lhes são apresentadas.

Na perspectiva sócio-histórica (BOCK, 2004; LEONTIEV, 1979), a adolescência é um constructo sócio-histórico que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não um período natural do desenvolvimento. É um momento significativo, interpretado e construído pelos homens.

Destaca-se que independentemente da perspectiva adotada ou área de conhecimento, a sexualidade do adolescente, incluindo a maternidade é bastante discutida, pois é nesta “etapa”

da vida que geralmente ocorre à primeira relação sexual. A experiência da maternidade na adolescência motivada pela falta de comunicação com pais e escola, bem como pela não utilização de métodos contraceptivos é abordada por diversos autores, a exemplo de Castro, Abramovay e Silva (2004).

Voltamos a abordar as diferentes perspectivas, biológica e sociocultural, no que tange à maternidade na adolescência, destacando às diversas concepções científicas desse fenômeno, caracterizado aqui como tema polêmico, heterogêneo e multifacetado.

Na perspectiva biológica, o fenômeno da maternidade na adolescência é visto como um problema social e de saúde pública, ao se adotar concepção universalizadora e naturalista da adolescência (FROTA, 2007). Nos estudos de maternidade na adolescência com essa perspectiva se percebe o caráter descritivo, o delineamento transversal e quantitativo (CHARLEM et al. 2007; DIAS E AQUINO 2006; MCCALLUM E REIS, 2006; SILVIA ARRUDA, COUTINHO, KATZ E SOUZA, 2013).

Já na perspectiva sociocultural, a maternidade na adolescência é compreendida com a sua relação com o contexto socioeconômico, cultural e histórico em que a pessoa está inserida (PATIAS, 2011). Estudos como Santosa (2003); Esteves e Menandro (2005); Carlos et al. (2007); Oliveira (2010), Mendes, Soares, Jongenelen e Martins (2011); Figueiredo, Pacheco, Magarinho e Costa (2006) procuram abordar o tema sem atribuições valorativas e procuram pontuar o máximo de aspectos envolvidos na maternidade na adolescência. Nesse sentido, os autores procuram sinalizar que ao estudar o tema da maternidade na adolescência, muitos fatores devem ser considerados como: o contexto social, cultural e econômico.

Ainda que sejam diversas e diferentes as perspectivas que trabalham o tema da maternidade na adolescência, acreditamos que é possível haver diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, na medida em que se procura abordar o tema respeitando suas diferentes facetas, sem lhes atribuir o sentido pejorativo e problemático, uma vez que ele é vivido de diferentes formas pelas adolescentes e pares, a depender do contexto sócio, cultural e econômico.

Essa concepção multifacetada da maternidade na adolescência é mais atual; fruto das mudanças que estão ocorrendo nos estudos sobre o tema ao longo das últimas décadas. Segundo Levandowski, Piccinini e Lopes (2008), as pesquisas mais atuais (da década de 90,

especialmente) parecem ter um caráter mais compreensivo sobre a questão, buscando um maior aprofundamento no entendimento das vivências das adolescentes ao considerar o contexto social, cultural e econômico. Os trabalhos vêm procurando sinalizar que as experiências, motivações e aspirações destas jovens parecem variar enormemente.

Independente de a maternidade ser ou não planejada na adolescência, muitas adolescentes podem se deparar com conflitos, pois viverão novas experiências e terão que encarar novos papéis, assim podem vivenciar diversas transformações em campos diferentes de suas vidas. Transformações essas que envolvem seus planos pessoais, apoio familiar, relações com parceiros e amigos, o que influenciam em sua representação da maternidade.

A presente pesquisa adota a perspectiva sociocultural e assim procura englobar diferentes e diversos aspectos envolvidos na maternidade na adolescência, partindo do princípio que a maternidade é o processo que engloba gestação, parto, puerpério e criação do (a)s filho (a)s, como pontua Spieker e Booth (1988).

Utilizou-se a Teoria das Representações Sociais (TRS) a fim de entender em que estão ancoradas as ideias que as adolescentes têm da maternidade nessa fase da vida e também entender como essa maternidade se objetiva para elas; Objetivação e ancoragem são alguns dos conceitos da TRS e também os dois processos que geram as representações sociais, conforme aborda Moscovici (2011). Nesse sentido, falar em representações sociais é falar no conhecimento produzido pelo senso comum, mas o conhecimento compartilhado, articulado, e não o pensamento individual (SANTOS, 2005).

Este estudo pretende contemplar os discursos das adolescentes mães e não mães, entendendo que as adolescentes mães têm a experiência vivida da maternidade e as adolescentes não mães não a têm. Considera-se que as adolescentes mães têm a experiência vivida da maternidade porque passaram e ainda estão passando pelo processo da maternidade definido anteriormente. A experiência vivida para Jodelet (2005) é um enriquecimento ou um alargamento da relação do sujeito com o mundo; ela é construída em meio a situações concretas com os quais o sujeito se depara.

Dito isto, utilizando dos conceitos de ancoragem, objetivação e experiência vivida, esta pesquisa tem como objetivo geral apreender as representações sociais da maternidade por adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade. E como objetivos específicos procura-se: (i) *Descrever* o perfil sociodemográfico das adolescentes *com* e *sem* a experiência vivida da maternidade. (ii) *identificar* as representações sociais da maternidade pelas

adolescentes *com e sem* a experiência vivida da maternidade (iii) *comparar* as representações sociais da maternidade *entre* os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade

Para estruturar teórico-metodologicamente, este estudo possui oito capítulos, a saber: (1) abordagem sobre os diferentes papéis da mulher na sociedade e sua relação com o trabalho; (2) a mulher e sua relação com a maternidade; (3) a construção do conceito de adolescência; (4) a questão da maternidade na adolescência; (5) a Teoria das Representações Sociais e alguns de seus conceitos, fundamentais para construção e compreensão da pesquisa; (6) a metodologia do estudo; (7) os resultados e discussão e por último as Considerações Finais.

# **1 OS DIFERENTES PAPÉIS DA MULHER NA SOCIEDADE E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO**

As diferenças quanto ao que cabe ao homem e a mulher são remotas, existiram e existem em diferentes contextos, como Grécia, Roma, Índia e outros. Na Índia, por exemplo, a desigualdade chega a ser mais gritante com relação à mulher, porque adotava e ainda adota-se um sistema social extremamente rigoroso e discriminante denominado de casta, em que o nascimento predetermina a posição e as ocupações do ser humano no espaço social (MARTINS, 2005).

Sendo assim, entende-se que cada sociedade em um momento histórico específico desenha um modelo de homem e de mulher construído em função das circunstâncias sociais, históricas e culturais (MARTINS, 2005). É o que podemos notar com relação à posição do homem e da mulher nos modelos familiares. No Brasil, por exemplo, durante os séculos VI a XIX predominou o modelo patriarcalista, cuja chefia da família centrava-se na figura masculina e cabia à mulher apenas aceitar as regras impostas.

Aqui no Brasil, já com as tribos indígenas, como a tupinambá, as diferenças estavam relacionadas às questões de gênero; assim, as desigualdades entre a mulher e o homem já existiam claramente. Mesmo com a liberdade sexual, o adultério feminino poderia acabar em espancamento. A divisão de tarefas era nítida e marcada desde a infância; o menino era formado para ser guerreiro e caçador, pois ao homem cabia a tarefa de fazer: as flechas, arcas, bodunas e canoas; a menina era formada para ser uma tecelã, uma mulher trabalhadora, pois cabia a mulher: cuidar dos filhos, trabalhar na roça, preparar a comida e o caoí (vinho que animava as festas tupi) (ALMEIDA, 1987).

Com o patriarcalismo (século XVI a XIX), essas demarcações de tarefas tornaram-se mais claramente visíveis, pois a mulher era destinada ao trabalho da reprodução. Nada se comentava com relação à insatisfação feminina no casamento, pois demasiada ênfase era dada à autoridade do marido, podendo este inclusive ter todas as relações sexuais ativas, enquanto as mulheres brancas estavam reservadas a castidade e a fidelidade (ALMEIDA, 1987).

Todavia, no início do século XX, a sociedade brasileira começou a passar por modificações na tentativa de se espelhar nos moldes de vida dos centros Europeus. Todos os

comportamentos que não eram tidos como civilizados passaram a ser combatidos, principalmente no Rio de Janeiro que era a capital do país na época (MARTINS, 2005).

As famílias de elite modificaram suas casas, pois agora eram alvos de olhares públicos e a mulher passou a ser foco da opinião pública. Nesse momento histórico, a mulher passou a exercer uma nova tarefa, ou seja, ela passou a contribuir efetivamente para a ascensão social. Então, ela precisava ser educada, prendada, dotada de sabedoria e refinada para garantir a ordem e progresso da família; sua imagem de mulher zeladora dos bons costumes e da moral do grupo familiar passou a ser fundamental para o sucesso de seu marido (MARTINS, 2005).

Diante disso, o lugar ainda reservado para mulher era a casa, onde deveria exercer seu papel de esposa e mãe para qual foi predestinada; a rua era considerada um lugar de desvios e das tentações, em que seus esposos podiam estar, mas elas não.

Apesar de todo esse quadro, a situação social estava se modificando, e a mulher gradativamente começava a romper com tabus e a se impor mesmo que timidamente, nos vários setores da vida social. É, pois, na década de trinta que se começa a ouvir no país os rumores feministas que contribuíram para modificar a situação da mulher no contexto social (MARTINS, 2005).

Somente no final do século XX é que a mulher, após séculos de hegemonia masculina, foi conseguindo se emancipar, através da conscientização e da profissionalização e assim, aos poucos foi redefinindo seu papel social, até os dias de hoje (MARTINS, 2005). Com isso, a redefinição do seu papel social esteve e está intimamente relacionada com sua participação no mercado de trabalho.

Na Europa, por exemplo, a participação da mulher no mercado de trabalho começou de fato com as I e II Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente), momento em que os homens foram para as frentes de batalha e as mulheres precisaram assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho (PROBST, 2003).

Depois da metade do século XVIII, com a Revolução Industrial ou mais precisamente no século XIX, com a consolidação do capitalismo, as mulheres entraram em massa na produção, como mão-de-obra barata. Suas condições de trabalho eram miseráveis com

jornada de 18 horas e execução de tarefas sem qualificação. A situação era tão precária que nas grandes aglomerações operárias, a miséria reduzia as jovens a prostituição (ALAMBERT, 1986).

Na sociedade industrial muitas atividades realizadas em casa, como a fabricação de pão e a confecção de tecidos, foram transferidas para a sociedade, o que exigiu a mão de obra feminina por ser adaptada a esses serviços e por ser mais barata. Assim, a mulher foi à produção sem instrução, sem formação profissional, sem proteção legal e sujeita ao livre arbítrio do patrão (SILVA, 2006).

Com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, algumas transformações sociais aconteceram, como por exemplo, surgiram leis que passaram a beneficiar as mulheres. Assim, ficou estabelecido, portanto, na Constituição de 1932 do Brasil que: “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor se corresponde ao mesmo salário”. Todavia, tal informação não impediu a exploração da mão de obra feminina (PROBST, 2003).

Aqui no Brasil, o reconhecimento explícito de Direitos conferidos à mulher, deu-se somente com a Constituição da República Federativa do Brasil de 05 de outubro de 1988. A mulher agora passa a ser observada com uma nova condição jurídica, com direitos a igualdade, sendo tutelada em nível constitucional e infraconstitucional (ZIMATH, 2005).

Mediante as conquistas jurídicas aqui no Brasil, mais de 62 mil mulheres ingressaram pela primeira vez no mercado, aumentando a participação da mulher em 1,1 pontos percentuais. Assim, a mulher deixou de ser apenas uma parte da família para se tornar o comandante dela, em algumas situações. Ao longo dos anos 90 as famílias comandadas por mulheres passaram de 18% do total para 25%. A média de escolaridade dessas “chefes de família” aumentou em um ano de 4,4 para 5,6 anos de estudos (PROBST, 2003).

Contudo, o ingresso no mercado de trabalho não fez com que os afazeres domésticos deixassem de acompanhar a mulher, pois normalmente, além de cumprir suas tarefas na empresa, ela precisa cuidar dos afazeres domésticos. E isso acontece em quase 90% dos casos (PROBST, 2003). Nesse contexto, a mulher que representa a maior parcela da população viu aumentar seu poder aquisitivo, o nível de escolaridade e conseguiu reduzir a defasagem salarial, que ainda existe em relação aos homens.

Com relação à maternidade, no Brasil, ainda na década de 90 foi consolidada a tendência de queda da taxa de fecundidade iniciada em meados da década de 60. As mulheres têm hoje 2,3 filhos, diferentemente da realidade de 40 anos atrás de 6,3 filhos. A redução da fecundidade ocorreu com mais intensidade nas décadas de 70 e 80. Os anos 90 já começaram com uma taxa baixa de fecundidade: 2,6% que caiu para 2,3% no fim da mesma década. Com a redução da fecundidade notou-se que menos filhos não só facilita a presença da mão-de-obra feminina no mercado, como a permite conciliar melhor o papel de mãe e trabalhadora (PROBST, 2003).

Parece-nos, então, que a inserção e a elevação da renda da mulher no mercado de trabalho no Brasil deram-se mediante dois fatores fundamentais: a queda da taxa de fecundidade e o aumento no nível de instrução da população feminina; dois fatores que contribuem para quebra de tabus em segmentos que antes não empregavam as mulheres (PROBST, 2003).

Em meio a tantos fatos, atualmente, século XXI, segundo Negreiros e Carneiros (2004) nos deparamos com outro modelo de sociedade em que a mulher é chefe de família e o homem dono de casa; a sexualidade dos parceiros é desvinculada da reprodução e a mulher não tem obrigação de responder ao desejo masculino. Nesse novo modelo é esperado que o homem seja ao menos um coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas, e que a mulher exerça no mínimo um papel auxiliar quanto à economia da família, havendo uma possibilidade de parceria entre o casal no que se refere às finanças e afazeres domésticos.

Para Negreiros e Carneiro (2004), no contexto contemporâneo, com a inserção da mulher no mercado de trabalho e ampliação do seu nível de compreensão mediante sua escolarização, as mesmas passaram a manifestar frequentemente expectativas igualitárias; apresentam maior possibilidade de realizarem mudanças, como romper o casamento e modificar o cotidiano familiar. Elas filtraram valores herdados e reafirmaram suas conquistas como o direito à cidadania, à sexualidade, à visibilidade científica, literária e histórica.

Conquistas estas que passaram pelos movimentos feministas, movimento este que atravessou várias décadas aqui no Brasil e que transformou as relações entre homens e mulheres. A frequência da mulher nas universidades, a escolha de sua profissão, o recebimento de salários igualitários, poder fazer parte da política dentre outras conquistas, são sem dúvidas vitórias inquestionáveis desse movimento (DUARTE, 2003).

Com base no exposto pode-se entender que todos esses eventos contribuíram para a reafirmação da identidade da mulher e conseqüentemente influenciaram nos diversos papéis assumidos por elas. Em meio a tantas mudanças na vida destas, nos indagamos como a maternidade está representada pela mulher contemporânea diante dessa sua nova dinâmica social? É esforço nosso tentarmos explicar melhor essa indagação no próximo capítulo.

## **2 MULHER E SUA RELAÇÃO COM A MATERNIDADE**

A maternidade configura-se como uma questão central na constituição e sustentação das ideologias de gênero; a mesma é uma construção social que sofre variação, a depender do contexto histórico, político e econômica (MOREIRA, 2009).

Neste trabalho o conceito de maternidade será compreendido como o processo que envolve gestação, parto, puerpério e criação do (a)s filho (a)s, como pontua Spieker e Booth (1988). Neste sentido, o exercício da maternidade requer reajustes importantes da mulher, que decorrem tanto das alterações do corpo, como das consequentes mudanças de papéis desempenhados no meio sócio-familiar (SILVA; SALOMÃO, 2003).

Para Fontes (2008), a maternidade é uma parte do processo feminino e não uma identidade. A nosso ver, ela deve ser entendida como uma algo que pode vir a fazer parte do processo feminino, como algo que se escolhe e não uma etapa da vida da mulher que lhe é imprescindível, ou uma instituição que lhe é imposta e inerente como se verifica na abordagem patriarcalista de enfoque biologizante.

Tal visão de enfoque biologizante pode ser melhor compreendida a partir do advento ocorrido na França, no final do século XIX e século XX, quando se consolidou a ideia de um amor materno mediante pressupostos de que a mãe dispunha de uma natural capacidade de afetividade com seus filhos. Essa ideia socialmente consolidada naturalizou-se com o conceito de “instinto materno”. Assim foram construídas diversas argumentações biológicas e científicas para justificar e normatizar tais ideias (SZAPIRO et al., 2002).

Essa conjectura encontra terreno fértil no campo de produção de gênero, ou seja, as características pertinentes e naturalizadas na mulher como mãe foram ao encontro de interesses masculinos como forma de exercer poder. Cuidar dos filhos com carinho, aproximando-se com ternura e iniciar sua alfabetização eram consideradas atitudes exclusivamente femininas, fortalecendo-se o vínculo da díade mãe-filho (SZAPIRO et al., 2002).

Esse aspecto pode explicar em parte as cobranças e responsabilidades delegadas à mulher em ser a mantenedora de afeto e educação dos filhos (DEL PRIORE, 2004). A figura

feminina amável, dócil e subalterna era perfeitamente aceita e própria da figura materna socialmente construída, visto que assumia papel de substancial importância dentro da esfera privada comprometida quase que exclusivamente com o cuidado de sua prole.

Trindade e Enumo (2001) apresentam uma face diferente desse papel da mulher, ao mencionarem que no Brasil, principalmente no Nordeste, no século XX, a “identidade” feminina foi fortemente estruturada a partir da representação social da maternidade sob um enfoque puramente biológico, na medida em que se conferia à mulher a reprodução como principal atribuição. Deste modo, as demais características ditas femininas e bastante valorizadas em outros contextos (amabilidade, delicadeza, docilidade, entre outras) acabavam por ficar em segundo plano no seu reconhecimento social.

Na década de 70 o tema da maternidade era raramente analisado, diferente da realidade atual e segundo Chodorow (1979) quando a literatura abordava esse tema o difundia como função e papel exclusivos da mulher e a criação dos filhos por elas como tarefa natural. Assim de forma errônea, entendia-se que estas questões eram típicas de serem vivenciadas pela mulher.

Da década de 70 para atualidade a literatura vem abordando este tema de forma a problematizá-lo e como afirmam Patias e Buaes (2012), por muito tempo, a identidade feminina foi diretamente associada às representações de maternidade e era a maternidade quem caracterizava a melhor ou verdadeira imagem de feminilidade, a ponto de não exercício da maternidade passar a ser encarado como situação desviante.

Contudo, tais representações da maternidade atualmente parecem distanciar-se ou sofrer mudanças dos discursos sociais predominantes. O que se percebe, segundo Patias e Buaes (2012), são estudos que buscam dar voz às mulheres que não querem ser mãe e que procuram problematizar e questionar as representações da maternidade que acabaram transformando-se em senso comum.

Para Maluf e Kahhale (2010), com o crescente acesso da mulher ao ensino superior e também sua marcante presença no mercado de trabalho ocorreram mudanças significativas nos papéis desempenhados por elas na sociedade, bem como aumentaram as expectativas da mulher para com ela mesma. Estes eventos sociais levantaram, em nossa sociedade capitalista, os questionamentos sobre as relações de gênero; as oportunidades de trabalho para os diferentes sexos e as questões envolvendo a sexualidade. Em meio a tudo isso, as mulheres, como grupo, tornaram-se uma força política importante e passaram a ganhar outros contornos que fazem delas um ser em construção, querendo buscar no seu desenvolvimento o poder da realização de suas potencialidades.

Ao desenvolver um estudo com mulheres executivas contemporâneas, do Rio de Janeiro, Maluf e Kahhale (2010) apontam que as participantes destacam uma desvinculação entre sexo e procriação, mas ao mesmo tempo permanece a preservação de papéis e valores tradicionais (mãe, educadora dos filhos, organizadora do espaço doméstico e esposa). Para as entrevistadas do referido estudo, a maternidade hoje é considerada como um dos fundamentos do feminino e não "a essência da condição de ser mulher", como constatado também no trabalho de Rocha-Coutinho (2004).

Percebemos nos trabalhos de Maluf e kahhale (2010); Losada e Coutinho (2007) que a identidade da mulher não se baseia apenas nos velhos papéis de mãe e esposa como também ainda não estão totalmente voltadas para os novos papéis que envolvem uma atividade profissional, mas antes esses dois modelos coexistem.

Existe uma forte tendência da mulher de classe média contemporânea a adiar a maternidade para garantir a busca de uma realização profissional. Elas declaram ser necessário ter condição financeira para se ter o filho. Assim, profissão e maternidade não são excludentes, mas situações integradas (MALUF, KAHHALE, 2010; LOSADA, COUTINHO, 2007).

Já no estudo de Patias e Buaes (2012) vemos outra representação da maternidade pela mulher contemporânea. Neste estudo, as mulheres de classe média, casadas e com nível superior completo ou incompleto produzem concepções de família e da maternidade posicionando-se em outro lugar de reconhecimento que não o da família tradicional nuclear, existe uma recusa da identidade feminina ligada necessariamente à maternidade. A maternidade posta em

discussão surge com novas representações, inclusive como uma escolha feminina e não como destino predeterminado à mulher.

Com esta visão, as mulheres recusam a representação de que os filhos surjam como destino natural de toda mulher e de que a maternidade seja o caminho da plenitude e realização da feminilidade. Segundo Patias e Buaes (2012), para as mulheres de seu estudo seguir esse caminho implica ter uma vida de renúncia e sacrifícios. Para elas, não é a gravidez apenas que traz visibilidade ao feminino, pois a inserção da mulher em outras dimensões da vida também lhes proporciona satisfação, como os campos profissionais, político e acadêmico.

Com estes trabalhos quisemos ressaltar que requer cautela ao abordar o tema da maternidade, pois este parece ser representado de forma diferente pelas mulheres contemporâneas ainda que inseridas no mesmo contexto social. Nos trabalhos de Maluf e kahhale (2010); Losada e Coutinho (2007) a maternidade é representada pelas mulheres como mais uma atividade associada à realização profissional e não algo que precisa ser excluída de suas vidas para se conseguir a realização profissional.

Ou seja, não se trata de adiar ou não exercer a maternidade para garantir a realização profissional, mas se procura trabalhar e buscar realização profissional que lhes tragam independência financeira e conseqüentemente condição para exercer a maternidade. A vida familiar ainda faz parte das escolhas femininas e existe também, ao mesmo tempo, uma “força” que leva as participantes dos estudos de Maluf e kahhale (2010); Losada e Coutinho (2007) a quererem trabalhar a qualquer custo, pois ficar em casa é percebido como fracasso pessoal de alguém que não conseguiu vencer por seus próprios meios.

Já no estudo de Patias e Buaes (2012) a maternidade é representada pelas mulheres como um compromisso que lhes impossibilitaria de realizar projetos futuros devido à eterna responsabilidade da criação dos filhos. Assumir a maternidade para elas está associado à ideia da impossibilidade de realizar esses projetos, pois pela concepção tradicional os cuidados com os filhos tendem a posicioná-las como a cuidadora da família e a responsável pela integridade física e psíquica do filho. Sendo assim, para elas tais atividades as fariam abdicar de certos prazeres pessoais, que implicaria em sacrifício e renúncia a seus próprios desejos e projetos de vida. Assim, a maternidade não é um fenômeno que lhes completaria e o filho não é por elas visto como uma completude em suas vidas.

No trabalho de Patias e Buaes (2012) percebe-se que os discursos ganham força no sentido de valorizar a realização profissional e financeira, contra as representações de maternidade associadas à abnegação e sacrifícios de suas vidas em favor de cuidar de outra pessoa. A não maternidade por opção pode estar significando a preferência por constituição de vínculos mais fluidos, maior liberdade e possibilidades de participação em outros cenários sociais.

Esses trabalhos revelam haver em alguns casos certa dificuldade por parte das mulheres contemporâneas em concentrar toda a sua vida apenas na família ou apenas na profissão e em outros casos uma exclusão definitiva do exercício da maternidade em prol da realização profissional. Tais revelações reforçam a ideia de que o tema da maternidade permanece polêmico na sociedade e merece cuidados ao ser abordado no meio acadêmico ou outros espaços que o contemplem.

Se os debates sobre a maternidade por mulheres adultas são percebidos como diversos e as representações dessa maternidade pelas mulheres contemporâneas não são hegemônicas, então as concepções da maternidade para diferentes mulheres, sejam elas adultas ou adolescentes, que fazem parte de uma história contemporânea de reflexões e criticidade, devem ser abordadas com cautela, analisadas e compreendidas de maneira cuidadosa.

Antes de abordarmos o capítulo da Maternidade na Adolescência, traremos as diferentes concepções de adolescência, uma vez que são muitas e diversificadas as correntes que se debruçam sobre essa fase ou etapa da vida. Além disso, a compreensão das discussões acerca da maternidade na adolescência pode ser facilitada quando entendemos como e de que forma esse conceito foi construído.

### 3 ADOLESCÊNCIA

Não existe um consenso acerca da definição de adolescência na literatura psicológica, bem como nas diversas ciências que a estudam (GUIMARÃES, s.d). Além disso, observa-se que, a depender da perspectiva teórica adotada, a terminologia sobre a adolescência sofre mudanças, a exemplo do uso do termo juventude e a descrição cronológica do período que se define como adolescência. Nesse caso, a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965) concebe adolescência como um período biopsicossocial que compreende a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2007a) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2007b). Já para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, no seu Art.2º, adolescência é caracterizada como o período que discorre dos 11 aos 18 anos (BRASIL, 2007c; FERREIRA, 2010).

Na perspectiva biologizante, o adolescente vivencia um período de contradição, confuso e com ambivalências, caracterizado por fricções com o meio familiar e social (ABERASTURY, 1981). Ele experimenta uma vontade biológica que vai impondo uma mudança e tanto a criança (futuro adolescente) como os pais devem aceitar que o corpo infantil está se perdendo. Para esta autora a “problemática” do adolescente começa com as mudanças corporais, com a definição de seu papel na procriação e segue-se com mudanças psicológicas.

Contudo, Aberastury (1981) acredita que parte de toda essa “dor” poderia ser suavizada com mudanças nas estruturas familiar e social, pois geralmente são os adultos que descrevem os adolescentes como problemáticos e pouco se fala da dificuldade dos pais em aceitar o crescimento do adolescente e assim estabelecer uma relação de adulto para adulto.

Isso implica dizer que os pais também têm dificuldades para aceitar o crescimento como consequência do sentimento de rejeição que experimentam frente à genitalidade e à livre manifestação da personalidade que surge com a adolescência. Por isso, Aberstury (1981) defende que o enfoque dado aos estudos da adolescência será sempre incompleto enquanto não se levar em conta a ambivalência e resistência dos pais em aceitar o processo de crescimento.

Knobel (1981), por sua vez, defende que os estudos da adolescência não devem ser focados nos fatores socioculturais, ao fazer isso se desvia do problema básico fundamental da circunstância evolutiva que significa essa etapa, com toda sua bagagem biológica. Para ele, estudar adolescência só como uma característica social seria realizar uma abstração muito parcial de todo o processo humano.

Para ele, o elemento sociocultural influi nas manifestações da adolescência, mas existe por trás dele um embasamento psicobiológico que lhe dá características universais. Ou seja, o redespertar da sexualidade no nível de maturidade genital é um fenômeno básico da adolescência.

Assim, as rebeliões são reflexos dos conflitos de dependência infantil que ainda persistem. Por isso, os adolescentes têm uma verdadeira patologia normal. Os mesmos passam por desequilíbrio, instabilidades, timidez, desinteresse, conflitos religiosos, afetivos, etc. Tudo isso caracteriza ao ver de Knobel (1981) uma síndrome “normal” da adolescência.

Estas são definições da adolescência respaldadas numa perspectiva biologizante, que comunga com a descrição cronológica e a define como sendo uma fase natural do desenvolvimento. Tais definições são questionadas pela psicóloga Bock (2004), pois para esta autora as características biológica e psicológica dessa fase são de forma equivocadas compreendidas como naturais.

Além da perspectiva biologizante, ao nos reportarmos ao conceito da adolescência também nos deparamos com a perspectiva cultural (CALLIGARIS, 2000; BECKER, 1989). Para Becker (1989), a adolescência é entendida como a passagem de uma atitude de simples espectador para uma atitude ativa, questionadora. Já para Calligaris (2000), a adolescência nada mais é que um ideal dos adultos, ou seja, o adulto vive sob um ideal de cultura dominante em que seus prazeres devem ser negados, mas o adolescente burla essa dominação e acaba por ser um ideal possivelmente identificatório para adulto. Como uma forma de repreender esse “burlar” os adultos que os julgam, sentem-se incomodados, ameaçados e assim costumam reagir com total incompreensão, rejeição e acabam por reforçar sua autoridade para com os adolescentes (CALLIGARIS, 2000).

Acreditando na figura do adolescente como um indivíduo capaz de enriquecer a sociedade, com novos valores e novas perspectivas, e de enfrentar as dificuldades que lhes são

apresentadas, Calligaris (2000) vislumbra a adolescência como um processo positivo e não como uma fase problemática, como preconiza o pensamento hegemônico. Segundo o autor, o problema se origina no adulto que não é capaz de acolher o adolescente como um candidato para ingressar na vida adulta e acaba por excluí-lo, atribuindo-lhe, desse modo, características estereotipadas.

Ainda que Becker (1989) e Calligaris (2000) iniciem as discussões sobre adolescência pelo viés cultural, mas para Bock (2004) tanto na versão de Calligaris quanto na de Beck, a adolescência ainda fica concebida como uma fase difícil e problemática da vida, que deve ser superada. Na visão desses dois autores o adolescente como parceiro social é visto com desconfiança e suas ações são tidas como imaturas.

Situando melhor o debate dentro da perspectiva sócio-histórica, Bock (2004) com base em seus estudos, problematiza dentro do campo da psicologia social as discussões relacionadas à adolescência. Para a autora, a adolescência tem sido compreendida, em quase toda a produção sobre o assunto, na psicologia, como uma fase natural do desenvolvimento, isto é, todos os seres humanos, na medida em que superam a infância, passam necessariamente por uma nova fase, intermediária à vida adulta, que é a adolescência.

Para Bock (2004), dentro da perspectiva naturalizante, a adolescência tem sido pensada como se fizesse parte da natureza humana e como algo que desabrocha ao final da infância e antes da vida adulta. A mesma é apresentada com características que são tomadas como naturais e todos os indivíduos passam obrigatoriamente por essa fase do desenvolvimento.

Procurando contrapor tal visão naturalizante, Bock (2004) adota a perspectiva sócio-histórica, que tem como referência as concepções de Leontiev (1979). Estes definem a adolescência como não sendo uma fase natural do desenvolvimento humano e discordam que exista um desabrochar instantâneo ao final da infância e antes da vida adulta. Para estes autores, a adolescência não é vista como algo familiar, biológico ou fase do desenvolvimento humano, mas sim como um constructo sócio-histórico que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Assim estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo e estas marcas constituem

também a adolescência como fenômeno social. Mas, o fato de existirem como marcas do corpo não devem fazer da adolescência um fato natural.

É claro que o adolescente tem um corpo que se desenvolve com suas características próprias. Mas, de acordo com Ozella e Aguiar (2008) é importante compreender que elementos biológicos e fisiológicos não têm expressão direta na subjetividade. Quando a adolescência é definida dessa ou daquela forma, assim o é porque a sociedade atribui significações com base em realidades sociais. Tais significados atribuídos servem como referência para que o sujeito se constitua. Logo, a adolescência não é negada, apenas acredita-se que ela é produto histórico do homem e de como ele a representa psicológica e socialmente.

Na perspectiva sócio-histórica, percebemos que a adolescência é compreendida como um fato social e se caracteriza como uma identidade social. Nesta perspectiva não se trata de questionar o que é adolescência, mas sim procurar entender como esse período da vida se constitui historicamente. Isso porque, para essa abordagem, só é possível compreender qualquer fato a partir da sua inserção na totalidade, na qual esse fato foi produzido e significado (BOCK, 2004).

Por isso, Silva e Lopes (2009) acreditam que a adolescência enquanto construção sócio-histórica, relacional e econômica deve ser pensada como em constante mudança dentro da sociedade contemporânea e não pode ser limitada a um estágio biológico e universal do desenvolvimento humano.

Para entendermos melhor sobre essa construção sócio-histórica do conceito, discorreremos a seguir sobre a gênese do mesmo, pois é importante entendermos que na construção da “fase” adolescência tanto estão implicados os aspectos biológicos, como também históricos.

A fase que hoje denominamos de adolescência é vista desde a Antiguidade pelo prisma da impulsividade e excitabilidade. As pessoas dessa faixa-etária, hoje denominados adolescentes, casavam-se aos 15 ou 16 anos e via-se a fase da puberdade como um período de preparação para os afazeres da vida adulta: no caso do sexo masculino, a guerra ou a política; no caso do sexo feminino, a maternidade (FERREIRA, 2010).

Sendo assim, a adolescência, tal como a conhecemos hoje, nem sempre foi considerada uma etapa singular da vida humana. Esse período, compreendido atualmente

como um intervalo entre a infância e a vida adulta, é um fenômeno relativamente recente na história humana (BOCK, 2004).

A ideia do que hoje chamamos de adolescência é apenas presentida a partir do século XVIII, pois na Idade Média, a consciência das particularidades da infância não existia; não havia distinção entre crianças e adultos (PATIAS et al., 2011). A ideia de infância relacionava-se exclusivamente com a noção de dependência da criança para com os adultos (mãe e amade-leite); só quando a criança não dependia mais do adulto para se alimentar, era que ela passava a ter os mesmos direitos e deveres, ou seja, tornava-se adulto (GROSSMAN, 2010).

Nesse contexto, de forma “natural”, as meninas-mulheres desde cedo casavam e tinham seus filhos em idades que hoje, em termos cronológicos, chamamos de adolescência.

No século XVIII, caracterizado pelas fortes mudanças socioeconômicas, a escola passou a assumir o papel instrumentador e socializante; foi através dela que houve uma separação entre o que é ser criança e o que é ser adulto, permitindo que se estabelecesse a noção de idade, o que marca a dimensão social da infância. Foi assim que se constituiu o conceito de infância enquanto período de longa duração (REIS; ZIONI, 1993) e ficou conhecido como merecedora de cuidados específicos (BADINTER, 1985).

Com as mudanças mencionadas anteriormente, a partir do século XVIII, a escola passou a exercer a função de ensino, vigilância e enquadramento da juventude. É assim que mais tarde, não só na escola como no exército, germinou a noção de adolescência, como uma forma de transição entre o "homem" e o "menino" (REIS; ZIONI, 1993).

No final do século XIX, com a Revolução Francesa, o conceito de adolescência surge na cultura ocidental mediante a necessidade de maior qualificação e profissionalização dos indivíduos na sociedade industrial (PATIAS et al., 2011).

Todos esses fatos possibilitaram o desenvolvimento da noção de que existe um período necessário ao amadurecimento do indivíduo, que apresenta características diferenciadas (adolescência).

No Brasil, o processo de construção da adolescência não se procedeu na mesma época nem da mesma forma que ocorreu na Europa, pois o processo foi mais lento e esteve atrelado às características da formação social da época, mesmo porque aqui no Brasil, ainda em meados do século XIX existia a escravidão. Sendo assim, enquanto que na Europa no século XIX já eram claras as diferenças entre adultos e infantes e havia a preocupação em classificar

o adolescente e sua relação com a escola, aqui no Brasil, na mesma época, os filhos homens dos senhores de engenho aos 9 anos de idade vestiam e comportavam-se como adultos, e os meninos filhos de escravos, sem nenhuma disciplina escolar já aos 5 anos de idade se tornavam adultos.

Com relação às meninas, estas se casavam aos 12 ou 13 anos, procriando com essa mesma idade. Em alguns casos, o aristocrata escravagista permitia que suas filhas se casassem até com oito anos. A elas era dispensada a educação, observava-se um atraso de um século ou mais em relação à norma europeia. Das sinhás-moças só se esperava o casamento. Deste modo, elas não só desconheciam a instituição escolar, como muitos pais, em casa, impediam-lhes o acesso as primeiras letras. Diante disso, até final dos anos 50, era comum a gestação na adolescência em idades, consideradas hoje, precoces (REIS; ZIONI, 1993).

Ainda se referindo as características sociais do Brasil e suas implicações na construção da adolescência, até o século XIX, nas famílias abastadas, eram as escravas que cuidavam das crianças, pois não era uma atividade delegada às mães. Devido às altas taxas de mortalidade infantil, passou-se, então, a haver uma preocupação por parte dos médicos, com questões higiênicas, que passaram a focar principalmente, no contato das crianças com as amas de leite (PATIAS et al., 2011).

É nesse período que ocorre o desenvolvimento do modelo biomédico de compreensão da saúde e da doença. Nesse modelo, a saúde pública passou a intervir, com ações preventivas, para evitar a propagação de doenças por meio da manipulação do meio ambiente e do contato interpessoal –, inicia-se o movimento higienista (PATIAS et al., 2011).

Esse movimento focou sua atenção na mulher branca e abastada, já que a escrava jamais poderia desempenhar a disseminação dos novos valores propostos pelos médicos, pois elas eram consideradas as responsáveis pela disseminação de “maus hábitos”. Dessa forma, a mulher branca teve que abandonar suas antigas responsabilidades de gerenciamento da casa e dos escravos, e dedicar-se principalmente aos cuidados com os filhos, sem intermediação das escravas (REIS; ZIONI, 1993).

Inspirada pela Higiene, a mulher transformou-se em mãe "amantíssima" de filhos criados para uma vida mais pública, mais urbana e menos doméstica. O modelo da higiene trouxe a necessidade de construção de um elo de transição que ligasse a vida doméstica à vida pública, econômica e política. Só que esta passagem era necessariamente um tempo de

preparação para a criança brasileira se desprender dos braços maternos e ingressar no mundo adulto (REIS; ZIONI, 1993).

Assim, o surgimento da adolescência no Brasil deu-se devido à emergência da época em criar indivíduos aptos para entrarem na vida pública, pois o mundo externo a casa era o da produção e cabia aos homens e não as mulheres. Segundo Reis e Zioni (1993), o processo de passagem do qual emerge a figura da adolescência no Brasil foi presumivelmente uma experiência masculina.

Nesse sentido, a adolescência ficou entendida como um período dotado de características próprias, considerada como etapa do desenvolvimento do indivíduo, na qual ele deve aproveitar para realizar sua escolarização e adquirir qualificação profissional (GROSSMAN, 2010).

A partir da metade do século XX, com o desenvolvimento do conceito de adolescência e com a desvinculação do exercício sexual da reprodução, a gestação na adolescência passou a ser considerada um “problema”. Considerava-se que quando a gravidez ocorre nesse momento da vida, perdem-se oportunidades importantes ao desenvolvimento saudável do indivíduo, como a aquisição de uma melhor qualificação educacional e profissional (BERLOFI et al., 2006).

Com base nessa breve retomada histórica acerca da construção do conceito de adolescência é possível apreender que não só o conceito da adolescência como o da maternidade na adolescência foram construídos social e historicamente. Por isso, podemos interpretá-los como passíveis de mudanças; e que a maternidade na adolescência, aqui no Brasil ficou associada ao sentido “negativo”.

Tendo por base todo o exposto, podemos entender que a adolescência enquanto fenômeno social pode apresentar características construídas e significadas que em determinados contextos podem fazer sentido e em outros não, como é o caso da força dos meninos que já foi entendida como uma característica para trabalhar, guerrear e caçar e hoje é vista como beleza, sensualidade e masculinidade (BOCK, 2004). Também é o caso da maternidade nas mulheres adolescentes que na idade média (nas comunidades feudais) era aprovada e hoje século XXI não o é mais devido às implicações na vida educacional e profissional dessas mulheres adolescentes.

A adolescência pode ser pensada como uma construção social, passível de renovações de acordo com o contexto socio-histórico e também pode ser entendida como algo além de

uma determinada faixa etária com transformações físicas e características típicas dessa fase (FROTA, 2007; JOVER, NUNES; 2005).

Partindo do ponto de vista sócio-histórico, pode-se arriscar dizer que ser adolescente, na sociedade contemporânea, é vivenciar uma experiência inédita. Se a história não se repete e os processos culturais sofrem alterações, subentendemos que a adolescência, bem como a maternidade na adolescência podem não ter as mesmas representações ao longo dos anos. Abordaremos em seguida a maternidade na adolescência.

#### 4 A MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Diferente do que apontava Chodorow (1979), notamos que historicamente a maternidade e o papel social da mulher vêm sendo discutidos amplamente (ALMEIDA et al. 1987; BANDINTER, 1985; ENGELS, 1984; NEGREIROS, 2004; PROBST, 2003; COUTINHO, 2012; PATIAS, BUAES, 2012; MALUF, KAHHALE, 2010; LOSADA, COUTINHO, 2007). Quando a maternidade está relacionada à adolescência, esse tema torna-se ainda mais polêmico, sendo abordado por diversas áreas do conhecimento, bem como por diferentes perspectivas teóricas como a biológica e sociocultural.

A perspectiva biológica, por exemplo, considera o fenômeno da maternidade na adolescência como um problema social e de saúde pública e adota a concepção universalizadora e naturalista da adolescência (FROTA, 2007). Nos estudos sobre a maternidade na adolescência por esta perspectiva parecem predominar um caráter descritivo, cujo delineamento é transversal e quantitativo do tema (CHARLEM et al. 2007; DIAS, AQUINO, 2006; MCCALLUM, REIS, 2006; SILVIA, COUTINHO, KATZ, SOUZA, 2013). Também com esta perspectiva encontram-se trabalhos que utilizam de comparações entre mães adolescentes e adultas, (FIGUEIREDO, PACHECO, MAGARINHO, 2005), o que nem sempre é o mais adequado, em função das diferenças sociais, econômicas e culturais geralmente existentes entre os dois grupos.

De acordo com levantamento bibliográfico acerca do tema por Levandowski, Piccinini e Lopes (2008) a literatura aponta, em algumas situações, que os estudos biologizantes apresentam um modelo deficitário das mães adolescentes, caracterizando-as como sexualmente promíscuas, dependentes dos benefícios estatais, irresponsáveis e possuidoras de pobres habilidades parentais. Tais concepções negativas e reducionistas podem influenciar na atuação dos profissionais que lidam direta e indiretamente com o tema, seja no desenvolvimento de pesquisas, na assistência pré-natal, na compreensão à “nova” mãe adolescente frente à outra constituição familiar, dentre outros.

A perspectiva sociocultural, por outro lado, entende que a maternidade na adolescência possui relação com o contexto socioeconômico, cultural e histórico em que a pessoa está inserida (PATIAS, 2011).

Respaldados por esta perspectiva estudos como Santosa (2003); Esteves e Menandro (2005); Carlos et al. (2007); Oliveira (2010), Mendes, Soares, Jongenelen e Martins (2011); Figueiredo, Pacheco, Magarinho e Costa (2006) procuram abordar o tema sem se posicionarem de forma valorativa; eles tentam pontuar os diversos aspectos envolvidos da maternidade na adolescência, abordando todos os fatores envolvidos. Nesse sentido, os autores têm procurado sinalizar que ao estudar o tema da maternidade na adolescência muitos fatores devem ser considerados como: o contexto social, cultural, econômico etc.

Trabalhos como estes vêm comprovar as mudanças que estão ocorrendo nos estudos sobre o tema ao longo das últimas décadas, pois segundo Levandowski, Piccinini e Lopes (2008) as pesquisas mais atuais (da década de 90, especialmente) parecem ter um caráter mais compreensivo sobre a questão, buscando um maior aprofundamento no entendimento das vivências das adolescentes ao considerar o contexto social, cultural e econômico. Os trabalhos sinalizam que as experiências, motivações e aspirações destas jovens parecem variar enormemente. Isso porque a maternidade na adolescência, assim como na fase adulta, é um fenômeno multifacetado e necessita de uma apreciação que considere seu aspecto dinâmico e complexo. A vivência da maternidade pela adolescente necessita ser compreendida também dentro de um contexto sociocultural, tendo em vista que esta vivência pode acontecer de formas diferentes de acordo com suas singularidades (SOUSA, 2009).

No trabalho de Folle e Geib (2004) encontramos que na vivência da gravidez precoce, a adolescente defronta-se com as alterações corporais que podem afetar sua autoimagem e autoestima e que este estado pode ser agravado pela insegurança no cuidado com o bebê, decorrente de sua inexperiência e imaturidade. Contudo, Silvia et al.,(2009) sinalizam que é importante ter em vista que na maternidade, independente da idade, a mulher passa por dificuldades decorrentes da mudança de papel social, necessidade de novas adaptações, reajustes interpessoais, intrapsíquicos e mudança de identidade.

Então, discutir o tema apenas sob uma única ótica, sob uma suposta determinação biológica ou pelos vieses naturalizante e generalizante não facilita na compreensão do referido fenômeno, seja a maternidade relacionada a mulheres adultas ou adolescentes. Até

mesmo os possíveis riscos para o desenvolvimento da criança, bem como para a saúde da gestante não devem ser relacionados diretamente à idade, mas aos eventos negativos, que uma vez presente na vida das mulheres sejam elas adolescentes ou não, aumentem a probabilidade de se apresentar problemas, seja na gravidez, na criação dos filhos etc.

Para Santos e Schor (2003), os significados da maternidade podem não ser únicos ou definitivos e tem aspectos tanto positivos como negativos para a adolescente. Por isso, não se pode generalizar tais significados e implicações destes eventos na vida das adolescentes.

Segundo König, Fonseca e Gomes (2008) a alternância dos significados para a maternidade na adolescência, enquanto positivos e negativos, está relacionada direta ou indiretamente com o contexto familiar, econômico, psicológico e social da adolescente, pois algumas delas em pesquisas expressam sentimentos de medo em relação aos cuidados com o bebê, estresse emocional, mas também revelam o aumento da autoestima, felicidade, orgulho, maturidade e crescimento.

A partir de um estudo sobre a maternidade na adolescência König, Fonseca, Gomes (2008) verificaram que as adolescentes, ao engravidarem, têm a representação social “positiva” da maternidade, a qual pode significar a conquista de respeito e um papel social privilegiado.

Após o nascimento do bebê, algumas mães adolescentes tendem a abandonar comportamentos de risco (como o uso de drogas) como medida de proteção ao bebê e, por conseguinte, começam a aspirar uma qualidade de vida melhor. Assim, a maternidade na adolescência, pode ser um fenômeno motivador da mãe adolescente, em alguns casos, que apesar de muitas vezes interromper seus estudos, pode ainda continuar fazendo planos de reiniciar ou continuar estudando, fazer um curso superior e obter um bom emprego (SOUSA, 2009).

No trabalho de Santos e Schor (2003) também se pode observar a maternidade como positiva, no sentido em que as adolescentes buscam a estabilidade e permanência, revelada através da percepção do filho como propriedade, ou como uma tentativa de obter autonomia e atingir a maturidade, ou ainda como a percepção da própria competência para dar conta das tarefas junto ao bebê. Elster (1986) destaca que existem casais adolescentes com um bom

desempenho na vida familiar, escolar e nos cuidados com a criança, demonstrando que o exercício da maternidade e da paternidade pode propiciar benefícios em suas vidas.

No trabalho de Salomão e Silva (2003) constatou-se que, no geral, a concepção acerca do exercício da maternidade é favorável. Isso vem de certa forma desmistificar a ideia de que a maternidade na adolescência é sempre um “terremoto” na vida dessas jovens.

Para refletir sobre a maternidade na adolescência, Moresco (2005) sinaliza que o adolescente é considerado, cultural e socialmente pelos profissionais que trabalham com estes, como um indivíduo que procura por uma identidade, como se ele não tivesse uma identidade própria. Para Moresco, tal percepção de adolescente pode influenciá-lo a utilizar subterfúgios como a gravidez, para ter visibilidade como sujeito. Embora o autor acredite que a gravidez, ao invés de auxiliar o adolescente nessa sua afirmação enquanto sujeito, pode tornar suas oportunidades mais escassas.

O pensamento de Moresco (2005) acerca do adolescente assemelha-se às ideias de Leontiev (1979), já discutidas anteriormente neste trabalho, para quem o adolescente não é um adulto em andamento, nem em miniatura, nem um ser em crise e muito menos uma pessoa que adquire sua identidade social porque tem uma idade cronológica determinada. Trata-se de uma pessoa capaz de assumir suas representações, significados e interpretações.

Trata-se de mais uma forma de ação do homem sobre o mundo com repercussões na sua subjetividade e no seu próprio desenvolvimento. É mais um momento significado pelo homem, com conteúdos específicos do momento e também das condições sócio-históricas, marcado pela atividade que se realiza e que é importante para o desenvolvimento da personalidade do humano (adolescente).

Devido à visão naturalizante da adolescência é que o sistema de políticas públicas no Brasil voltadas para o adolescente é em sua maioria inadequada e ineficaz, porque não foram feitas pensadas para este público. Ainda que no Brasil o desenvolvimento de programas voltados para gravidez na adolescência, tanto em serviços de saúde como em escolas, seja uma preocupação do governo (MOCCELLIN, COSTA, TOLEDO, DRIUSSO, 2010), é importante que estas ações sejam planejadas, pensando nas particularidades de cada contexto social e indivíduos.

De fato, assim como afirmam Nogueira, Moderna e Schall (2010) a criação desses programas voltados para atender as necessidades e especificidades desse público é considerada um desafio para realidade brasileira. Infelizmente a discussão acerca da saúde do adolescente é incipiente, e isso é reflexo da política nacional de saúde que prioriza em suas diretrizes gerais, a assistência ao grupo materno-infantil. Ou seja, políticas que priorizam as mulheres enquanto mães, sejam elas adultas ou adolescentes, sendo as ações voltadas para os cuidados no parto, puerpério e o controle da mortalidade infantil.

A política de saúde na atenção básica tem o recorte da criança, da mulher e do idoso, ficando o adolescente relegado ao grupo de atendimento à criança ou do adulto. Não há ainda programas voltados exclusivamente para o comportamento sexual do adolescente, envolvendo sua saúde sexual, reprodutiva e que garantam, aos mesmos, o exercício da sexualidade de maneira segura e responsável ou atenção preventiva (NOGUEIR; MODERNA; SCHALL, 2010)

Nesta pesquisa, entende-se que o adolescente, enquanto pessoa capaz de assumir suas representações, significados e interpretações, pode tomar suas próprias decisões de forma consciente e tem direito a exercer sua vida sexual. Entende-se também que quando o adolescente encontra-se envolvido com a maternidade é preciso levar em consideração suas realidades e o contexto contemporâneo em que se encontram.

Nota-se com base no apanhado histórico que a mulher está inserida em um contexto social que valoriza projetos profissionais e que parece haver uma relação direta entre os fatores: escolaridade, profissão e maternidade. Por tudo isso, pretende-se nessa pesquisa identificar quais as representações sociais que as adolescentes têm da maternidade sejam elas mães ou não, por elas estarem inseridas nesse contexto social. Além disso, destacamos a natureza polêmica do fenômeno, tornando-o objeto de estudo da Teoria das Representações Sociais, temática abordada no próximo capítulo.

## **5 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Iniciaremos esse capítulo com uma breve discussão acerca do conceito de representação, tão difundido na literatura psicológica e que merece que o situemos no presente estudo. Em seguida, discutiremos os conceitos básicos da Teoria das Representações sociais elegidos aqui como aporte teórico-metodológico do estudo, ao destacar os conceitos de objetivação e ancoragem de Moscovici (2012), bem como o conceito de experiência vivida de Jodelet (2005).

### **5.1 Representação**

A Representação não é apenas um fenômeno mental cognitivo, ela não ocorre apenas no nível dos processos intra-individuais, pelo contrário, representações são construções ontológicas, psicológicas, sociais, culturais e históricas. Assim, as representações são fenômenos complexos e seus conteúdos devem ser cuidadosamente estudados (SPINK, 2004; JOVCHELOVITCH, 2011).

A representação é um processo fundamental da vida humana e esse processo subjaz o desenvolvimento da mente, do Eu, da sociedade e da cultura. Ela é um fenômeno que envolve um processo simbólico e social, que contém as dimensões cognitivas e também sociais, sendo a representação construída pelas inter-relações sujeito-outro-objeto (JOVCHELOVITCH, 2011).

Jovchelovitch (2008) afirma que as representações não são apenas um fenômeno mental, porque a elas estão atribuídas às funções simbólicas. São essas funções simbólicas que nos permitem, nos estudos de representação, englobar objetivos de expressão, e não apenas ficarmos restritos aos objetivos puramente epistêmicos, pois os objetivos de expressão ligam a forma representacional à lógica do Eu, das relações Eu e Outro e dos contextos sociais. Por tudo isso, tanto o contexto social como os significados são considerados pela psicologia social dimensões fundamentais de todos os fenômenos representacionais.

## 5.2 Teoria das Representações Sociais

Quando nos referimos às representações sociais, estamos nos remetendo tanto a uma teoria como a um fenômeno. Enquanto teoria apresenta um conjunto de conceitos (ancoragem, objetivação, comunicação, polifasia cognitiva e outros) articulados que buscam explicar como os saberes sociais são produzidos e transformados em processo de comunicação e interação social. Enquanto fenômeno é um conjunto de regularidades empíricas que compreendem que as ideias, os valores e as práticas de comunidades estão relacionados com os processos sociais e aos objetos sociais específicos (JOVCHELOVITCH, 2008). Também, enquanto fenômeno as representações sociais são inseridas por Moscovici especificamente nos estudos do conhecimento do senso comum, sendo estas entendidas como formas de conhecimento prático (SPINK, 2004)

Dito isto, o suporte teórico deste estudo será a Teoria das Representações Sociais (TRS), porque iremos abordar um conhecimento que é compartilhado por um grupo específico (adolescentes), bem como por ser um fenômeno que se constitui polemicamente. Esse é um estudo sobre senso comum e é a TRS com o seu conhecimento científico que se propõe a compreender e explicar a construção do senso comum ou o conhecimento leigo. Alguns conceitos próprios da TRS servirão de inspiração para a construção do presente estudo, a exemplo dos conceitos de ancoragem e objetivação de Moscovici (1986) e o conceito de experiência vivida de Jodelet (2005).

A TRS é uma das três principais perspectivas teóricas da abordagem sociológica da Psicologia Social. Ela é a versão de Serge Moscovici sobre o senso comum, entendendo este como forma socialmente elaborada, difundida e aceita de interpretação da realidade (CASTAÑO, 2004). É uma teoria sobre os saberes sociais; aqui vale ressaltar que saber social pode ser qualquer tipo de conhecimento (ciência, senso comum, mitos, crenças, superstições, ideologias, etc), como bem destaca Jovchelovitch (2008).

Portanto, a Teoria interessa-se pelo fenômeno específico das representações sociais, entendendo-as como saberes produzidos na e pela vida cotidiana, que são as teorias do senso comum. Estas teorias enquanto conjuntos de conceitos articulados têm origem nas práticas sociais e nos diversos grupos e têm como função dar sentido à realidade social, produzir identidades e orientar condutas (SANTOS, 2005).

A teoria se preocupa em compreender como as pessoas comuns, comunidades e instituições diferentes, em diferentes contextos e com diferentes padrões culturais, produzem

saberes sobre si mesmas, sobre outros e sobre objetos sociais relevantes. A teoria traz essas reflexões por acreditar haver uma conexão entre o saber, a vida e os diferentes contextos (JOVCHELOVITCH, 2008).

Ela nos faz pensar que o conhecimento assume diferentes formas e é sustentado por diversas racionalidades. O senso comum, enquanto conhecimento leigo tem uma sabedoria e é irreduzível a outros sistemas de conhecimento (JOVCHELOVITCH, 2008), não sendo, portanto, inferior ao conhecimento da ciência, tendo suas particularidades enquanto outro tipo de saber.

Para Moscovici (1976), o conhecimento do senso comum não se contrapõe ao conhecimento científico, apenas ele é de outra ordem de conhecimento da realidade, uma forma de saber diferenciado tanto na sua formação quanto na sua função. O mesmo é elaborado, portanto formado, a partir dos processos de objetivação e ancoragem; segue uma lógica natural e tem como função: orientar condutas, possibilitar a comunicação, compreender e explicar a realidade social e justificar a posteriori as tomadas de posição e as condutas do sujeito, como define Santos (2005).

O saber do senso comum além de ser plural, porque envolve tantos os processos intra-individuais como os psicológicos, sociais, culturais, históricos e ontológicos está intimamente ligado ao mundo da vida e da experiência vivida de uma comunidade, o que demarca seus referenciais de pensamento, ação e relacionamento.

Assim a TRS procura reatribuir ao conhecimento do senso comum o status epistemológico dos saberes ligados à vida cotidiana, procurando defender que nessas formas de conhecimento coexiste o simbólico, o social, os hábitos culturais, identidades, tradições culturais, emoções e práticas de vários tipos. Conhecimentos estes que possuem racionalidades estão relacionados e têm seus valores (JOVCHELOVITCH, 2008).

Delimitando melhor tais conceitos, nesse estudo quando nos referimos ao senso comum, estamos nos reportando as “representações sociais” que é uma forma de conhecimento compartilhado e articulado e que se constitui em uma teoria leiga a respeito de determinados objetos sociais. Estamos nos referirmos às “representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes mães e não mães” e estamos nos debruçando sobre o conhecimento leigo compartilhado entre esse grupo (adolescentes) e sobre um objeto social específico que faz parte do cotidiano deste grupo que é a maternidade na adolescência.

Vale ressaltar que não é todo e qualquer conhecimento do senso comum que é representação social, pois para ser representação social, o objeto (o que se investiga) tem que ser polimorfo, ou seja, passível de assumir formas diferentes para cada contexto social (SANTOS, 2005).

Segundo Moscovici (2012), as representações sociais, enquanto modalidades de conhecimento particular têm por função a elaboração de comportamentos; sistematizam a comunicação entre os indivíduos; dão sentido à realidade social a partir de suas teorias e produzem identidades. Elas são estruturas de conhecimento cognitivas, afetivas e avaliativas, oriundas da relação de reciprocidade entre o indivíduo e a sociedade, que facilitam e orientam o processo da informação social.

Por isso, a TRS entende que o homem é um sujeito contextualizado social e histórico, constituído na relação com o outro, sendo um sujeito que constrói a realidade social e é por ela construído em uma relação concomitante e ativa. Moscovici (2012) acredita que a história não existe independentemente dos sujeitos que as produzem. É nesse sentido que a TRS procura contribuir com a psicologia social, trazendo fundamentos com base em teorias da sociedade e também teorias do sujeito; na intenção de resgatar o compromisso com o social e o indivíduo, mostrando que sociedade e sujeito não caminham separados (JOVCHELOVITC, 2008).

Afastando-se das perspectivas individualistas, que findam por serem dicotômicas, Moscovici entende que as Representações sociais integram tanto a *experiência* como a *vivência* dos sujeitos que a constroem, com sua história e cultura. Para Moscovici (1976 p.56-57)

Representar alguma coisa não é simplesmente duplicá-la, repetí-la ou reproduzí-la; é reconstituí-la, retocá-la (...). As Representações Sociais são obras nossas e sua existência no exterior leva a marca de uma passagem pelo psiquismo pessoal e pelo social.

Sendo assim, as Representações Sociais têm o sentido coletivo e são criações do decurso da comunicação, assim adquirem vida própria e circulam dando oportunidade ao nascimento de novas representações, podendo levar a mudanças nas mesmas (RIBEIRO, 2011).

Para compreendermos melhor as formas de construção das representações sociais, faz-se necessário entendermos sobre os conceitos de objetivação e ancoragem de Moscovici

(2012), processos de elaboração do senso comum. Além disso, nesta pesquisa também é importante entendermos o conceito de experiência vivida de Jodelet, já que a experiência pode influenciar ou ser influenciada pelas representações sociais.

A ancoragem e a objetivação permitem a transformação do não familiar em familiar (MOSCOVICI, 2011). Esses são os dois processos que geram as Representações Sociais. A ancoragem é o processo que transforma algo desconhecido e perturbador em algo conhecido, através da comparação por categorias já conhecidas. Nesse processo, o objeto novo (conceito, imagem) é reajustado para que se enquadre na categoria já conhecida pelo sujeito. Ancorar é conceituar, nomear alguma coisa (SANTOS, 2005). É atribuir categorias e nomes à realidade (MOSCOVICI, 2003).

Ela consiste em um processo de assimilação, enquadre de novas representações em um sistema de conhecimentos prévios e familiar, ao passo que, tanto os novos elementos sofrem alterações desse sistema de pensamentos, quanto o sistema sofre alterações por parte das novas representações (SANTOS; FELIX; MORAIS, 2012).

O processo de ancoragem é também uma estratégia de classificação do objeto, a partir do sistema de conhecimentos preexistentes, numa tentativa de aproximar e familiarizar o que é novo, estranho e ameaçador. Ao entrarmos em contato com algo diferente não podemos dizer que tentamos conhecê-lo, mas sim reconhecê-lo, tentando classificá-lo dentro de categorias já existentes (CHAVES; SILVA, 2013).

O processo de ancoragem implica em atribuir sentidos ao objeto, articular valor funcional à representação para que esta se expresse como referência no mundo social e enraizá-la em um sistema de conhecimento preexistente.

Já a objetivação é o mecanismo que tenta transformar o que é abstrato em concreto, trazendo para o mundo físico o que estava apenas na mente, unindo a ideia de não familiaridade com a de realidade (RIBEIRO, 2011). É uma forma de simplificar o objeto o suficiente para torná-lo comum e óbvio para o grupo. É através da objetivação que as ideias a respeito do objeto são apropriadas e materializadas pelos sujeitos, por meio de seleções, naturalizações e construções de um núcleo figurativo (MORAIS, 2013).

Moscovici (2012) aponta os processos de naturalização e classificação dos conteúdos como essenciais ao processo de objetivação, enquanto a naturalização dá realidade e

concretude ao símbolo; a classificação associa essa realidade a um sistema de referências instituído pela sociedade, dando um aspecto simbólico a esta realidade; objetivar é fazer com que se torne real um esquema conceitual.

Objetivar é reproduzir um conceito em uma imagem até que essa imagem se converta num elemento da realidade, ao invés de ser apenas um elemento do pensamento. Ao objetivar algo, se preenche a defasagem entre a representação e o que ela representa (MOSCOVICI, 2003).

Dessa forma, a ancoragem e a objetivação constituem-se como o processo de construção das representações sociais das participantes desse estudo e seus significados encontram-se aqui separados apenas por questões didáticas, pois durante a transformação e construção das representações sociais esses processos acontecem simultaneamente.

### **5.3 Experiência Vivida**

Como já dito anteriormente, além da ancoragem e objetivação esta pesquisa também trabalhará o conceito de experiência vivida de Jodelet (2005). Isso porque um dos objetivos específicos desta pesquisa é (iii) *comparar* as representações sociais da maternidade *entre* os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade na tentativa de entender se o fato do grupo de adolescentes ter a experiência vivida da maternidade faz com que suas representações sociais sobre a maternidade na adolescência sejam diferentes das representações sociais do mesmo fenômeno do grupo das adolescentes que não têm a experiência vivida da maternidade.

Dentre os vários desdobramentos teóricos que complementam a TRS, Denise Jodelet colabora com abordagem culturalista. Dentre seus diversos trabalhos, especificamente com a pesquisa realizada em hospitais parisienses, contemplando a experiência vivida dos funcionários que cuidam de doentes terminais com AIDS (JODELET et al., 1998), mostra que, ao serem expressados os problemas do meio hospitalar pela equipe que cuida de doentes terminais com AIDS, a experiência vivida, nesse caso, apareceu como uma estrutura, ou seja, como um suporte que permite aos membros da equipe adotarem determinadas posições

frente as dificuldades enfrentadas pelos seus papéis e também aparece como estruturando as relações estabelecidas com os pacientes e com a equipe do hospital. Ou seja, com seu estudo envolvendo a experiência vivida de determinado fenômeno por um grupo, (JODELET et al., 1998) mostra que o relato de quem tem experiência vivida de determinado fenômeno pode fornecer informações importantes que ajudam a compreender o funcionamento de determinados serviços; como se estabelecem as relações entre os membros do grupo e ainda revelar como os sentimentos influenciam nas posturas dos membros do grupo.

Na VIII Jornada Internacional e VI conferência Brasileira sobre Representações Sociais em 2013, em conferência, Jodelet chama atenção para a inexistência de estudos sobre a experiência vivida nas pesquisas sobre Representações Sociais. Para ela, estudos como estes são importantes, pois as pessoas com a experiência vivida têm um saber próprio, um saber vivencial sobre o assunto (objeto de investigação). A experiência vivida implica em uma vivência e não só envolve a cognição como os sentimentos de quem a vivencia, quem não tem a experiência vivencial pode reporta-se ao assunto (objeto de investigação), mas com um conhecimento que não lhe é próprio, seria a experiência fenomenológica comum e geral a toda e qualquer pessoa que não tenha a experiência vivida.

É importante esclarecer que no seu trabalho o grupo estudado tinha a experiência vivida de cuidados voltados para doentes terminais com AIDS (JODELET et al., 1998). O foco era um grupo com a dimensão da experiência vivida e a partir desta outros elementos foram investigados. Além disso, várias foram as operações metodológicas utilizadas para desenvolver o estudo, como: observação participante, entrevista em profundidade, grupos focais etc.

Na presente pesquisa além de não utilizarmos desses vários procedimentos investigativos, também não nos aprofundamos na dimensão da experiência vivida, sendo a proposta e um dos nossos objetivos (iii) *comparar* as representações sociais da maternidade *entre* os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade e a partir disto verificar possíveis semelhanças e diferenças entre as teorias do senso comum entre os dois grupos. Não se pretende com esse objetivo trazer um estudo de cunho valorativo das representações sociais entre os dois grupos, mas como já dito anteriormente, procura-se, nesse caso, entender se o fato de, um grupo de adolescentes ter a experiência vivida da maternidade, faz com que suas representações sociais sobre a maternidade na adolescência sejam diferentes das

representações sociais do mesmo fenômeno do grupo das adolescentes que não têm a experiência vivida da maternidade.

Para Jodelet (2005), a experiência é um enriquecimento ou um alargamento da relação do sujeito com o mundo; ela é construída em meio a situações concretas com os quais o sujeito se depara. A experiência comporta duas dimensões: uma *dimensão de conhecimento* (sobre o mundo) e uma *dimensão* que é da ordem do *experimentado* (experiência vivida). Já dissemos que não é foco deste trabalho aprofundar as duas dimensões da experiência.

Jodelet (2005) entende que a experiência na dimensão do experimentado tem implicações psicológicas no sujeito, e se refere à consciência que o sujeito tem do mundo onde ele vive. A experiência dá sentido ao vivido e é constituída da relação direta, concreta entre o sujeito e a situação.

A experiência vivida é uma forma de apreender o mundo através de significações; ela comporta elementos emocionais que remetem às subjetividades particulares; ela é elaborada em sua expressão e sua conscientização através de códigos e categorias de natureza social; ela é frequentemente analisada a partir do reencontro intersubjetivo, implicando uma base de saberes e de significações comuns; ela demanda a autenticação pelos outros e tem funções práticas na vida cotidiana, remetendo ao mundo de existência dos sujeitos em sua realidade concreta e viva (JODELET, 2005).

Nesta pesquisa consideraremos que têm a experiência vivida as adolescentes mães e não mães que vivenciam o processo da maternidade em seu cotidiano. Ressalta-se que o fenômeno da maternidade neste estudo é considerado o processo que envolve os momentos de (gestação, parto, puerpério e criação do (a)s filho (a)s).

É importante esclarecer que se considera experiência vivida da maternidade nesta pesquisa, a experiência de se ter vivido quaisquer um desses momentos da maternidade. Sendo assim, as adolescentes não mães que tenham a experiência de terem engravidado e sofrido aborto, ou a experiência de criação de uma criança que não seja a sua serão consideradas como tendo a experiência vivida da maternidade.

Contudo, o fato das demais adolescentes não mães não terem a experiência vivida da maternidade, não significa que elas não tenham representações sociais sobre o fenômeno da maternidade na adolescência e também não significa que suas representações sociais sobre o fenômeno sejam menos importantes que às representações sociais das adolescentes que têm a experiência vivida do fenômeno. Por isso, tem-se também como objetivo específico nessa

pesquisa (II) identificar as representações sociais da maternidade pelas adolescentes *com e sem* a experiência vivida da maternidade.

Dito isto, nos cabe esclarecer que a experiência se situa no campo de estudo do conhecimento do senso comum, e por isso ela se relaciona com as representações sociais. A experiência além de ter a dimensão vivida também comporta uma dimensão cognitiva. É essa dimensão cognitiva que favorece a experimentação do mundo e é sobre o plano ou a dimensão do cognitivo que o sistema global das representações fornece os recursos e os instrumentos para interpretar aquilo que é experimentado. É nesse nível que se pode pensar na ligação com representações sociais (JODELET, 2005).

Ou seja, os termos nos quais a experiência vai ser formulada serão “emprestados”, fornecidos das pré-construções culturais e de um estoque comum de saberes que vão dar forma e conteúdo a essa experiência. Essa experiência é, portanto, constitutiva de sentidos que o sujeito dá aos acontecimentos, situações, objetos e pessoas ocupantes de seu meio próximo e seu mundo. É, pois nesse sentido, que a experiência vivida é também uma experiência socialmente construída. A experiência vivida liga o subjetivo ao coletivo, o individual ao social, nos permite passar do coletivo ao singular, do social ao individual, sem perder de vista o lugar que cabe às representações sociais (JODELET, 2005).

A experiência só existe na medida em que ela é reconhecida, compartilhada e confirmada pelos outros. A experiência vivida é marcada pelos aspectos sociais de sua enunciação e de sua comunicação; ela permite, igualmente, o encontro com as representações sociais (JODELET, 2005).

Nesse sentido, os elementos teóricos de ancoragem e objetivação de Moscovici (2001) e de experiência de Jodelet (2005) estão inter-relacionados, na medida em que as representações sociais são constituídas pelos processos de ancoragem e objetivação e pelas influências das experiências vivenciadas pelos indivíduos.

## 6 ENQUADRE METODOLÓGICO

### 6.1 Características do Estudo

O método utilizado nessa pesquisa articulou abordagens quantitativas e qualitativas, bem como técnicas variadas de coleta e análise dos dados, o que permitiu uma abordagem multimétodos para abranger o fenômeno estudado. O estudo quantitativo foi de cunho descritivo, com variáveis sociodemográficas. Quanto à parte qualitativa do estudo, teve como objetivos analisar os conteúdos e processos de construção das representações sociais elaboradas pelas adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade. Na parte quantitativa trabalhamos com o seguinte objetivo específico (i) *Descrever* o perfil sociodemográfico das adolescentes *com e sem* a experiência vivida da maternidade. E na parte qualitativa (ii) *identificar* as representações sociais da maternidade pelas adolescentes *com e sem* a experiência vivida da maternidade e (iii) *comparar* as representações sociais da maternidade *entre* os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade.

### 6.2 Participantes e Local da Pesquisa

As participantes desta pesquisa foram 24 mulheres adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade com idades entre 15 e 20 anos, todas residentes na Região Metropolitana do Recife. Das 24 participantes, 10 são adolescentes com a experiência vivida da maternidade e 14 sem a experiência vivida da maternidade, alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA); do Programa Travessia e dos 1º, 2º e 3º ano regular do Ensino Médio de uma escola estadual, localizada no Bairro do IPSEP.

A pesquisa seria, inicialmente, realizada em duas escolas públicas. Todavia, não foi possível realizar a pesquisa em uma das escolas escolhidas, porque a coleta de dados da pesquisa foi iniciada no mês de agosto e as adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade permanecem na escola apenas durante o período necessário para aquisição da carteirinha de estudante, que ocorre no mês de Abril e Maio de cada ano; uma vez adquirida a carteirinha algumas alunas não mais frequentam a escola. Sendo assim, no mês de agosto havia uma grande evasão escolar, o que dificultou bastante a seleção das participantes, sobretudo as mães.

A opção por trabalhar com duas escolas públicas deu-se devido às escolas particulares não permitirem a realização da pesquisa em seus espaços, o que inviabilizou a comparação das Representações Sociais das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade de escolas públicas e privadas, o que contemplaria situações socioeconômicas distintas. A escolha das duas escolas públicas deu-se devido à pesquisadora já ter contato com as mesmas mediante trabalhos realizados quando ainda graduanda em psicologia, o que facilitou o acesso.

O interesse em se trabalhar com as duas escolas públicas citadas anteriormente surgiu devido à confirmação da existência do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a existência de adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade no programa.

A EJA é uma modalidade da educação básica destinada aos jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no ensino fundamental e no ensino médio. A idade mínima para ingresso na EJA é de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio. A EJA faz parte do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, realizado pelo MEC desde 2003. O PBA visa despertar o interesse pela elevação da escolaridade e O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a 1.928 municípios que apresentam taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%. Desse total, 90% localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. <http://portal.mec.gov.br/>

Já o Travessia é o Programa de Aceleração de Estudos de Pernambuco e configura-se como uma política pública de ensino do governo de Pernambuco. O mesmo foi lançado em junho de 2007 e tem como finalidade reduzir a defasagem idade/série dos estudantes do Ensino Médio da Rede Estadual de educação pública. É um programa de correção de fluxo escolar e consiste na conclusão do Ensino Médio em um ano e meio. O programa conta com equipes da Fundação Roberto Marinho e da Secretaria Estadual de Educação, as escolas Estaduais que possuem o programa encontram-se nas regiões de: Recife Norte e Sul; Metropolitana Norte e Sul; Palmares; Nazaré; Garanhuns; Petrolina; Araripina e Vitória. <http://portal.mec.gov.br/>

### 6.3 Procedimentos

Este projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco com protocolo do CEP/CCS de número, 341.499 (Anexo 1). Mediante aprovação, a pesquisadora contactou novamente a escola, que já havia concedido a anuência para coleta de dados.

A pedido da escola em que foi realizada a coleta de dados, a pesquisadora apresentou a pesquisa a todos os gestores e professores da escola, que trabalham no turno noturno. Em seguida, mediante dias e horários marcados, cada professor apresentava a pesquisadora as suas respectivas turmas. Graças a esta apresentação foi possível a entrada da pesquisadora em sala de aula para realização do convite as adolescentes.

A secretária da escola solicitou que não fosse divulgado, nas salas de aula, o tema da pesquisa, pois as mães adolescentes poderiam se sentir constrangidas. Assim, todas as adolescentes entre 10 e 20 anos de idade foram convidadas a comparecerem na sala de informática (sala disponibilizada pela escola) para realização de todas as etapas da pesquisa. Reunidas todas as adolescentes, foi-lhes apresentada a pesquisa e feito convite para espontânea participação na pesquisa. Mediante apresentação e participações confirmadas, as adolescentes receberam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para serem assinados por seus responsáveis, foram divididas em grupos e em seguida acordados horários e datas para entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Por orientações do Comitê de Ética, foram realizados dois modelos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: um para menores de dezoito anos e outro para maiores de dezoito anos (Apêndices A e B).

No caso das adolescentes com a experiência vivida da maternidade, estas recebiam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após assiná-lo lhes era entregue o questionário sociodemográfico para ser preenchido, pois, segundo o Comitê de Ética, quando a adolescente se torna mãe ela emancipa-se e responde por si.

No caso das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade, somente mediante entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos responsáveis, lhes era entregue o questionário sociodemográfico para ser preenchido.

O documento explicita a solicitação às colaboradoras para participação no estudo e gravação da entrevista, por via escrita (assinada), informando ainda, que o consentimento

garante a entrevistada o direito de interromper sua colaboração na pesquisa a qualquer momento, caso julgue necessário, sem que isso implique em constrangimento de qualquer ordem. Os instrumentos foram aplicados respeitando a seguinte ordem: 1) instrumento quantitativo (questionário sócio-demográfico); 2) transmissão de vídeo e debate e 3) entrevistas semiestruturadas.

As participantes foram informadas, previamente, a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como da confiabilidade dos dados e do anonimato de suas colaborações. É importante ressaltar que os possíveis riscos desta pesquisa foram colocados nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### **6.4 Instrumentos**

Para a obtenção dos dados foi utilizada uma abordagem multimétodos contemplando um instrumento quantitativo (questionários sociodemográficos) e dois qualitativos (vídeo/debate e entrevista semiestruturada). Os questionários sociodemográficos (Apêndice C e D) contêm questões fechadas e foram utilizados para obtermos o perfil das participantes.

Quanto aos instrumentos qualitativos, o vídeo, utilizado para fomentar o debate, é proveniente de uma política de prevenção da Maternidade na Adolescência, lançada pelo Ministério da Saúde, com duração de um minuto. O vídeo foi exibido em tela de computador e assistido pelos mesmos grupos de adolescentes que respondia o questionário sociodemográfico. Após exibição do vídeo com todos os grupos, foram transcritas todas as falas das componentes de cada grupo e organizadas por tópicos semelhantes. A Tabela (Apêndice E) construída com os tópicos dos grupos de adolescentes com e sem experiência vivida da maternidade, serviu como base para construção do roteiro da entrevista. O roteiro da entrevista contêm questões semiabertas que foram agrupadas de acordo com os tópicos e subtópicos surgidos a partir das análises das transcrições do vídeo assistido pelas adolescentes (Apêndice F).

## 6.5 Procedimentos de Coleta

A coleta da pesquisa foi dividida em três etapas. A *primeira etapa* ocorreu em dois momentos: entrega dos TCLEs assinados e preenchimento individual do questionário sociodemográfico. A *segunda etapa*, realizado no mesmo dia da primeira etapa, consistiu no debate após a exibição do vídeo. Após a segunda etapa, foi realizada a análise das impressões das adolescentes sobre o vídeo, após a fase de transcrição, que se caracterizou como a preparação do roteiro da entrevista, deu-se a *terceira etapa* que consistiu na aplicação de entrevista individual com o uso de roteiro semiestruturada.

Na *primeira etapa* procedemos com a aplicação do questionário sociodemográfico que foi elaborado pela pesquisadora. Após a sua aplicação, foi possível formar grupos de adolescentes com a experiência vivida da maternidade e grupos de adolescentes sem a experiência vivida da maternidade, que consistiu na *segunda etapa*.

No caso das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade, foi possível formar 3 grupos de adolescentes, dois grupos com 5 adolescentes e um grupo com 4 adolescentes. Cada participante dos grupos recebeu um questionário sociodemográfico, foi realizada a leitura e explicação do mesmo. As adolescentes que não compreendiam o que o questionário lhes demandava, tiveram auxílio da pesquisadora. Embora reunidas em grupos, as adolescentes respondiam individualmente ao questionário. Após preencher o questionário, os grupos assistiam ao vídeo e em seguida debatiam sobre o tema, sem intervenção da pesquisadora.

Tivemos dificuldades em realizar grupos de adolescentes com a experiência vivida da maternidade, pois estas faltam muito em virtude de adoecimento de seus filhos ou porque se sentem cansadas. Assim foi possível realizar: um grupo de adolescentes com a experiência vivida da maternidade, constituído por três adolescentes; uma dupla e as demais adolescentes responderam ao questionário sociodemográfico e assistiram ao vídeo individualmente. Nessa situação procedeu-se da seguinte forma: A cada participante do grupo constituído de 3 adolescentes e a cada participante da dupla foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após assiná-lo lhes era entregue o questionário sociodemográfico, foi realizado a leitura e explicação do mesmo. As adolescentes que não compreendiam o que o questionário lhes demandava, tiveram auxílio da pesquisadora. Embora reunidas em grupo e dupla, as adolescentes respondiam individualmente ao questionário. Após preencher o questionário, o

grupo e a dupla assistia ao vídeo e em seguida debatia sobre o tema, sem intervenção da pesquisadora.

No caso das cinco adolescentes com experiência vivida da maternidade que compareceram sozinhas, estas também receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após assiná-lo lhes era entregue o questionário sociodemográfico, foi realizada a leitura e explicação do mesmo. As adolescentes que não compreendiam o que o questionário lhes demandava, tiveram auxílio da pesquisadora. Após preencher o questionário, a adolescente individualmente assistia ao vídeo e em seguida debatia com a pesquisadora o tema abordado no vídeo.

O uso do questionário nesta pesquisa nos pareceu importante por permitir acesso a variáveis como (idade, escolaridade, ocupação etc.), sendo possível com isso demarcar o perfil das participantes. O mesmo também foi importante porque auxiliou na análise das entrevistas, pois no caso das adolescentes não mães, as que disseram não querer ter filhos cedo, foram exatamente as adolescentes que marcaram no questionário ocupação com trabalho formal ou informal. Além disso, uma de suas vantagens é permitir que as participantes da pesquisa o responda no momento que lhes pareça mais apropriado, sendo possível o esclarecimento deste mediante a não compreensão de seu conteúdo.

Após receber das participantes o questionário, a pesquisadora esclarecia as mesmas que lhes mostrariam um vídeo e que, após o vídeo elas poderiam sentir-se à vontade para falar o que acharam do mesmo. Para isto, lhes foi dito que não havia respostas certas nem erradas e caso elas não compreendessem o vídeo, este poderia ser passado novamente e que essa etapa precisava ser gravada, tendo em vista que seria inviável a pesquisadora recordar-se de todas as falas das participantes dos diferentes grupos. Feito o esclarecimento e com autorização das participantes, passava-se para o grupo o vídeo de curta duração (59 segundos), o mesmo se trata de uma campanha do Ministério da Saúde e aborda o tema da *Maternidade na Adolescência*.

O vídeo apresenta a situação de um casal (uma adolescente e um adolescente) que se tornaram pais nessa fase da vida. Nele, a mãe adolescente está passeando no calçadão da praia com o bebê, enquanto o pai adolescente vai falar com os amigos que estão jogando futebol na areia. Depois, de cumprimentar os amigos o pai adolescente vai ao encontro da companheira. O vídeo foi passado sem áudio para evitar que a fala dos autores influenciasse nas impressões

das adolescentes sobre o tema abordado. Após transmissão do vídeo a pesquisadora escutava as impressões das adolescentes de cada grupo.

Após escuta das impressões de todas as participantes, foram transcritas todas as falas e realizadas análises e leituras exaustivas das mesmas. Nessa etapa procuramos identificar quais pensamentos e ideias sobre o tema haviam surgido nos grupos de adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade. A Tabela 1 a seguir ilustra as impressões das adolescentes organizadas em tópicos.

Tabela 1: impressões das adolescentes sobre o vídeo

Tópicos abordados pelas adolescentes <u>sem</u> a experiência vivida da maternidade	Tópicos abordados pelas adolescentes <u>com</u> a experiência vivida da maternidade
<b>Impressões gerais:</b> perda de lazer para poder cuidar da criança; perda da adolescência; são muito jovens para ser pai e mãe; o filho na adolescência <b>pode</b> acontecer, hoje é normal, mas tem que ter: responsabilidade, condições financeiras, tem que pensar, ter a cabeça no lugar, ser maduro, tem que ter o apoio da mãe; Adolescentes <b>são novos</b> para ter filhos.	<b>Impressões gerais:</b> Perda da liberdade; perda da adolescência; a idade dos adolescentes do vídeo não é apropriada para ser pai e mãe; a situação mostrada no vídeo não é normal, é errada, é difícil, é complicada; são duas crianças cuidando de outra; (No vídeo parecem estarem felizes).
<b>Foco no menino-</b> o menino responsável, companheiro do vídeo não é o que ocorre na vida real; o menino não pode mais dar um de “boizinho” <b>agora tem</b> que ser responsável.	<b>Foco no menino</b> - O menino novo não é responsável, não é companheiro é ausente, não apoia, não é comprometido, existe uma dúvida entre ficar com a diversão e ficar com a família no vídeo ele é tudo de bom, mas, não é vida real.
<b>Foco na menina-</b> Ser mãe na adolescência é: burrice, ela fica com a maior responsabilidade, ela tem que se vestir de acordo com o que é ser mãe.	<b>Foco na menina-</b> A responsabilidade maior fica com a mulher; <b>não adianta orientação</b> , elas (adolescentes de 10 a 17) engravidam do mesmo jeito.
	<b>Relato de suas experiências vividas:</b> 1- <b>Queixam-se</b> da ausência de cuidados e diálogo entre suas mães e elas (antes e depois delas terem engravidado); 2- <b>Tentam</b> ser para seus filhos o que suas mães não foram para elas; 3- <b>Criticam</b> o fato de seus antigos companheiros terem mais de um filho; 4- <b>Falam</b> da ausência do cuidado a atenção do pai das crianças (sofrimento sentido pela criança e por elas, o companheiro atual cuida da criança como se fosse dele e recebe o amor da criança, porém a criança sabe quem de fato é seu pai biológico);

	<p>5-<b>Abordam</b> os métodos anticoncepcionais utilizados por elas (falha no uso);</p> <p>6-<b>Falam</b> de suas experiências no momento do parto: presença e ausência de parentes e familiares; diferenças entre os hospitais públicos e particulares; sentimentos sentidos por elas durante as dores do parto; citam a equipe médica que lhes atendem nos hospitais;</p> <p>7-<b>Reclamam</b> da falta de informações precisas sobre qual idade e condições são necessárias para a adolescente fazer ligação;</p> <p>8-<b>Não se arrependem</b> de ter tido os filhos e falam que serviu para elas amadurecerem;</p> <p>9-<b>Exigem</b> legalmente os direitos de pensão moralmente (afeto) do pai biológico da criança;</p> <p>10-<b>Procuram</b> não falar mal do pai para a criança, pois acreditam que ela ao crescer vai saber julgar se o pai foi bom ou ruim;</p> <p>11- <b>Destacam</b>, em alguns casos que, quem cuida de seus filhos não são os pais biológicos das crianças, mas o atual companheiro.</p>
--	---

Observamos que ao assistirem o vídeo as adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade abordam os mesmos tópicos, ou seja, para todas elas maternidade na adolescência significa a perda da liberdade; perda da adolescência; essa não é a idade para ser pai e mãe; o menino adolescente não é responsável e a maior responsabilidade é da menina.

Porém, o grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade inicia e termina suas impressões com base no que assistiram no vídeo e com base em histórias de maternidade na adolescência acompanhadas por elas, nos casos de suas colegas, primas, irmãs, amigas ou vizinhas. Já as adolescentes com a experiência vivida da maternidade iniciam suas impressões sobre o tema com base no vídeo e terminam falando de suas experiências vividas, demonstraram uma riqueza de temáticas que perpassam a sua experiência vivida.

**A Terceira etapa** da coleta de dados consistiu na aplicação da entrevista. Com base na análise das impressões das adolescentes adquiridas na segunda etapa, nos foi possível construir e organizar um roteiro de perguntas que consistiu na entrevista qualitativa do tipo semiestruturada. O roteiro semiestruturado da entrevista foi realizado com base nos tópicos

levantados pelas adolescentes na Tabela 3 e se referem à: atividades recorrentes na adolescência; concepções de maternidade na adolescência; as novas configurações familiares; os cuidados e responsabilidades dos adolescentes na maternidade e apoio dos familiares aos pais adolescentes (Apêndice E). A entrevista permitiu as adolescentes falarem sobre o tema proposto pela pesquisadora (Maternidade na Adolescência) e sobre os tópicos levantados por elas mesmas. Cada entrevista durou, em média de 15 a 30 minutos. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas em áudio para posterior transcrição.

A entrevista nos fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e suas situações. O objetivo da mesma é compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos específicos e têm por finalidade explorar as opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão (BAUER; GASKELL, 2008).

Em todas as etapas da pesquisa foram acordados os dias e horários mais convenientes para as adolescentes de maneira que estes momentos não implicassem em nenhum tipo de prejuízo as aulas por elas assistidas, pois todas as etapas ocorreram na escola, no turno da noite, horário de aula das adolescentes; horário este em que era possível encontrar todas as adolescentes, tendo em vista que algumas trabalham pela manhã e tarde e outras se encontravam ocupadas com seus afazeres domésticos e filhos no período da manhã e tarde. Foi acordado também o sigilo da identidade das adolescentes.

## **6.6 Análises dos dados**

Realizou-se análise quantitativa dos questionários sociodemográfico com uso de tabelas. Para análise do vídeo foi utilizada a transcrição e estas transcrições (ideias e pensamentos) das adolescentes sobre o vídeo, foram organizados em tópicos e inseridos em uma Tabela ( Apêndice E). Estes tópicos nos serviram como tópicos guia para a construção do roteiro unificado da entrevista semiestruturada. Para análise das Entrevistas semiestruturadas foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2008) que é uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos. A análise das entrevistas ocorreu com base em categorias determinadas a partir do tema suscitado e processado em uma série de etapas, de acordo com a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2002). Para autora, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2002, p.42).

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares. A mesma visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica etc., procura trabalhar a fala, ou seja, a prática da língua realizada por emissores identificáveis e leva em consideração as significações (conteúdo).

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados apresentados nesse capítulo são resultados de dois processos: (a) análise dos resultados quantitativos, a partir do questionário que busca atender ao primeiro objetivo específico, que é (i) Descrever o perfil sociodemográfico das adolescentes, bem como (b) da análise dos resultados qualitativos com base nas entrevistas semiestruturadas, que busca responder aos dois últimos objetivos específicos: (ii) *identificar* as representações sociais da maternidade pelas adolescentes *com e sem* a experiência vivida da maternidade e (iii) *comparar* as representações sociais da maternidade *entre* os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade

### **7.1 Dados quantitativos**

#### **7.1.1 Perfil das Participantes**

Participaram dessa pesquisa 24 adolescentes mulheres, destas 10 com a experiência vivida da maternidade e 14 sem a experiência vivida da maternidade. Todas são da região Metropolitana do Recife. Na Tabela 2, a seguir, serão apresentados os dados das adolescentes com a experiência vivida da maternidade.

Tabela 2: Perfil sociodemográfico das adolescentes **com** experiência vivida da Maternidade

Variáveis		N(10)
<b>Faixa Etária</b>	16	1
	<b>17</b>	<b>4</b>
	18	1
	19	1
	20	3
<b>Ocupação</b>	Somente Trabalho Formal e estudante	2
	Somente Estudante	3
	<b>Somente Dona de Casa e estudante</b>	<b>5</b>
<b>Renda Pessoal</b>	Menos de um Salário Mínimo	2
	De Um a Três Salários Mínimos	2
	<b>Sem Renda</b>	<b>6</b>
	<b>Renda Familiar</b>	
	Sem Renda	1
	Menos de Um Salário Mínimo	3
	<b>De Um a Três Salários Mínimos</b>	<b>6</b>
<b>Escolaridade</b>	1°	1
	2°	1
	3°	2
	EJA 4	2
	<b>Travessia</b>	<b>4</b>
<b>Evasão Escolar</b>	Não	2
	Sim, por uma vez	2
	<b>Sim, por duas vezes</b>	<b>6</b>
<b>Situação da Casa</b>	Própria com escritura	5
	Alugada	5
<b>Estado Civil</b>	Solteiras	3
	<b>União Informal</b>	<b>7</b>
<b>N° de Gravidez</b>	<b>Uma gravidez</b>	<b>8</b>
	Duas gravidezes	1
	Três gravidezes	1
<b>Intercorrência na Gravidez</b>	Sim	3
	<b>Não</b>	<b>7</b>
<b>Gravidez Planejada</b>	Sim	2
	<b>Não</b>	<b>8</b>
<b>Realização Pré-Natal</b>	<b>Sim</b>	<b>10</b>

Com base na leitura da Tabela 2 acima a média de idade das adolescentes com a experiência vivida da maternidade é de 18,1 anos. Com relação às suas ocupações, metade

delas (N=5) declara-se como somente donas de casa e estudantes. Mais da metade (N= 6) declarou-se sem renda pessoal, pois são adolescentes que se ocupam exclusivamente dos filhos e fazeres domésticos, sem nenhum tipo de remuneração própria; as que declararam ter renda pessoal (N=4) deve-se ao trabalho formal ou informal; à ajuda de familiares (mães) ou pensão do pai da criança. Nenhuma disse receber Bolsa Família. Esse dado coincide com a pesquisa de Hoga (2008) em que a maioria das participantes declarou-se sem renda pessoal, porque dependiam financeiramente de seus maridos ou pais.

Mais da metade (N=6) declarou ter uma renda familiar de um a três salários mínimos. Essa renda é obtida do salário do parceiro, no caso das adolescentes que estão em união informal ou referente ao salário dos pais, no caso das adolescentes que moram com a família de origem ou ainda à aposentadoria do sogro, no caso da adolescente que mora com o sogro e também da renda das adolescentes que têm trabalho formal. Essa renda é dividida para todos os moradores da casa.

Como percebido a escolaridade é diversa, mas foi no programa Travessia que encontramos maior frequência das adolescentes (N=4). Talvez porque esse é o programa que acelera a conclusão do Ensino Médio em apenas um ano e meio, o que facilita a conclusão dos estudos. Nesse sentido, parece que essas adolescentes não tiveram um investimento na escolarização, ao precisarem se matricular em programas que aceleram os estudos, devido à defasagem idade-série.

A maioria delas (N=8) já abandonou a escola pelo menos uma vez, mas não disseram ser a maternidade o motivo da evasão escolar. Logo, não podemos afirmar através dos nossos dados que é a maternidade o principal motivo do abandono dos estudos. Além disso, essa relação evasão escolar e maternidade na adolescência é discutida por vários outros estudos como, por exemplo, o de Sabroza et al.,(2004) que trazem que há evidências de que jovens que evadem da escola possuem mais chances de se tornarem gestantes adolescentes, sugerindo que a evasão precede a gestação. Por outro lado, outras pesquisas indicam que a gestação na adolescência seria uma das causas da evasão escolar, como nos estudos de Estela et al.,(2003); Lima et al.,(2004); Loss e Sapiro, (2005); Oliveira, (1998).

Para Oliveira (1998), o abandono da escola pode ser fruto do constrangimento e para Castro e cols. (2004) as jovens abandonam os estudos porque se torna efetivamente mais difícil prosseguir com os mesmos, pois as adolescentes, além de cuidarem dos bebês, muitas

vezes ingressam no mercado de trabalho. Ou seja, esses trabalhos nos levam a concluir que existe uma relação entre esses dois eventos, contudo não temos respaldos suficientes para afirmar qual evento precede o outro.

Metade delas (N=5) mora em casas alugadas e metade (N=5) mora em casas próprias com escrituras. As casas próprias são decorrentes do fato das adolescentes terem ido morar com seus companheiros e as casas terem sido cedidas pelos pais do parceiro ou pelos pais da adolescente, ou também pelo fato das adolescentes terem voltado a morar na casa de seus familiares. Nenhuma das casas foram feitas com base nas finanças do casal adolescente.

As adolescentes que se declararam solteiras (N=3) são aquelas que moram com seus filhos na casa de familiares e não estão em companhia seja do pai da criança ou de outro companheiro. Contudo, engravidaram de namorados com quem permaneceram “casadas” por algum tempo. Mais da metade (N=7) encontra-se em união informal. Destas (N=7) apenas (N=2) encontra-se em companhia de parceiros que não são o pai da criança. Ou seja, estas adolescentes estão vivenciando a maternidade em companhia de parceiros que em sua maioria (N=5) é o pai da criança. Esses dados corroboram com os da literatura, que afirmam que as gestações na adolescência ocorrem geralmente num contexto de relacionamentos estabelecidos, e poucos casos decorrentes de parceiros eventuais. Além disso, a gestação ocorre muitas vezes com o mesmo parceiro com que estas adolescentes se iniciaram sexualmente (OLIVEIRA; VIERA; FONSECA, 2011).

No que diz respeito ao número de gravidez, a maioria delas (N=8) estão vivenciando a primeira gravidez e a maioria (N=7) não sofreu intercorrências na gravidez; das que tiveram intercorrência (N=2), uma sofreu infecção urinária e outra nervosismo. Nenhuma delas mencionou ter sofrido ou cometido aborto. A maioria delas (N=8) não planejou a gravidez e as que planejaram (N=2) permaneciam em companhia do pai da criança.

Todas (N=10) fizeram o pré-natal, cinco delas não especificaram o tempo, duas fizeram por 7 meses, duas por 9 meses e uma diz não se lembrar do tempo. Esses dados nos parecem revelar que existe uma inadequada realização do período do Pré-Natal pelas adolescentes. O acompanhamento do pré-natal tem efeito protetor sobre a saúde da gestante e do recém-nascido, porque contribui para uma menor incidência de mortalidade materna, baixo peso ao nascer e mortalidade perinatal (GAMA; cols., 2002).

No entanto, gostaríamos de reforçar que, embora, alguns trabalhos (CARNIEL, ZANOLLI, ALMEIDA, MORCILLO, 2006; MINAGAWA e cols., 2006) afirmem que os riscos da gestação na adolescência estão associados à baixa adesão ao atendimento pré-natal, concordamos com o argumento de Goldenberg, Figueiredo e Silva (2005) de que essa inadequação quanto ao período de realização do pré-natal pelas adolescentes dá-se por diferentes motivos, como: problemas de acesso aos serviços de saúde; as dificuldades específicas observadas pelas adolescentes para a procura de serviços médicos, a exemplo do medo de procedimentos obstétricos; vergonha dos pais, assim como a vergonha de abordagem sobre práticas sexuais, entre outras questões. Ou seja, nem sempre se pode atribuir à irregularidade a realização do pré-natal a “irresponsabilidade ou imaturidade da adolescente”.

Segue Tabela 3 que sintetiza as informações de natureza sócio-demográficas das participantes sem a experiência vivida da maternidade.

Tabela 3: Perfil Sociodemográfico das Adolescentes **sem** experiência vivida da Maternidade

Variáveis		N(14)
<b>Faixa Etária</b>	15	1
	16	1
	<b>17</b>	<b>6</b>
	18	6
<b>Ocupação</b>	Somente trabalho informal e dona de casa	1
	Somente trabalho formal e estudante	2
	Somente estudante	4
	<b>Somente dona de casa e estudante</b>	<b>7</b>
<b>Renda Pessoal</b>	Menos de um salário mínimo	<b>6</b>
	<b>Sem renda</b>	<b>8</b>
<b>Renda Familiar</b>	Sem renda	2
	Menos de um salário mínimo	2
	<b>De um a três salários mínimos</b>	<b>10</b>
<b>Escolaridade</b>	EJA 3	2
	2ºAno	3
	1ºAno	3
	<b>EJA 4</b>	<b>6</b>
<b>Evasão Escolar</b>	Sim, por uma vez	1
	<b>Não</b>	<b>13</b>
<b>Situação da Casa</b>	Alugada	4
	<b>Própria com escritura</b>	<b>10</b>
<b>Estado Civil</b>	<b>Solteiras</b>	<b>14</b>
<b>Nº de Gravidez</b>	Uma gravidez	1
	<b>Nenhuma gravidez</b>	<b>13</b>
<b>Intercorrência na Gravidez</b>	<b>Sim</b>	<b>1</b>
<b>Gravidez Planejada</b>	<b>Sim</b>	<b>1</b>

Com base na leitura da Tabela 3 a média da idade das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade é de 17,2 anos . Quanto as suas ocupações mais da metade (N=7) declarou-se como somente dona de casa e estudante. Mais da metade (N=8) também diz não ter renda pessoal e a maioria (N=10) diz que sua renda familiar é de um a três salários mínimos; renda esta proveniente dos salários dos pais das adolescentes e também da renda daquelas que têm trabalho formal (N=2) e informal (N=1).

A escolarização também é diversa, tendo a EJA 4, o número mais frequente (N=6), mas não é a maioria. Com exceção de apenas uma adolescente, as demais (N=14) nunca abandonaram a escola. Os dados do presente estudo parecem apontar uma relação entre evasão escolar e maternidade, já que a maioria das adolescentes N=(8) com experiência vivida da maternidade já desistiu da escola e a maioria N=(14) das adolescentes sem experiência vivida da maternidade nunca desistiu. Isso é discutido pela literatura de forma controversa e não defendemos a culpabilização da maternidade pelas situações adversas vivenciadas pelos adolescentes, até porque, como pontuamos aqui as situações são diversas e nem sempre negativas. Contudo, não poderíamos deixar de pontuar essa questão e a necessidade de uma pesquisa que possa investigar a relação maternidade e evasão escolar.

A maioria (N=10) mora em casas próprias com escrituras, pois moram com seus pais. Todas (N=14) encontram-se solteiras. Uma engravidou de forma planejada e devido intercorrência sofreu aborto.

Duas disseram já ter passado por várias suspeitas de gravidez. Isso porque elas dizem ser desconfortável a relação sexual com preservativo ou porque seus parceiros não querem usá-lo. Esses dados assemelham-se aos dados da pesquisa de Belo; Pinto e Silva (2004) cujas razões alegadas pelas adolescentes para o não uso do método contraceptivo nas relações sexuais são as mesmas. Dentre outras razões está o fato das adolescentes não conhecerem nenhum método anticoncepcional; não se importarem em ficar grávidas; confiarem no parceiro; acharem os anticoncepcionais caros ou inconvenientes para usar; terem dificuldade de acesso; não terem experiência e acharem o uso de contraceptivo desnecessário.

## 7.2 Dados Qualitativos

No que diz respeito aos dados qualitativos da pesquisa, estes foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro foi desenvolvido a partir dos tópicos levantados pelas adolescentes no momento do debate, após a exibição do vídeo. A entrevista teve como finalidade responder a dois objetivos específicos: (ii) *identificar* as representações sociais da maternidade pelas adolescentes *com e sem* a experiência vivida da maternidade e (iii) *comparar* as representações sociais da maternidade *entre* os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade.

Assim, as representações sociais da maternidade pelas adolescentes com e sem experiência vivida da maternidade foram analisadas com base em seus relatos pessoais; para suas análises utilizamos a análise de conteúdo. O método da análise de conteúdo é uma ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso. Com o uso deste método é permitido ao pesquisador o entendimento das representações que o indivíduo apresenta em relação a sua realidade e à interpretação que faz dos significados a sua volta, como destaca Silva et al.,(2005).

Segundo, Godoy (1995) a análise de conteúdo em sua origem privilegia as formas de comunicação oral e escrita, o que não significa excluir outros meios de comunicação. Para ele, qualquer comunicação que vincule um conjunto de significações de um emissor para um receptor pode, em princípio, ser traduzida pelas técnicas de análise de conteúdo. Assim, ele parte do pressuposto que por trás do discurso aparente, esconde-se outro sentido que convém descobrir.

Vale ressaltar que a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, mas com aplicações diferentes, sendo que na primeira, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo, enquanto na segunda é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é levado em consideração (BARDIN, 2011).

As entrevistas foram aplicadas individualmente e tiveram como classe temática a Maternidade na Adolescência e suas análises resultaram em 8 categorias e 7 subcategorias, no caso do grupo das adolescentes **com** a experiência vivida da maternidade e 8 categorias e 6 subcategorias, para o grupo das adolescentes **sem** a experiência vivida da maternidade.

Os dados que se seguem são referentes à tentativa de responder ao (ii) objetivo específico dessa pesquisa que é *identificar* as representações sociais da maternidade pelas adolescentes *com e sem* a experiência vivida da maternidade. Para melhor leitura dos dados, serão apresentadas as entrevistas das adolescentes **com** e **sem** a experiência vivida da maternidade simultaneamente.

Sequem as Tabelas 4 e 5 que contêm a classe temática e o roteiro da entrevista, bem como as categorias e as subcategorias das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade.

Tabela 4: classe temática, roteiro da entrevista, categorias e subcategorias das adolescentes com experiência vivida da maternidade.

<b>Classe Temática</b>	<b>Roteiro da entrevista</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	
Maternidade na Adolescência	Tópico 1 : Sobre a fase e as atividades da adolescência	1.1 Concepção de adolescência		
	Tópico 2 : Maternidade na adolescência	1.2 Concepção de maternidade		
		1.3 Concepção de maternidade na adolescência		
		1.4 Maternidade na adolescência e suas possíveis causas		
	Tópico 3 : sobre os cuidados e responsabilidades dos adolescentes	1.5 Mudanças vividas a partir da maternidade para as adolescentes com a experiência vivida	1.5.1 Mudanças relacionadas ao pai da criança	
			1.5.2 Mudanças relacionadas ao filho	
			1.5.3 Mudanças relacionadas a diversos fatores	
		1.6 Relações dos pais adolescentes durante a maternidade	1.6.1 Relação do casal durante a gravidez	
		1.6.2 Relação do casal depois da gravidez		
Tópico 4: sobre o apoio da família	1.7 Apoio à adolescente diante da maternidade na adolescência	1.7.1 Apoio da mãe da adolescente		
		1.7.2 Apoio do parceiro não genitor da criança		
	Pensamento Final	1.8 Prevenção		

Tabela5: classe temática, roteiro da entrevista, categorias e subcategorias das adolescentes **sem** a experiência vivida da maternidade.

<b>Classe Temática</b>	<b>Roteiro da entrevista</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Maternidade na Adolescência	Tópico 1 : Sobre a fase e as atividades da adolescência	1.1Concepção de adolescência	
	Tópico 2:Maternidade na adolescência	1.2Concepção de maternidade	
		1.3Concepção de maternidade na adolescência	
		1.4Maternidades na adolescência e suas possíveis causas	
	Tópico3: sobre os cuidados e responsabilidades dos adolescentes	1.5Mudanças vividas a partir da maternidade para as adolescentes sem a experiência vivida	1.5.1 Não há mudanças 1.5.2Perda da liberdade 1.5.3Mudanças relacionadas a diversos fatores
		1.6Relações dos pais adolescentes durante a maternidade	1.6.1 Relação do casal durante o namoro 1.6.2 Relação do casal durante a gravidez 1.6.3 Relação do casal depois da gravidez
	Tópico 4: sobre o apoio da família	1.7 Apoio à adolescente diante da maternidade na adolescência	
	Pensamento Final	1.8 Prevenção	

## **Classe temática: Maternidade na Adolescência**

Aqui cabe esclarecer que, ao trazermos a informação de que as adolescentes mães e não mães *ancoram-se em suas experiências vividas*, elas ainda que se refiram as suas histórias “pessoais”, essas histórias têm um significado construído na e pela sociedade. Assim, suas experiências vividas têm valores e significados segundo a forma como essas adolescentes incorporam-se no social, como bem defende Moscovic (2011). Nesse sentido, a ancoragem enraíza a representação e o seu objeto em uma rede de significações que permite localizá-lo em relação aos valores sociais (JODELET, 2001).

### ***1.1 Categoria: Concepção de adolescência***

#### ***✓ Adolescentes com a experiência vivida da maternidade***

Nas entrevistas tentamos apreender qual o significado de adolescência para as adolescentes que vivem a experiência da maternidade. Nesse momento das entrevistas nosso foco era apreender as concepções que estas adolescentes têm da fase e atividades da adolescência. As falas a seguir expressam sentimentos das adolescentes mães em relação à adolescência.

- “Nossa! Adolescência... ah, eu acho que é uma fase do pré-adulto (risos), mas na verdade, eu não tenho muito o que falar sobre a adolescência, porque eu não vivi a minha adolescência, eu não saberia explicar, mesmo porque na minha adolescência eu fiz o quê além de ser mãe? Eu não saía, eu não vivi...”. (Marle, 20 anos).

- “Ah, sei lá não tenho nem como explicar assim... sei lá, acho que eu nem aproveitei isso, já tive filho já, acho que nem aproveitei nada”. (Maria, 16 anos).

- “Ah, é uma coisa tão boa, né (risos) que eu perdi tão cedo”. (Marta, 19 anos).

- “É a melhor coisa, eu não saí ainda da adolescência... hoje eu saí com a minha filha, mas não tanto como eu saía na adolescência”. (Mariana, 17 anos).

Ancoradas em suas experiências vividas estas adolescentes expressaram simultaneamente suas concepções e os sentimentos com relação à adolescência. Assim

percebe-se que existe uma dificuldade em se reportarem a “fase” da adolescência, tendo em vista que estas adolescentes engravidaram, segundo elas, muito cedo entre os 13 e 15 anos de idade. Por isso, elas relatam que perderam o que a “fase” tem a oferecer de bom. Existe um distanciamento entre o que elas vivem hoje daquilo que viveram ou deixaram de viver na adolescência. Para estas participantes, o fato delas estarem entre os 16 e 19 anos não significa que elas estejam na adolescência, pois a representação da adolescência para elas não está relacionada à idade, mas sim as atividades que se faz nessa fase e aos benefícios que a fase oferece.

A adolescência enquanto fase que oferece benefícios também pode ser notada no estudo de Espíndola e Santos (2004), pois ela é representada como uma fase boa e importante na vida, sendo concebida como uma etapa de transição, fase inicial da produtividade, marcada pelo trabalho e a preparação para o futuro. Ou seja, assim como Espíndola e Santos (2004), as adolescentes apontam os aspectos positivos da fase e parecem lamentar não terem tido oportunidade de vivenciar esses aspectos positivos.

#### ✓ *Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade*

- “Não sei, não penso nada”. (Bruna, 17anos).
- “Eu nem penso sobre a adolescência (sorrir)”. (Vitoria, 15anos).
- “Eu não páro para pensar na adolescência”. (Elisa, 16anos).
- “Ah, é complicado, não sei bem o que é”. (Daiane, 18anos).
- “Sei não... não é ser como adulto”. (Sara, 17anos).
- “Sei lá, nem sei o que dizer”. (Bruna, 17anos).

Com relação às características da fase da adolescência, Moreira et al.,(2008) trazem que a adolescência é a fase em que se deixa o comportamento infantil para entrar no mundo adulto. Isso gera a ansiedade, insegurança e inquietação. A adolescência além de fazer parte do ciclo da vida e ser um período confuso, de contradições, de formação da identidade, também é o momento de descoberta do corpo e aquisição de responsabilidades.

Coincidindo com a percepção de Moreira et al.,(2008), notamos que apenas uma das adolescentes diz que a adolescência não é a mesma coisa que ser adulto. Ainda que não tenha verbalizado, para ela, a adolescência tem suas características próprias. As falas acima revelam que estas adolescentes, pelo menos inicialmente, pareceram não ter uma opinião “clara” sobre a adolescência, talvez porque elas estão vivenciando essa “fase”.

## ***1.2 Categoria: Concepção de maternidade***

### ***✓ Adolescentes com a experiência vivida da maternidade***

Ao entrevistarmos as adolescentes sobre a maternidade, pretendia-se identificar se para as adolescentes existem diferenças quanto à ocorrência da maternidade na fase adulta e na adolescência. Para estas adolescentes, quando entrevistadas a respeito da *maternidade*, elas não apresentavam um discurso separado do conceito de maternidade na adolescência e ao se reportarem ao tema da maternidade se reportavam abordando suas próprias **experiências vividas**.

- “maternidade vixe Maria horrível... é ruim porque eu tive filho nova, não é assim das crianças é que eu tive muito nova, meu Deus segui duas vezes”. (Maria, 16 anos).

- “ser mãe é uma coisa sem explicação, é serio... eu tive que aprender a ser mãe, se a gente não der um banho ninguém dá”. (Mariana, 17anos).

- “ah, a maternidade eu já entendo um pouco... é bom, é... foi bom pra mim, foi uma gravidez esperada eu tinha 14 anos e ele também... eu amadureci até um pouco mais rápido, posso dizer que foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida...”. (Marle, 20anos).

- “Ah, eu ficava preocupada porque ele (bebê) podia me impedir de fazer as coisas, tipo de estudar, com quem eu ia deixar ele pra trabalhar? Fazer curso? Fazer faculdade? Eu pensava que eu não podia fazer mais nada disso... Se um dia eu terminasse com o pai dele, se ele ia continuar me ajudando a criar o filho...?”. (Matilde, 17anos).

- “Maternidade para mim é responsabilidade em dobro, porque no meu caso é mãe e pai. Quando você é adolescente você não liga pra nada e a maternidade ensina, você já vai mudando os hábitos”. (Marta, 19anos).

- “Se eu pudesse escolher hoje eu não seria mãe...!”. (Mônica, 20 anos).

No trabalho de Zeide e Menandro (2002) para a maioria dos entrevistados (pais e mães adolescentes) o significado da maternidade esteve associado ao papel da mãe, sendo esta aquela que dá amor, carinho, cuida do filho e tem fundamental responsabilidade pela vida da criança. De forma diferente, podemos notar que para as adolescentes desta pesquisa, o significado da maternidade está associado à responsabilidade, aprendizado, preocupação, algo bom ou horrível. Dessa forma, o significado da maternidade está **ancorado** mais a sentimentos vivenciados pelas adolescentes do que as atividades adquiridas com o advento da maternidade.

Notamos que, por estarem vivenciando esse fenômeno, as adolescentes **ancoram-se** em suas experiências e ao abordar o tema elas não só falam dos sentimentos “positivos” ou “negativos” sentidos por elas, como expressam esses sentimentos chorando ou sorrindo no momento das entrevistas. Assim notamos que, o fato dessas adolescentes terem **a experiência vivida da maternidade**, parece influenciar suas representações sobre o tema em questão.

#### ✓ *Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade*

Percebemos neste grupo diferentes reações frente à questão e também diferentes concepções. Algumas, não demonstraram interesse para falar do assunto; surge um grupo que **objetiva** a maternidade ao papel de mãe; uma adolescente associa a maternidade ao hospital, enquanto espaço/local; outras não souberam falar sobre o tema e algumas associam a maternidade diretamente à maternidade na adolescência.

- “Nem sei direito porque eu nunca pensei em ser mãe...”. (Elisa, 16anos).
- “Maternidade... sinceramente não entendo nada, assim deve ser o quê? Ser mãe...”. (Elaine, 18anos).
- “Ah, acho que não quero responder isso”. (Roseane, 16anos).
- “Sei lá...”. (Sara, 17anos).
- “Lugar onde nasce o bebê”. (Vitoria, 15anos).

Uma adolescente passava pelo momento de suspeita de gravidez e demonstrou ter uma concepção da maternidade como algo que causa transtorno e preocupação a adolescente. Para esta adolescente, a maternidade é causa de preocupação porque ela teme pela reação dos pais e também é algo que causa transtorno, porque é **objetivada** como perda da liberdade. Como

essa adolescente passava pelo momento de suspeita de gravidez, ela se reporta a maternidade associando-a diretamente à adolescência.

- “A senhora tá falando disso e isso não sai da minha cabeça... é bom pra quem quer! feito eu que não quero agora, tô meia... Eu não sei, mas acho que tô, oxe eu tô aperriada, transtornada, faz mais de 15 dias que não venho pra escola, é muito ruim, oxe Deus me livre, e a reação dos meus pais? Se eu tiver não vou querer, tem muitas formas de tirar... se eu tiver é de um menino e não tô com ele mais, eu já tô com outro!... é por isso que tô com isso na cabeça, eu gosto de sair, o povo diz vai viver sem liberdade... É bom falar, desabafa. Eu não sei não, eu vou-me embora, tô com dor de cabeça”. (Sabrina, 17anos).

Com esse caso em particular, podemos interpretar que por estar passando pela suspeita da gravidez as reações desta adolescente são semelhantes às reações das adolescentes com a experiência vivida da maternidade. Notamos que, ao falar sobre a maternidade, Sabrina **ancora-se** em seu caso e **objetiva** a maternidade como algo que só é bom quando se é planejada, o que não é o caso dela. Por isso, a maternidade para ela **objetiva-se** como: algo ruim, o que causa dor de cabeça, aperreio e transtorno. Ainda que não se tenha a certeza, apenas em pensar na possibilidade de se estar grávida, ela parece ter a representação de que a maternidade na adolescência é causa da perda da liberdade e por isso cogita a possibilidade do aborto.

Além deste caso particular, para o grupo abaixo a concepção de maternidade está **objetivada** como responsabilidade e associada diretamente à maternidade na adolescência.

- “Responsabilidade e muita, principalmente na adolescência, na época de hoje você olha pro lado e vê uma menina grávida... já tive várias suspeita de está grávida é uma coisa que acho errado!” (Simone, 18anos).

- “Hoje em dia o que você mais vê é adolescentes com filhos nos braços, já é praticamente normal nos dias de hoje”. (Cineide, 18anos).

- “É ser mãe, é voce nascer de novo pra uma coisa que você não está preparado e não tem experiência na adolescência, porque a maioria das adolescentes vive com seus pais, tipo somos muito mimadas e agente estamos como tipo um bebê em fase de crescimento, tipo nosso corpo também está em evolução”. (Carla, 17anos).

Percebe-se nas falas anteriores que todas as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade **ancoram-se** nas histórias de adolescentes que já engravidaram e têm filhos,

assim como no caso das adolescentes com a experiência vivida da maternidade, existe a intensificação das responsabilidades da maternidade quando ocorre na adolescência, dando a entender que na adolescência a responsabilidade é maior que na fase adulta, pois não se tem ainda a idade apropriada para ser mãe.

Com base nas falas de Cineide (18 anos) e Carla de (17 anos), ter filhos na adolescência tornou-se algo que acontece com certa regularidade nos dias de hoje, ainda que as adolescentes não tenham experiência nem esteja preparada para ser mãe.

### ***1.3 Categoria: Concepção de maternidade na adolescência***

#### ***✓ Adolescentes com a experiência vivida da maternidade***

Quando as adolescentes foram entrevistadas sobre a *maternidade na adolescência*, elas apresentavam seus sentimentos e com base em suas **experiências vividas**, intensificam as consequências dessa maternidade na adolescência, trazendo novamente suas experiências como exemplos.

- “Assim é difícil né, porque eu sou nova tenho dois filhos, vixe Maria eu crio feito dois bonequinhos que nem criar assim direito eu sei”. (Maria, 16anos).

- “É difícil!... eu aprendi a ser uma mulher porque eu era uma menina, aprendi a ter responsabilidade coisa que eu não tinha, porque quem era responsável por mim era minha mãe...”. (Mariana, 17anos).

- “Mas na adolescência... Eu diria que é um assunto muito sério, viu porque puxa agente perde tanta coisa, assim perde de viver, eu perdi..., Não respirava mais, na verdade era só cuidar da casa, do menino, parei meus estudos, hoje podia estar no emprego bom, estabilizada...”. (Marle, 20anos).

-“Ai meu Deus! (risos) é complicado! Você vê assim, meu Deus, podia ter esperado um pouco, mas aconteceu, então foi aqui mesmo na adolescência e pronto”. (Marta, 19anos).

- “Essa maternidade pra mim foi muito dificultoso! Pelo fato de que a pessoa tá começando a vida já sendo mãe, é uma dificuldade muito grande, principalmente quando não tem alguém da família ou o próprio pai da criança pra ajudar”. (Mônica, 20anos).

- “Se torna mais difícil ainda, porque a maioria do povo começa a criticar que você não sabe, mas com o tempo você vai aprendendo, o povo diz que não sabe cuidar, disseram que eu não sei educar meu filho, mas eu sei educar meu filho!”. (Morgana, 17anos).

- “Ai é complicado! Porque não tem tempo nem pra descobrir o mundo, tem que cuidar do filho”. (Michele, 17ano).

- “Maternidade na adolescência é totalmente errado! Até porque uma pessoa adolescente, ela tem que estudar arrumar primeiro um emprego, se formar, depois noivar, casar e depois pensar em ter um filho... eu fiz diferente, fui pensar logo em engravidar... mas tô nova, dá tempo de correr atrás do tempo perdido, ainda bem que eu não parei pra pensar tão tarde assim né, dá tempo de eu correr atrás dos meus estudos e me formar”. (Marcele, 18 anos).

### ✓ *Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade*

Mesmo que as adolescentes não tenham expressado claramente suas concepções sobre a fase da adolescência na (categoria 1.1), com as falas a seguir observamos que, para estas adolescentes, a adolescência é o momento de curtir e aproveitar a vida, estudar, ter um emprego fixo e não ter responsabilidade. Logo a nosso ver seriam, pois, para estas adolescentes estas as características dessa fase da vida. Para elas, a maternidade na adolescência não é entendida como uma característica dessa fase da vida e, portanto está **objetivada** como um erro.

- “É um erro! Tão nova assim acho que é um erro a pessoa fazer isso na sua adolescência que tá ai pra curtir a vida”. (Vitória, 15anos).

- “Eu acho errado, primeiro tem que terminar os estudos, ter um emprego e lá na frente pensar em ter uma condição pra sustentar o filho”. (Elisa, 16anos).

- “Algo precário, tipo é errado porque ele não tem nada, tipo não tem um trabalho fixo, não tem um futuro certo pra poder dar um futuro bom praquela criança”. (Elaine, 18anos).

- “Eu não concordo com a maternidade na adolescência porque a gente tem que aproveitar a vida, estudar, ver o que agente quer realmente, é um momento que agente não tem que tá criando responsabilidade, criando de uma criança, acha que não é certo”!. (Simone, 18anos).

- “É ruim... é pior ainda (risos)... se no adulto já é difícil, na adolescência... porque você não sabe o que é certo e o que é errado, você nem viveu a sua adolescência totalmente já pulou estágio pra ser mãe...” (Daiane, 18anos).

Estas falas têm como foco as características da maternidade na adolescência, percebe-se que as adolescentes atribuem a esta um sentido problematizante, pelos motivos, a saber: (a)

consideram-se novas; (b) a gravidez ocorreu na adolescência; (c) o pai da criança não a apoia. Elas deixam a entender que se a maternidade ocorresse na fase adulta não teria esse sentido problemática e mesmo que ocorresse na adolescência se tivesse o apoio do pai adolescente a maternidade na adolescência não seria um problema. Para estas adolescentes a maternidade na adolescência **objetiva-se** como algo errado, como um evento que não se deve viver nesta fase da vida, pois a adolescência está **representada** por elas como: a fase de estudar e procurar aperfeiçoamento profissional; fase em que os pais são responsáveis pelo adolescente e não o adolescente responsável por uma criança; é a fase para se viver; é o início da vida e tempo de descobertas. Vivenciar a maternidade nessa fase da vida significa então para estas adolescentes “perder” ou deixar de “experimentar” todos esses aspectos positivos que a fase da adolescência oferece.

#### ***1.4 Categoria: Maternidade na adolescência e suas possíveis causas***

Estudos como de Oliveira (1998) e de Ribeiro (2003) trazem que são diversos os motivos que levam as adolescentes a engravidarem e esses motivos podem estar relacionados entre si. Dentre eles ganham destaque a impulsividade; o imediatismo; os sentimentos de onipotência; a idade cada vez mais precoce da menarca e da iniciação sexual; a falta de informação sobre concepção e contracepção; a baixa autoestima das jovens; a aspiração à maturidade para concorrer em nível de igualdade com os pais; a gravidez pode fazer parte do projeto de vida na tentativa de alcançar autonomia econômica e emocional em relação à família de origem; a não participação regular em grupos religiosos; a escolaridade dos pais e também as relações familiares conflituosas.

Além destes motivos, nas falas a seguir podemos perceber que para estas adolescentes a gravidez nessa fase seria decorrente também da falta de diálogo entre elas e suas mães.

✓ *Adolescentes com a experiência vivida da maternidade*

- “Sei lá, acho que é porque as mães não ficam em cima das filhas, porque eu e minha mãe agente sempre fomos separadas, meu pai morreu quando eu tinha 7 ano, saí vim morar com ela, agente não era muito junta, era liberal com tudo, aí arrumei um namoradinho e ninguém pra conversar, pra me dar conselho, pra falar dessas coisas aí acabei engravidando”. (Maria, 16 anos).

- “Olha eu acho, na minha opinião há dois caminhos: num caminho eu acho que a gente vacila muito, no outro o que leva às vezes é a falta de orientação, não diria assim por televisão que fala muito, tem livros, internet eu diria que comunicação entre a mãe, porque tem muitas adolescentes que vão ficar sem a mãe, minha mãe mesmo nunca chegou pra mim, pra dizer Marle é assim, tenha cuidado, então eu diria que um diálogo entre mãe e filha é forte. A minha mãe me deixava muito liberada, eu saía pra onde eu queria, hoje eu penso poxa eu fiz tudo isso? Ficava altas horas na rua e mãe nem ligava, meu pai ele me reservava, mas ele não soube assim...ele me sufocou. (Marle, 20anos ).

Percebe-se com estas falas que estas adolescentes citam brevemente a participação da figura paterna em suas vidas e destacam principalmente a figura de suas mães em suas vidas. Existe uma queixa quanto à ausência dos cuidados e orientações maternas, deixando a entender que existe uma justificativa e um “culpado” para suas gravidezes não desejadas.

A fala a seguir coincide com as afirmações de Oliveira (1998) e Ribeiro (2003) de que os conflitos familiares também são um dos motivos que podem influenciar direta ou indiretamente as adolescentes a engravidarem.

- “Assim, no meu ponto de vista, vem de dentro de casa, né, todos os problemas que vem de dentro de casa... eu num vou jogar todos os problemas de dentro de casa pra uma adolescente engravidar, mas assim não ter a atenção da mãe, a mãe num conversa, num explica o que é certo, não dar atenção nenhuma, a mãe coloca outro homem dentro de casa, isso vai levando você a arrumar um namoradinho... aí se ilude pensa que o namoradinho vai dar tudo que sua mãe não deu aí acaba grávida. Minha mãe nunca chegou pra mim... oh você tá com namoradinho não sei o que... minha mãe não foi de dar conselho, não foi de dizer se eu tava certa ou errada, ela sempre foi de dizer quer fazer as coisas faça, se quiser estudar, estude! Se quiser namorar, namore! Se quiser ter um filho, tenha!”. (Marta, 19anos).

Nota-se que (Marta, 19 anos), **ancora-se** em sua história para “justificar” que os conflitos da casa influenciam na gravidez da adolescente. Este conflito está relacionado

diretamente a uma mulher, no caso dela, ele é causado pelo comportamento desatencioso de sua mãe. Observamos que, ainda que, esta fala retrate a experiência particular de uma das adolescentes desta pesquisa, ela parece reforçar a ideia do senso comum de que são os pais, principalmente a mãe, os responsáveis pela vida da adolescente. Para esta adolescente a mãe é **objetivada** como a pessoa responsável por dar atenção e conselhos aos filhos adolescentes; pela orientação sexual da adolescente e ainda é a pessoa que deve explicar-lhe o que é certo ou errado.

Já nas falas a seguir existe uma ambiguidade no sentido de que, são as mães as responsáveis pela orientação sexual das filhas, no entanto, elas não são culpadas pela maternidade quando esta ocorre, como podemos observar nas falas a seguir:

- “Bom, na maioria das vezes porque a mãe não conversa com o filho como foi meu caso né, minha mãe nunca teve assim essa proximidade de conversar comigo e tive relações e engravidei, não tomava nada (chora, cobre o rosto com a farda da escola), mas ela não é culpada eu também poderia ter procurado ela pra saber mais (chora novamente)”. (Morgana, 17anos).

- “Que hoje... o que leva, eu acho que os homens de hoje não pode ver um rabo de saia (risos) ai jogam uma conversa meio mole pra cima das adolescentes ai elas acabam caindo, ai pronto... num tem uma conversa de mãe... Se tiver, acho que elas (adolescentes) nem ligam”. (Márcia, 20anos).

Embora, estas falas explicitem que as mães não são culpadas pela gravidez de suas filhas adolescentes, nos estudos de Borsa e Nunes (2011); Wagner et al.,(2005) aparece de forma clara no depoimento das mães o sentimento de culpa e frustração perante a gestação de suas filhas adolescentes e também é clara a culpabilização da gravidez atribuída a própria adolescente.

Todas as falas anteriores de forma indireta parecem sugerir que existe um culpado para a ocorrência da maternidade na adolescência. No estudo de Dias et al., (2012) a atribuição de culpa esteve, em alguns casos, associada eminentemente à figura feminina, pois a mãe é vista como a principal responsável pela educação da filha e a adolescente responsável pelo cuidado com seu corpo, contracepção e moral. Também nesta pesquisa, notamos que a predominância da “culpa”, se é que podemos assim dizer, está associada à mãe ou a própria adolescente. De uma forma ou de outra, a mulher é considerada a principal responsável pela educação e orientação sexual dos filhos e apesar das modificações nos papéis femininos e

masculinos, ainda a principal responsável pela gravidez e posterior atividades decorrentes da maternidade, é a mulher.

Dias et al.,(2012) aponta que os pais em muitos momentos buscam achar um culpado para a gestação da filha, situação considerada problemática. Os sentimentos dos pais foram descritos como ambíguos, pois ao mesmo tempo em que buscavam achar culpados, eles próprios se consideravam culpados pela situação, uma vez que a gestação foi percebida como um descuido na educação e atenção dispensada à filha. Nas falas das adolescentes, a seguir, os pais de fato são responsabilizados pelas orientações com os filhos, porém a ausência dos pais pode influenciar na gestação das filhas, mas não justifica e nem deve ser única causa da gestação. Além disso, algumas adolescentes defendem que as mães cumprem com seu papel de educadora, no entanto são as filhas que não dão atenção as orientações que recebem de suas mães.

#### ✓ *Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade*

- “Eu acho que também vem à parte dos pais de conversarem com os filhos, justamente porque não têm tempo pra mais nada é tudo muito corrido e não ligam tanto pros filhos aí às vezes por falta de um apoio maior acontece... pra mim nada justifica porque hoje em dia pelos conhecimentos que a gente tem na internet nada justifica ter um filho sem a mínima condição, a falta dos pais não conversar influi, mas não justifica” (Cineide, 18anos).

- “Eu não culpo nem tanto a mãe. Amizade flui muito, agente vê menina de 12, 13 andando com mulher de 29,30 vamo pro bar, vamo pra festa “oxé menina deixa de ser careta”, hoje em dia a gente vê muito menina nova no meio de menina grande e antigamente não era assim, criança se botava no lugar de criança, adolescente no lugar de adolescente e senhoras no lugar de senhoras hoje em dia é tudo misturado.” (Beatriz, 18anos).

- “Falta de conselho é que não é né, porque assim nem todas as mães são iguais”. (Vitória, 15anos).

- “Eu também quero saber!? Porque tipo ,tanta coisa pra se fazer na adolescência... agente num pode nem culpar as mães porque várias amigas minhas,as mães tá lá em cima... Aí quando vir já tá lá com o namorado fazendo coisa errada”. (Daiane, 18anos).

Aqui notamos que predomina a isenção da culpa da mãe da adolescente pela gravidez desta, pois a mãe procura orientar a filha. Por outro lado, subtende-se que para estas adolescentes a mãe da adolescente está representada como a pessoa que tem que orientar a

filha. Ainda que a mãe seja isenta de culpa, com as expressões “*Amizade flui muito, agente vê menina de 12, 13 andando com mulher de 29,30*” (Beatriz, 18 anos) e “... *Aí quando vir já tá lá com o namorado fazendo coisa errada*”(Daiane, 18 anos), parece predominar um discurso que culpabiliza a mulher pela gravidez na adolescência. Observamos que, independente da situação e idade, a culpa pela gravidez indesejada da adolescente ou é de uma mulher mais experiente ou é da própria adolescente que não escuta os conselhos da mãe e não procura informações na internet.

Pelas falas de Beatriz, Daiane e Vitória a causa da gravidez indesejada não se justifica pela falta de diálogo e orientação sexual entre mãe e adolescente, diferenciando-se do trabalho de Dadoorian (2003). No estudo referido, a gravidez vem como consequência da carência afetiva e falta de diálogo entre mãe e adolescente. Com base na fala de Cineide percebe-se que a carência afetiva do meio familiar induz a gravidez na adolescência, por esse ângulo coincide com os dados de Dadoorian (2003). Contudo, vale ressaltar que a falta de comunicação entre família e adolescente não é uma situação generalizada, pois no estudo de Silva e Tonete (2006) é possível perceber que a família adverte a adolescente quanto os infortúnios de uma gravidez nessa circunstância, por isso culpabiliza e responsabiliza a própria adolescente pela gravidez indesejada.

Sendo assim, para estas participantes, a causa da gravidez indesejada pode ser devido à influência de amigas, desobediência da adolescente ou a falta de atenção da família. Logo nesse tópico parece não haver um discurso hegemônico no que se refere ao “culpado” pela gravidez da adolescente.

### ***1.5 Categoria: Mudanças vividas a partir da maternidade***

Ressalta-se que com relação a esta categoria, surgiram diferentes subcategorias entre os grupos das adolescentes com e sem experiência vivida da maternidade.

Enquanto no estudo de Zeide e Menandro (2002) todos os participantes relataram que a mudança de maior impacto foi a perda de liberdade, o que significava diminuição nos contatos sociais e nos programas com os amigos e também a necessidade da inserção no mercado de trabalho, nesta pesquisa de forma diferente não houve uma mudança de maior impacto, pois diversas foram as mudanças relatadas pelas adolescentes. Todas as participantes

declararam ter havido algum tipo de mudança significativa em suas vidas. As mudanças foram percebidas em diferentes aspectos e nas falas abaixo a mudança que se destaca é aquela que se refere à relação afetiva entre o casal adolescente.

A análise dessa categoria foi realizada a partir de três subcategorias emergentes: *Mudanças relacionadas ao pai da criança; Mudanças relacionadas ao filho e Mudanças relacionadas a diversos fatores*, estas serão apresentadas a seguir com suas respectivas unidades de análise.

### ✓ *Adolescentes com a experiência vivida da maternidade*

#### **1.5.1 Subcategoria: Mudanças relacionadas ao pai da criança**

Novamente **ancoradas em suas experiências** elas afirmam que a relação entre elas e seu companheiro mudou; elas acreditam que o desinteresse sexual e/ou afetivo do seu companheiro está relacionado diretamente ao fato delas terem tido uma criança, pois com a existência de uma criança elas passam a ter mais responsabilidades, o que implica ficarem mais atarefadas e se ausentarem na relação com o companheiro.

- “Muda muita coisa, hoje ele não é a mesma pessoa, antes quando eu não tinha filho ele me tratava de meu amor, eu era a paixão pra ele, mas hoje ele já arrumou outra mulher, tô levando a vida por tá levando!”. (Mariana, 17anos).

- “Mais ou menos, o medo né, é só isso mesmo sobre se ele ia... se ele ia me evitar” (Matilde, 17anos).

- “Muda, muda porque a gente mulher fica com mais responsabilidade, então você não tem mais aquele pique pá acompanhar seu esposo”. (Marle, 20 anos).

Com estas falas notamos que para estas adolescentes que vivenciam a maternidade existe o medo de perderem seus companheiros pelo fato de estarem ocupadas com as atividades advindas com o nascimento e cuidados com a criança. No estudo de Eduardo et al.,(2005) para a maioria das adolescentes a responsabilidade pela maternidade recai totalmente sobre elas. Da mesma forma, notamos que parece existir a ideia de que cabe

somente a elas tais responsabilidades e cuidados para com a criança e que a mulher além de ser responsável pela maternidade precisa estar disposta a satisfazer o companheiro.

No estudo de Pantoja (2003), a gravidez/maternidade pode envolver dimensões complexas que remete tanto à mudança de *status*, quanto à reafirmação de projetos de mobilidade social. Em seus resultados a maternidade na adolescência proporcionou a reafirmação dos projetos de ascensão social, no sentido das adolescentes e familiares se esforçarem para que as mesmas pudessem dar continuidade aos estudos.

### ***1.5.2 Subcategoria: Mudanças relacionadas ao filho***

Semelhantemente, nas falas que se seguem podemos perceber uma clara mudança na vida da adolescente em prol de procurar fazer ajustes mediante o nascimento da criança. Precisar amadurecer e ter que continuar os estudos foram mudanças tidas como positivas para estas adolescentes, pois estando mais madura e tendo estudo significa para elas poder proporcionar um futuro diferente do delas para seus filhos.

-“Tive que amadurecer porque o que me acontece vai afetar ele também entendeu? Então voltei a estudar, foquei nos meus estudos para futuramente arrumar um bom emprego pra dar uma boa vida ao meu filho”. (Marcele, 18anos).

- “Na minha vida muita coisa mudou, me prendeu muito cedo! Mudou tudo, tudo que eu havia pensado pra mim, mas ainda vou terminar meus estudos e fazer o que sempre quis, quero fazer faculdade de quê ainda não sei tô pensando, pra ter uma profissão boa e poder dar tudo ao meu filho, tudo que ele quiser.” (Morgana, 17anos).

- “As mudanças é primeiramente você não viver mais só pra você é ser duas pessoas em uma. Quando eu tive meu filho a partir do primeiro momento eu disse, pronto agora não sou eu somos nós né, eu e ele”. (Mônica, 20 anos).

Essas mudanças e centralidade no papel materno já eram observadas em trabalhos de diferentes autores (NÓBREGA, 1997; RAMIRES, 1997; RODRIGUES; TRINDADE, 1999; TRINDADE 1998). No trabalho de Nóbrega (1997), por exemplo, embora as participantes fossem adolescentes da classe média urbana, a autora verificou que, apesar das indicações de mudanças relacionadas aos papéis sociais, com a valorização da participação feminina no espaço público, a visão tradicional se manteve quando o assunto se relacionava a filhos, pois

cabe à mulher cuidar dos filhos e dela apenas se espera a promoção de ajustes para conciliar vida doméstica e profissional.

Além desta, também foram relatadas pelas adolescentes mudanças relacionadas a outros fatores como o cuidado com o próprio corpo (prevenção); a perda da atenção de familiares e preconceito.

### ***1.5.3 Subcategoria: Mudanças relacionadas a diversos fatores***

Dentro do contexto da maternidade, segundo Moreira et al., (2008) a gravidez envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões, como por exemplo as mudanças na identidade e na nova definição de papéis, pois a adolescente passa a se olhar e a ser olhada de forma diferente. Isso explicita que a complexidade das mudanças provocada pela vinda de um bebê não se restringe às variáveis psicológicas e bioquímicas, mas também aos fatores sociais.

-“Muda né, a pessoa já pensa mais um pouquinho... a se prevenir”. (Márcia, 20anos).

- “Existe mudança sim! Atenção não é a mesma, né os cuidados que sua mãe tinha com você ela não tem mais, porque ela ensina você a ter os mesmos cuidados que tinha com seu filho agora”. (Marta, 19 anos).

Assim como no estudo de Zeide e Menandro (2002), as situações de constrangimento advindas do preconceito por causa da gravidez também são observadas na fala a seguir. Esse constrangimento se refere ao preconceito que as adolescentes mães sofrem das mães de suas “antigas amigas”.

- “Muda, muda mesmo, assim é difícil com suas amigas né, assim tem mãe assim que já tem preconceito diz que é porque agente teve filho nova ai vai levar a filha delas pro mau caminho, não é todas pessoas que quer ter assim, amizade com você” (Maria, 16 anos).

Durante a entrevista (Maria, 16 anos), com base em sua experiência chorou enquanto falava de sua dificuldade em se relacionar com meninas da sua idade, tendo em vista que a adolescente com experiência vivida da maternidade em geral está **objetivada** pelas mães das adolescentes sem experiência vivida como má companhia e relacionar-se com ela é sinônimo de se relacionar com má influência e também engravidar na adolescência.

Nota-se, portanto, nesta pesquisa que as mudanças que ocorrem na vida das adolescentes mães não envolvem apenas as mudanças físicas, mas também questões pessoais, sociais e afetivas. Nota-se no caso destas adolescentes que a vivência da maternidade na adolescência, faz pensar na prevenção, no sentido de evitar outra gravidez não planejada; a vivência da maternidade na adolescência também traz sentimentos de perda, pois a adolescente agora mãe não é mais o foco de cuidados, pois ela é quem precisa oferecer cuidados a criança. Aqui percebemos novamente assim como na subcategoria anterior e como no trabalho de Nóbrega (1997), que independente da faixa etária os cuidados para com a criança são atributos destinados à mulher.

Além disso, a vivência da maternidade na adolescência também traz o desconforto no sentido de ao invés de ser bem vista, a adolescente mãe pode passar a ser mau vista pela sociedade, pois ser vítima de preconceito porque se é mãe adolescente e perder amigas em virtude disso, são dificuldades que as adolescentes mães não esperam enfrentar. Além de ter que fazer reajustes em sua vida, lidar com a falta de antigas amigas é situação difícil de ser vivenciada pela adolescente mãe.

Diferente do estudo de Zeide e Menandro( 2002) neste grupo de adolescentes sem experiência da maternidade não houve uma mudança de maior impacto, pois diversas foram as mudanças relatadas pelas adolescentes, inclusive algumas declaram não haver mudança alguma e outras trazem as mudanças relacionadas a perda da liberdade, mudança no corpo e amadurecimento forçado.

Para o grupo das adolescentes sem experiência vivida da maternidade, a análise dessa categoria (*Mudanças vividas a partir da maternidade para as adolescentes sem a experiência vivida*) foi realizada a partir de três subcategorias: *Não há mudanças*, *Perda da liberdade* e *Mudanças relacionadas a diversos fatores*, suas análises abaixo.

✓ *Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade*

**1.5.4 subcategoria: Não há mudanças**

- “Depende muito da classe social, porque geralmente delas que tem filho, algumas nem ligam, deixam nos braços da mãe e vivem a vida normal como se não tivessem filho, mas dependendo da classe, até mesmo pela educação aí muda!”. (Cineide, 18anos).
- “Aí no caso, dela (irmã) tipo ela passou a ter liberdade porque o filho dela fica com minha mãe mermo”(Elaine, 18anos).
- “Não tem mudanças! De dia elas dizem que vão amamentar e de noite elas vão sair, porque a maioria dessas meninas sempre tem alguém, olha é incrível essa coisa que acontece hoje em dia; as pessoas que precisam muitas mães que ficam lutando pra botar seus filhos na creche e não tem vaga, tá lotado de filhos de mães que tá cada vez por ano tendo filho, Bolsa Família aí né, mas tá pensando que são todas as mães que trabalham? Muitas botam ali na creche pra ficar de perna pra cima procurando mais filho”. (Beatriz, 18anos).

Nestas falas percebe-se que a depender da classe social, a adolescente pode ou não ter mudanças na vida diante de uma gravidez, isso porque a classe social implica melhor condição de escolaridade, o que influencia no comportamento da adolescente frente aos cuidados com a criança. Além disso, quando os familiares e principalmente a avó materna assume todas as responsabilidades do filho da menor, isso faz com que a adolescente não passe por mudanças, pois a superproteção da avó materna não permite que a adolescente adquira responsabilidades, podendo, em alguns casos, ser mais livre do que era antes, já que a avó materna assume os cuidados com a criança.

De fato os cuidados “exagerados” das avós podem comprometer a responsabilidade da adolescente para com o bebê, como bem trazem Silva e Salomão (2003); Aguiar e Dias (2000). Nesses estudos, os suportes sócioemocionais oferecidos pelas avós são significativos para a mãe e sua criança. Talvez pelo fato da maioria das adolescentes morar com a família de origem, a avó finda por assumir a função de cuidadora, desenvolvendo, muitas vezes, o papel de mães substitutas, assim em alguns casos as avós são mães e avós ao mesmo tempo.

Contudo, não é comportamento hegemônico de que as adolescentes mães não saibam de suas responsabilidades e não as queiram cumprir. Segundo Salomão (2003), as adolescentes que participam de encontros de grupo de apoio, entendem as delimitações do seu

e o papel das avós, entendendo que não cabe as avós a responsabilidade de arcar com todas as despesas financeiras nem cuidar de tudo que se relacione ao bebê .

Ainda com relação às mudanças na vida da adolescente mãe, no estudo de Zeide e Menandro (2002) a perda da liberdade e a necessidade da inserção no mercado de trabalho são mudanças advindas e aceleradas com a gravidez. A perda liberdade significa diminuição nos contatos sociais, nos programas com os amigos e a impossibilidade de estudar.

Com a subcategoria a seguir, observamos que para as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade a perda da liberdade é algo notório na vida das adolescentes que se tornam mães nessa fase da vida, conforme iremos destacar a seguir.

#### ***1.5.5 Subcategoria: Perda da liberdade***

- “Ah, muda tudo! Você antes solteira, você podia sair, se divertir, na maternidade você já tem que... cuidar de filho tem que botar o pé no chão e... acabou a adolescência!”. (Daiane, 18anos).

- “Tenho certeza que muda muita coisa... elas deixam de sair, muitas saíam comigo final de semana pras festas, bebiam, viajavam, hoje não.” (Simone, 18anos).

-“Ela fica mais presa”. (Bruna, 17anos).

- “Muda muita coisa, tem que arrumar um emprego, não sei nem explicar” (Elisa, 16anos).

Para este grupo existem mudanças na vida da adolescente que se torna mãe e estas mudanças implicam na: perda da liberdade, impossibilidade de estudar, não poder mais: se divertir, beber, viajar, sair para festas e ainda precisar trabalhar. Para este grupo, com o exercício da maternidade, as características da adolescência deixam de existir, podemos, então, interpretar que para estas adolescentes as características e atividades da maternidade estão **objetivadas** como incompatíveis com as da adolescência.

Além da falta de liberdade, segundo as adolescentes, a gravidez faz com que o corpo da adolescente mude e esta perde as características de beleza que tinham antes da gravidez. A gravidez também força a adolescente a amadurecer precocemente.

### ***1.5.6 Subcategoria: Mudanças relacionadas a diversos fatores***

- “O corpo muda, fica logo aquela mulher feia, ficam todas gordas com estrias, tudo feia (sorrir)”. (Vitória, 15anos).

- “Rapaz, tem mudança viu! porque o fato dela ter um filho não faz com que ela amadureça com o tempo, mas sim na marra e aprender no sofrimento e na dor não é bom”. (Carla, 17anos).

Destacamos que as preocupações relacionadas com as mudanças do corpo não foi algo que apareceu nas falas das adolescentes com a experiência vivida da maternidade. Parece-nos que elas estão mais preocupas com o futuro de seus filhos e o seu próprio do que as características físicas de seu corpo.

A relação do casal adolescente é apresentada pelas adolescentes em diferentes momentos, durante o namoro, antes e depois da gravidez, ou seja, para elas a relação do casal muda e isso depende do momento que eles estejam vivendo.

### ***1.6 Categoria: Relação dos pais adolescente durante a maternidade***

De acordo com Levandowsky e Picinini (2004) a literatura revela a existência de duas posições a respeito das consequências da gravidez na vida conjugal de casais adolescentes, uma que aborda o aspecto positivo, pois o exercício da maternidade e da paternidade pode ter efeitos positivos na relação do casal na medida em que estes decidem morarem juntos para promover o crescimento da dupla e outra que aborda os aspectos negativos, pois com o nascimento do filho, surge uma nova rotina que tende a mudar a relação do casal, pois o filho demanda atenções que exige dos adolescentes uma reformulação na maneira de viver, reformulação esta que o casal adolescente pode não está preparado.

Ressalta-se que nessa categoria novamente emergiram diferentes subcategorias para os grupos das adolescentes com e sem experiência vivida da maternidade.

✓ *Adolescentes com a experiência vivida da maternidade*

**1.6.1 Subcategoria: Relação do casal durante a gravidez**

Vivenciar a maternidade pela primeira vez pode trazer dificuldades, mas também situações prazerosas para a relação tanto do casal adulto como do adolescente. Ao entrevistar as adolescentes mães sobre a relação entre o casal durante o processo da maternidade, elas trouxeram dois momentos dessa relação. Para elas, existe uma relação durante a gravidez que pode apresentar aspectos positivos e negativos e existe uma relação depois da gravidez, também com aspectos positivos e negativos. Para estas adolescentes a relação do casal adolescente passa por mudanças no decorrer das diferentes fases da maternidade. Segundo as adolescentes mães, durante a gravidez a relação do casal é difícil, pois segundo elas algumas posturas do companheiro lhes desagradam.

- “Quando eu tava grávida ele não me dava tanta atenção. Não tocava minha barriga pra falar com o bebê, ele dava atenção a mim, a minha pessoa...”. (Mônica, 20anos).

- “Ele não me apoiou, ele me levou pra morar na casa da mãe dele e pronto o resto... ele saía, ficava com outras mulheres, isso pra mim não é apoio, uma mulher tando grávida o cara tem que tá junto”. (Mariana, 17anos).

- “Quando eu tava grávida, logo no começo da gravidez, ele era muito próximo de mim, quando eu tava perto de ter o bebê ,ele foi se distanciando, ele preferiu sair pra jogar bola e me deixava em casa”. (Matilde, 17anos).

Notamos com estas falas que a relação do casal pode passar por dificuldades provenientes de diferentes motivos. Depende das situações adversas com as quais o casal se depara. Sentir-se inseguro e receoso em relação às transformações do corpo no estado gravídico e aos cuidados com a criança, pode ser uma das dificuldades que atrapalha a relação do casal, principalmente se for a primeira gestação. No entanto, estas falas trazem as queixas das adolescentes com relação à falta de carinho do pai para com a criança quando esta ainda está na barriga. Para elas, não basta dar atenção à mãe é preciso dar atenção também à criança. Além disso, para elas oferecer um teto não é sinônimo de apoio nem cuidado, estar ao lado da mulher e respeitá-la são atitudes que expressam o verdadeiro apoio e carinho do companheiro. Assim entendemos que a figura de pai e marido está **objetivada** como a pessoa que dá atenção a ambos (criança e mãe) e expressa atitudes de respeito.

Percebemos nestas falas a queixa com relação à ausência dos cuidados paternos para com o bebê. Cabe ressaltar que, assim como as mães adolescentes, os pais adolescentes também podem se deparar com barreiras de natureza variada, que dificultam o seu envolvimento com o bebê.

Lamb e Elster (1986) citam que a falta de conhecimento sobre os estágios de desenvolvimento impede o adolescente de fazer uma interpretação correta das necessidades do bebê. Esse desconhecimento dos adolescentes sobre o desenvolvimento infantil pode ser justificado pela menor escolaridade dos jovens e/ou a menor quantidade de contato e experiências com crianças, pois quanto mais o pai adolescente tem conhecimento, mais ele oferece apoio para a gestante e o bebê. Além destes, o tipo de relacionamento que os pais adolescentes estabelecem com a criança é influenciado pelo fato da gravidez ser ou não desejada nesta idade.

Além disso, a familiaridade do pai bem como seu apoio aos cuidados com a criança estão também relacionados à equidade de gênero e é nesse sentido que Medrado e Lyra (1999) destacam que as implementações de políticas públicas são formas de promover essa equidade, bem como o lugar do homem na família.

Nesse sentido segundo Lyra (1997) o princípio de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres vem sendo discutido no que diz respeito à *cidadania privada*, trazendo a reflexão de que corresponde ao homem maior participação na vida privada no que se refere a: responsabilidade pela vida sexual e reprodutiva, criação dos filhos e partilha das atividades domésticas.

Todavia, para algumas das adolescentes desta pesquisa durante a gravidez, a relação do casal também têm aspectos positivos. Segundo elas, a relação passa por momentos bons, pois a espera pelo nascimento da criança faz com que o pai da criança sinta-se no dever de amparar esposa e filho, mesmo que seja na casa de familiares (avós da criança). Tal postura do pai adolescente demonstra responsabilidade diante da situação e faz com que as adolescentes se sintam mais seguras, o que leva um bom relacionamento entre o casal e consequentemente faz com que o casal se aproxime, como expõe os relatos a seguir:

- “Ele gostou quando soube, eu é que não gostei, ele dizia vamos embora morar com minha mãe”. (Morgana, 17anos).

- “Foi ótima. Foi... foi tranquila. Num foi nada de anormal. Quando tá dentro da barriga, minha filha é o melhor pai do mundo, é um amor, eu casei com ele tinha 11 anos, minha mãe obrigou”. (Marta, 19anos).

- “Antes que a gente tá grávida fica alegre, com a expectativa de ter logo de ver a criança, aí o casal fica mais amoroso”. (Márcia, 20anos).

- “Ah, assim eu vivi normal porque... ele sempre foi normal, sempre me deu apoio, ele nunca me deixou na mão, ele sempre foi um homem bom assim comigo”. (Maria, 16anos).

Notamos que o apoio da família, principalmente da mãe do adolescente aparece nas falas, pois querer levar a adolescente para morar em casa pode ser um dos motivos que pode facilitar a relação do casal. Sabe-se que quando a gravidez não planejada ocorre os adolescentes expressam grande apreensão em relação às reações de seus pais. Contudo, muitas vezes, estes demonstram mais entendimento e apoio do que os jovens esperam, o que os alivia e gratifica. Segundo Lamb e Elster (1986) tanto a sensibilidade parental como a relação entre o casal adolescente é influenciado pelo apoio social e familiar, ou seja, a rede de apoio social diminui o estresse que ajuda na aproximação entre o casal.

Com a gravidez todos os membros da família são afetados e quando ela não é planejada exige uma decisão da família sobre como proceder com a gestação. O casamento como percebemos na fala anterior é uma das decisões tomadas em prol de responsabilizar os adolescentes pelos atos e futuras consequências da gravidez e cuidados com a criança. Diferentemente do estudo de Nunes (1998), nesta pesquisa a pressão maior sobre os adolescentes vem da mãe da adolescente, que é quem tem um sentimento de vazio quando um homem lhe “rouba” e engravida a filha sem permissão. É ela quem obriga o pai adolescente a se casar com sua filha. O casamento de maneira forçado entre os adolescentes é resultado das decisões de famílias que não aceitam a situação da gravidez; assim a grande maioria institui a experiência do casamento, mesmo que eles não o queiram, induzindo os jovens a abrir mão de seus desejos e expectativas (CABRAL, 2003).

### **1.6.2 Subcategoria: Relação do casal depois da gravidez**

Depois da gravidez, com o nascimento da criança a relação entre o casal parece ser outra. As falas a seguir trazem alguns aspectos que torna a relação do casal positiva, como o fato do adolescente encontrar um emprego que possibilita a independência financeira do casal e este amadurecer o que gera na adolescente o desejo de querer continuar com o companheiro para juntos criarem o filho.

-“Mas quando a menina nasceu é como ele diz “é se eu não tivesse minha filha eu já teria morrido ou tinha matado muito”... mas hoje eu fico pensando assim, poxa eu quero criar minha filha como meu pai e minha mãe me criou, eles estão casados até hoje, vai fazer 23 anos, eu queria, continuar”. (Mariana, 17anos).

- “Ai pronto ele arrumou um emprego, ai pronto já podemos ir pra casa da gente. Depois que fui morar com ele foi melhor. Ele trabalha, sempre que pode ele me ajuda”. (Morgana, 17anos).

-“... Hoje é uma coisa boa. Quando o bebê nasceu, ai sim, ele parece que acordou assim... ai hoje em dia ele dá atenção demais, nós damos atenção demais. Boa após pegar experiência, porque quando você é pai e mãe pela primeira vez você sente aquele medo. Agente sabe que tá dando uma criação boa juntos pra criança, conversa com ela, explicando”. (Mônica, 20anos).

No estudo de Dallas e Chen (1998), os participantes (pais adolescentes) veem a relação como importante para o bem estar da criança e eles esperam continuar seu relacionamento com a mãe da criança após o nascimento do bebê. Essa preocupação em continuar com a relação pensando no bem estar da criança também aparece nessa pesquisa, sendo a mãe adolescente quem expressa esse desejo. Nota-se que a relação dos pais da adolescente, bem como a forma como estes a criaram parece influenciar, servindo de exemplo na forma como a adolescente quer construir sua relação com o companheiro e criar seu filho.

Além disso, segundo Oliveira (2010), algumas adolescentes tendem após o nascimento do bebê, a abandonar o comportamento de risco (envolvimento com drogas e criminalidade). Assim, pode-se interpretar que essa atitude das adolescentes além de ser uma medida de proteção ao bebê também é uma forma de aspirar uma qualidade de vida melhor para relação do casal.

No estudo de Levandowsky e Picinini (2004) observa-se que a falta de emprego é um dos fatores estressantes para os pais adolescentes; suas maiores preocupações se referem a como eles dariam suporte financeiro para sua nova família e como manteriam ou adquiririam

um emprego. Contudo, ressaltamos que independente do pai ser adolescente ou não o desemprego é um fator causador de estresse e acaba por interferir na relação do casal, pois as consequências socioeconômicas negativas não estão relacionadas diretamente as idades. Isso foi observado na fala em que o adolescente não só pode conquistar um emprego, como alugar acasa própria e oferecer melhores condições a sua família. Situações que, para a adolescente, é fator positivo na relação do casal.

Assim como afirmam Westney, Cole e Munford (1986), a conquista de um emprego contribuiriam para o aumento da autoestima destes adolescentes, bem como para o aumento de sua competência para resolver as tarefas da vida, auxiliando também no desenvolvimento de um sentido de responsabilidade e independência. Além disso, o apoio social, familiar e a conquista do emprego podem ser fatores que contribuem para o “novo” comportamento de companheirismo do pai adolescente.

A expressão “... ele parece que acordou” de Mônica (20 anos de idade) traz a ideia de responsabilidade paterna. Esse dado assemelha-se com os resultados do trabalho de Cabral (2003) em que segundo os pais adolescentes assumir a paternidade significa ter responsabilidade e se tornar homem. Mesmo que o “assumir” não implique em casamento, há uma tendência, na maioria dos casos, no sentido da coabitação, que pode ser entendida como uma forma de resposta à ordem social sobre o compromisso que está sendo estabelecido. Ainda, segundo Cabral (2003), a responsabilidade passa a fazer parte da nova posição que o adolescente assume com a criança e a adolescente; ações como “brincadeira”, “zoação”, “molecagem” são deixadas de lado e cedem espaço para o status de “seriedade”, “obrigações”, “vínculos” e “dependência”.

Por outro lado, as falas a seguir das adolescentes mães trazem aspectos que tornam a relação do casal difícil depois que a criança nasce como: o cansaço e estresse que atrapalham na relação sexual do casal; a falta de atenção a esposa ou ao filho, as brigas devido as saídas do pai adolescente, o excesso de atenção dada a filha e não a mãe da criança.

- “Depois que ela nasceu, ele me esqueceu, ficou só do lado dela, ele não soube dividir a atenção eu me separei porque eu não tinha mais a atenção dele. A mulher precisa de atenção e eu sentia falta de um carinho, abraço, conversa”. (Michele, 17anos).

- “Depois que eu tive o neném aí ele ficava em casa, depois começou a sair, começava a brigar aí deixei ele. No começo das coisas ele era uma coisa comigo e depois era outra”. (Matilde, 17anos).

- “A gente se separou... eu acho que ele gosta da criança enquanto tá junto porque quando separa oxe... ele nem liga pra menina. Quando eu tava com ele, era tudo diferente”. (Maria, 16anos).

Como exposto nas falas, a separação parece, em alguns casos, ser inevitável. Nesse sentido, muitos autores enfatizaram que casais adolescentes experimentariam mais problemas maritais, bem como há taxas de divórcio mais altas que os adultos (ATWATER, 1988; ELSTER; PANZARINE, 1983; STEINBERG, 1985). Contudo é plausível se pensar que a maior taxa de instabilidade marital entre casais adolescentes se deve não somente pela idade, mas também por outras características que estão associadas ao fato destes casarem por causa de uma gestação, viver sob estresse econômico, ter menor nível educacional e perspectivas de trabalho mais limitadas (STEINBERG, 1985).

Para o grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade a análise dessa categoria (*Relação dos pais adolescente durante a maternidade*) resultou em três subcategorias: *Relação do casal durante o namoro*, *Relação do casal durante a gravidez* e *Relação do casal depois da gravidez*, suas análises abaixo.

### ***1.6.3 Subcategoria: Relação do casal durante o namoro***

#### ***✓ Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade***

- “Por enquanto que não aparece uma barriga tudo é flores minha filha! Beijo pra cá, amor pra lá...”. (Beatriz, 18anos).

- “Assim, a gente percebe que no namoro sem a gravidez é aquele amor né, porque quando você passava na rua os via namorando, ficando assim conversando na rua”. (Vitória, 15anos).

- “No começo é até bom” (Daiane, 18anos).

- “Rapaz assim, no começo tudo é flores”. (Carla, 17anos).

Por estas falas, a relação do casal quando namorados parece não apresentar problemas, o casal é mais carinhoso e é mais frequente encontrá-los juntos em momentos de descontração. Porém, quando a adolescente engravida a relação do casal adolescente passa

por diferentes momentos que podem ter aspectos positivos ou negativos. Nos seus relatos, a relação passa por dificuldade e também por momentos prazerosos.

#### ***1.6.4 Subcategoria: Relação do casal durante a gravidez***

- “Mas quando a partir do momento sabe que tá grávida o amor parece que acaba aí começa a pisar, bater, falar mal bota a pessoa pra fora, esse filho não é meu é de fulano, muitas vezes a adolescente não tem nem pra onde ir, fica sendo humilhada”. (Beatriz, 18anos).

- “Mas quando ela engravidou, ele mudou muito, eles se separaram, agora eles se odeiam”. (Carla, 17anos).

Notamos, nos relatos das adolescentes, que diante da descoberta e duração da gravidez a relação do casal adolescente apresenta o aspecto negativo, porque a adolescente se depara com situações de constrangimento, como ser questionada quanto à paternidade do filho e ainda sofrer com agressões verbais e físicas do pai da criança.

Todavia, elas relatam que durante a gravidez a relação também tem o aspecto positivo, que se refere aos momentos prazerosos, como a mãe receber os cuidados do pai biológico e o casal ficar mais amoroso.

- “Quando tá na barriga ai tudo bem, o pai fica dando carinho”. (Sara, 17anos).

- “Ah, quando ela tá grávida fica aquele amor,tudinho, o pai em cima”. (Jessica, 16anos).

Notamos que o reconhecimento da paternidade, o carinho e afeto recebidos do pai biológico da criança são os motivos que tornam a relação positiva, e ao mesmo tempo é exatamente a ausência dessas atitudes que torna a relação negativa.

Depois que a criança nasce, a relação do casal também muda, podendo ser uma das fases mais complicada da relação do casal, pois o pai da criança passa a comportar-se de maneira irresponsável atribuindo à mulher o compromisso de ter que cuidar sozinha do filho.

### ***1.6.5 Subcategoria: Relação do casal depois da gravidez***

- “Quando a criança nasce“... tô nem aí, não é meu mesmo”, não dá o leite, a mãe fica tão sentida, tem delas que dizem vou dá queixa, mas... muitas vezes é caso perdido porque ele não trabalha vevi de roubo, do assalto, vendendo água, frete no mercado”. (Beatriz, 18anos).
- “Depois da gravidez você passa aí você vê aquilo banda vuou, não tem amor mais, não saem mais de mãos dadas, ele sai e ela fica em casa. Esfria tudo,tem uns que ainda vai,gosta do filho, mas tem uns que meu Deus do céu, sai na sexta e volta na segunda”(Vitória, 15anos).
- “Depois fica chato, porque para a mulher ter que cuidar do filho, já o homem nem tanto, não são todos os homens que se comprometem a ajudar, tem muitos que, ah te vira, não tenho nada haver com isso.” (Daiane, 18anos).
- “Eles saem e a mulher perde a juventude, a adolescência pra cuidar de uma criança, porque é uma criança cuidando de outra” (Simone, 18anos).
- “Depois que a mulher tem o filho, eu acho que o homem torna assim, sei lá pior,assim sai, chega tarde, não dá atenção direito ao filho”. (Sara, 17anos).

Observa-se que o sentido das falas destas adolescentes não se diferencia dos relatos das adolescentes com a experiência vivida da maternidade com relação às atitudes do pai da criança após o nascimento desta. Quanto à relação do pai com a adolescente depois da gravidez, destacamos que a relação pode apresentar-se com aspecto negativo quando estes não percebem que a permanência na relação é fator importante para o bem estar da criança, como apontam os resultados de Dallas e Chen (1998). Contudo, essa percepção é importante para qualquer casal independente de ser adolescente ou não.

### ***1.7 Categoria: Apoio à adolescente diante da maternidade na adolescência***

Assim como o trabalho de Sila e Salomão (2003), percebemos pelas falas que a mãe da adolescente exerce o papel de ensinar/orientar e cuidar/apoiar a mãe adolescente e sua criança. Esses suportes sócioemocionais oferecidos pelas mães das adolescentes são significativos para a mãe adolescente e sua criança, mesmo porque algumas delas não tiveram apoio do pai da criança durante e depois da gestação. Diferente dos resultados das pesquisas de Paiva et al., (1998); Vecchiolla e Maza (1989); Aguiar e Dias (2000) neste trabalho nenhuma das adolescentes citaram que suas mães assumem o papel de “mãe substituta”,

talvez porque a maioria das participantes desta pesquisa mora com parceiros, sendo 5 deles o pai genitor da criança. As falas a seguir expressam o apoio que as adolescentes recebem de suas mães.

Dessa categoria emergiram duas subcategorias para o grupo das adolescentes com a experiência vivida da maternidade: *Apoio da mãe da adolescente e Apoio do parceiro não genitor da criança* e uma subcategoria para o grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade que também se refere ao *apoio da mãe da adolescente*.

### ✓ *Adolescentes com a experiência vivida da maternidade*

#### *1.7.1 Subcategoria: Apoio da mãe da adolescente*

- “A minha mãe conversou comigo, no caso da separação... agente se separou e eu vi morar com minha mãe, ela me apoio”. (Matilde, 17 anos).
- “Depois que ele nasceu tudo mundo ficou louco por ele, inclusive minha mãe,ela hoje é quem me ajuda,fica com ele de noite pra eu ir trabalhar, vir pra escola, ela passou a me apoiar”. (Morgana, 17 anos).
- “Minha mãe não queria, ela brigou muito, porque tipo na gravidez eu não tive apoio do pai dela, ele não foi presente, eu tive apoio da minha mãe.”. (Mariana, 17anos).
- “Nenhuma mãe quer ver sua filha de 14 anos tendo um filho, minha mãe sugeriu abortar, eu disse que não ia abortar praticamente me forçou, mas eu disse que era meu filho, depois ela me apoiou, aceitou o bebê”. (Marcele, 18anos).
- “Quando engravidei foi um susto pra todo mundo porque eu era uma criança, mas todo mundo deu força, a mãe dele e minha mãe me ajudaram muito depois que a menina nasceu. Hoje eu moro com minha mãe e a relação tá sendo melhor tenho mais proximidade com ela agora” (Michele, 17 anos).

Na ausência do pai biológico da criança as adolescentes desta pesquisa relatam ter o apoio de suas famílias. Contudo, com base nas falas, são suas mães quem mais são citadas como a pessoa que dá apoio, não aparecendo nas falas outros membros da família. Esses são semelhantes os achados de Godinho et al.,(2000), em que a maior parte das adolescentes receberam apoio da família na gravidez, especialmente da mãe. Também, Griffithset al.,(1994) apontam que as adolescentes grávidas recorrem, primeiramente, ao parceiro e, em

seguida, à mãe e amigos, sendo que, geralmente, a comunicação é melhor estabelecida com suas mães.

O apoio da mãe da adolescente aparece de diferentes formas nessa pesquisa: apoio financeiro; orientações quanto o futuro da relação da filha com pai da criança; ficando com a criança para que a adolescente possa dar continuidade aos estudos e poder trabalhar; aceitando a criança; ajudando nos cuidados com o recém nascido; recebendo a adolescente em sua casa após a separação do casal adolescente. Nota-se que passados os sentimentos negativos diante da notícia da gravidez, a mãe tende aceitar a criança, amando-a, como destaca Silva e Salomão (2003). Além disso, a criança passa a ser motivo de melhora na relação entre mãe e filha adolescente.

No que tange à reação inicial frente à notícia da gravidez da adolescente, notamos que a família, sobretudo as mães das adolescentes reagem de forma negativa, sugerindo o aborto e também se apresentam assustadas com a notícia. Esses dados coincidem com os de Silva e Salomão (2003) em que prevaleceram as reações iniciais desfavoráveis por parte das adolescentes e as mães destas.

No caso particular de Marcele (18 anos) nota-se que mediante a reação negativa de sua mãe o aborto é sugerido, contudo a adolescente não segue a orientação.

Durante a entrevista foi possível perceber que para Marcele (18 anos) o aborto é representado como uma atitude reprovável socialmente. Para a mesma uma vez grávida, a mulher tem a obrigação de dar continuidade à gestação, pois se trata de seu filho.

Em nenhum momento, a participante disse ter consultado o pai da criança quanto à possibilidade do aborto. Essa é uma das situações difíceis com as quais a adolescente se depara e precisa se posicionar. Além de se deparar com a situação desconfortável, como a sugestão do aborto pela mãe, também são abandonadas ou expulsas de casa, como afirma Cabral (2003).

Porém mesmo diante do sentimento de “susto” e sugestão de aborto não aceita pelas adolescentes, as famílias, bem como a mãe da adolescente parecem aceitar a gravidez. Esse é um dado também presente nos resultados de pesquisas realizadas por Abreu et al., (1997) em que houve, no geral, uma aceitação por parte dos pais da adolescente. Nota-se que ainda que seja a família a estrutura de maior apoio à adolescente no momento gravídico e pós-gravidez,

Godinho et al.,(200) destaca que é a mãe que aparece como a pessoa de destaque na prestação de apoio.

Diante da descoberta da gravidez na adolescência, o estudo de Pantoja (2003) traz que, quando não há o reconhecimento da paternidade, a mãe adolescente depara-se com alguns receios como não querer ir à escola, ter vergonha da barriga, não se sentir à vontade para trocar experiências com as colegas. O apoio do pai da criança é fundamental para que adolescente sinta-se acolhida socialmente. Contudo não é sempre que o pai adolescente não costuma assumir a paternidade, como já citado no trabalho de Cabral (2003).

Embora estudos como os de Spieker e Bensley (1994) e Jongenelen (1998, 2004) tenham concluído que o parceiro é a fonte de apoio mais importante para a nova mãe, parece que aqui o apoio prestado pelo pai do bebê varia de acordo com a circunstância de vida (solteira ou não) da adolescente, como foi percebido também no estudo de Schellenbach et al., (1992). Diferente do estudo de Simões (2004), nem sempre quando a adolescente mãe recebe pouco apoio por parte do pai do seu filho, ela terá esse apoio compensado pelo apoio da sua mãe, pois com base nos relatos a seguir, podemos notar que nem todas as adolescentes contam com o apoio de suas mães ou do pai biológico da criança.

### ***1.7.2 Subcategoria: Apoio do parceiro não genitor da criança***

- “Eu cresci longe de meu pai e meu filho também não está crescendo perto do pai dele, porque o pai dele mal vai ver ele, então eu digo pra todo mundo que o pai do meu filho é o meu marido que eu tô agora, porque ele cuida do meu filho melhor que o pai dele, ele dá carinho, brinca, coisa que o pai só faz quando sente saudade e olhe lá”. (Marta, 19anos).

– “A minha sorte foi o meu esposo atualmente ele cuida da minha filha como se fosse dele, o pai dela enquanto ele tava comigo, eu não tenho o que falar dele, foi um homem em tanto, agora depois que eu deixei ele, ele não viu mais a filha dele, não procurou, não quis mais saber se ela tava viva ou se tava morta”. (Marle, 20 anos).

- “Hoje moro com outro homem e ele gosta do meu filho, parece que é o pai, nos já pensamos em separar, mas ele diz que não separa porque gosta muito do menino e não aguenta ficar separado dele, ele abraça meu filho, meu filho o chama de pai e tudo”. (Matilde, 17 anos).

Enquanto que no estudo de Simões (2004) no relato das adolescentes mães, o pai brinca com o filho; ajuda a tomar conta sempre que é solicitado; desempenha as tarefas de preparar a comida; dar o comer; mudar a fralda; dar banho e acompanha a jovem mãe às consultas médicas do filho, as falas acima expressam que em alguns casos, algumas dessas atividades estão sendo realizadas não pelos pais biológicos da criança, mas por outro companheiro da mãe adolescente.

Assim para estas adolescentes os atuais companheiros não genitores das crianças as apoiam porque dão carinho, brincam, cuidam e gostam de seus filhos. Durante a entrevista foi observado que mesmo que as adolescentes recebam ajuda financeiramente para cuidarem de seus filhos dos atuais companheiros, esta ajuda financeira não aparece como foco de apoio. Assim entendemos que para estas adolescentes o apoio mais significativo **objetiva-se** como o apoio afetivo que estes oferecem a seus filhos. Para elas, este apoio é mais importante e lhes chama mais atenção que o apoio financeiro. Talvez porque algumas delas não receberam de seus pais biológicos tais afetos e entendem que a carência de afeto paterno pode prejudicar no desenvolvimento da criança. Para elas, o apoio afetivo é e se tornou o apoio mais importante na criação de seus filhos.

Ressaltamos que em outros momentos da pesquisa as adolescentes verbalizaram receber mesmo judicialmente ajuda financeira dos pais biológicos da criança, esta ajuda financeira na concepção delas não é um apoio e sim obrigação dos pais adolescentes, assim estas adolescentes entendem que o compromisso seja financeiro ou afetivo é obrigação de ambos e não apenas delas. Estes achados diferem dos dados de Godinho et al.,(2000), pois para algumas adolescentes o auxílio financeiro, a compra de roupas e remédios, conforto e carinho foram considerados como apoio recebidos dos próprios pais da crianças, assim o fato do pai do bebê assumir a criança foi também citado como apoio,ou seja, essas adolescentes não partem do princípio que é dever do pai assumir o filho e, inclusive aquelas que estavam totalmente sozinhas, em nenhum momento cobraram algo do ex companheiro. A gravidez é tratada como um “problema” só delas.

Estando grávida ou com suspeita de gravidez, a adolescente tende a ver na sua mãe a figura de principal apoio. A gravidez na adolescência não é um projeto arquitetado pelas mães das adolescentes e quando esta ocorre é difícil para elas aceitarem a situação. A relação entre elas muda, pois a mãe magoa-se com a filha.

✓ *Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade*

**1.7.3 Subcategoria: Apoio da mãe da adolescente**

“Fica estremeçada porque num é uma coisa que a mãe, uma mãe planeja pra uma filha na adolescência. Pára todos os estudos pra ser mãe”. (Daiane, 18anos).

- “Ah é difícil porque acho que pras mães é difícil né, saber que sua filha tá grávida com 12,13 e 14 anos”. (Vitoria, 15anos).

- “A maioria aceita porque tem que aceitar principalmente as mães assim, mas eu acho que pra elas também é complicado saber que o filho tão novo passando por isso”. (Cineide, 18anos).

- “A mãe dessa adolescente fica um pouco zangada, pelo fato dela não ter se guardado, não ter se prevenido. Mas depois que a criança nasce o amô de avó supera tudo, digo isso porque eu acompanhei o caso da minha amiga”. (Carla, 17anos).

Novamente, no que tange à reação inicial frente à notícia da gravidez da adolescente, a família, sobretudo as mães das adolescentes reagem de forma negativa com expressões de “susto” e de forma desfavoráveis (SILVA; SALOMÃO, 2003). Mesmo que estas adolescentes não digam que a mãe é a figura de apoio, elas a citam como a pessoa que mais se magoam com a gravidez da filha, pois parece haver uma frustração com a notícia. A gravidez não é algo que as mães “planejem” para suas filhas adolescentes.

Ainda que inicialmente as mães das adolescentes apresentem sentimentos de reprovação, com o tempo este sentimento passa a ser de amor e carinho para com a criança. Assim como afirmam Abreu et al., (1997), no geral, parece haver uma aceitação por parte dos pais da adolescente, sobretudo de sua mãe.

Assim como nas pesquisas de Paiva et al., (1998); Vechiolla e Maza (1989); Aguiar e Dias (2000), as adolescentes a seguir trazem a confusão de papéis sobre as mães das adolescente assumirem o papel de mãe e avó ao mesmo tempo.

- “As mães assim o primeiro neto ai ficam tudo babando, ai cuida. Teve uma lá mesmo quando eu fui pro médico disse “oxe o meu jogo mermo, minha mãe tá nova, ela cria, quem manda ser besta”. Pra mim a mãe pega um dia,

cuida, mas pra dar tudo? sei lá eu acho isso tudo muito errado”. (Roseane,16anos).

- “Depois da gravidez a preocupação aumenta mais ainda, porque a preocupação aí não é nem mais com ela, mas com a criança, parece que ela fica de lado, só vem a criança na cabeça da minha mãe, não ela precisa disso; ela precisa daquilo e daquilo e aquilo, na casa da minha mãe é assim!” (Elaine, 18anos).

Nota-se que passados os sentimentos negativos diante da notícia da gravidez da filha, a mãe tende aceitar a criança amando-a, assim como aparece em Silva e Salomão (2003). Pela fala “*Pra mim a mãe pega um dia, cuida, mas pra dar tudo? sei lá eu acho isso tudo muito errado*” (Roseane,16 anos), notamos que essa adolescente reprova as atitudes das avós quanto assumem totalmente os cuidados para com os filhos da mãe adolescente. Já com a fala “*só vem à criança na cabeça da minha mãe, não ela precisa disso; ela precisa daquilo e daquilo e aquilo, na casa da minha mãe é assim*”(Elaine, 18 anos) também se pode notar uma ocupação excessiva e substituição e inversão de papéis, pois neste caso é a avó de forma espontânea quem se ocupa dos cuidados e finanças da criança.

Ainda que não se tenha certeza da gravidez ou que faça suposições de um dia vai engravidar, as adolescentes a seguir citam suas mães como a pessoa a quem elas procurariam primeiro e dariam a notícia.

- “Minha mãe é muito... ela não vai gostar. Oxe Deus me livre, só vou contar pra ela quando tiver certeza!”. (Sabrina, 17anos).

- “Tipo eu mesmo, se eu engravidasse hoje minha mãe ia continuar ajudando, entendeu”? Minha mãe é uma ótima pessoa”. (Sara 17anos).

Com a fala “*se eu engravidasse hoje minha mãe ia continuar ajudando*”, (Sara 17anos) notamos que a mãe já aparece como a pessoa quem prestaria apoio e entenderia a situação, dando a entender que esta adolescente tem uma relação de proximidade com sua mãe e não apresenta dúvidas quanto o apoio que receberia desta. Já com a fala de Sabrina, 17 anos “*Minha mãe é muito... ela não vai gostar*” ainda que se espere a reprovação da notícia pela mãe, esta continua sendo a pessoa a quem a adolescente se refere. Esses pensamentos confirma a informação de Griffithset al.,(1994) de que quando a adolescente está grávida recorrem geralmente a sua mãe, tendo em vista que a comunicação é melhor estabelecida com esta.

Após cada entrevista perguntava-se a adolescente se ela gostaria de acrescentar algo além do que tinha sido discutido na entrevista, algumas adolescentes quiseram expressar seus sentimentos mediante o tema discutido e deixaram sugestões para adolescentes outras que venha ter acesso a essa pesquisa.

### ***1.8 Categoria: Pensamento Final***

#### ***✓ Adolescentes com a experiência vivida da maternidade***

- “É difícil fazer essa entrevista, porque se lembra de muitas coisas né! Tem coisas boas e coisas ruins que a gente não esquece, mas deixa pra lá (chora)... e participar da entrevista é lembrar de tudo isso” (Morgana, 17anos).

- “Eu... eu acho que... família é tudo entendeu? Eu acho que assim (chora)... a gente ter assim... família em geral tio, tia, primo tano ali com você nem fica tão complicado a tão difícil entendeu? Família é tudo, família tem que tá por perto acolhendo o outro. Não porque aconteceu o caso dela engravidar a outra não acolher, não! Não, dá força, entendeu? E eu quero passar isso pras minhas filhas”. (Marle,20anos).

- “Eu acho que na questão assim que todo mundo vai falar, pensar duas vezes na hora de fazer uma relação, se prevenir né, porque quando você tem filho é pra vida toda”. (Mônica, 20anos).

- “Pra mim, eu não desejo pra ninguém adolescente que fique grávida, pra não passar pelo que eu passei, porque você passa por uma série de coisas. Eu não desejo pra ninguém. Então, uma coisa importante que eu tenho pra falar, que eu falo hoje em dia e o povo rir da minha cara, é: mulher não engravida nova não, porque tu vai perder tanta coisa! Espera o máximo que puder... ver se realmente é o certo você engravidar, porque você engravidar se iludindo com homem é a pior coisa do mundo, pensando que o homem é o maior amor da sua vida. Então é isso que eu digo. O que puder evitar pra não engravidar cedo, que evite! Porque se eu pudesse voltar atrás... eu não me arrependo, mas se eu quisesse voltar atrás, eu tinha feito tudo diferente, porque eu sem filho... eu já tava bem, bem no auge né, já tavafazeno faculdade, pensando em alguma coisa diferente na minha vida, que eu perdi.” (Marta, 19anos).

- “Que não precisa antecipar essa etapa, tem tempo pra tudo. Não me atrapalhou,eu amadureci,voltei para os estudos, ainda tô nova, dá tempo recuperar o tempo perdido e ainda bem que eu percebi isso logo, dá tempo fazer a minha vida.” (Marcele, 18anos).

- “Dentro de tudo isso às vezes eu digo que não teria minha filha, mas eu amo muito minha filha eu a teria, mas não naquele momento, teria mais pra

frente, quando a gente tá estressada agente se arrepende tanto, mas depois passa.” (Mariana, 17anos).

Por essas falas, pode-se apreender que as adolescentes representam a gravidez na adolescência como um problema, ancorando esse julgamento em suas “próprias” experiências vividas. Elas deixam claro que não gostariam que outras adolescentes se deparassem com as mesmas dificuldades que elas enfrentaram, pois objetivavam a maternidade como algo para não ser vivenciado pela adolescente. Segundo Pantoja (2003), em geral, as experiências já vividas por mulheres em relação à gravidez e maternidade são repassadas para outras mulheres que se deparam com semelhante situação, dando dicas sobre como conciliar gravidez/maternidade, escola e trabalho.

Participar da pesquisa foi difícil para as adolescentes, a maioria chorava enquanto se expressava; uma delas deixou claro que é difícil participar da pesquisa, porque o tema em questão a remete a lembranças boas, mas também ruins. O apoio da família apareceu em destaque em uma das falas, a gravidez não planejada na adolescência é difícil, mas o apoio de toda a família pode amenizar a situação. Predomina, nas falas das adolescentes, a prevenção da gravidez nessa “fase” da vida, embora a maternidade na adolescência traga o amadurecimento da adolescente, isso não é motivo para que ela ocorra, pois outras questões precisam ser resolvidas na vida da adolescente, a exemplo dos estudos.

#### ✓ *Adolescentes sem a experiência vivida da maternidade*

- “Hoje em dia as jovens, as mães não dão carinho as crianças, maltratam, não têm paciência, abandonam, jogam na rua, dão pra alguém. Conheço a historia de uma jovem que ela saiu, pagou uma mulher pra cuidar do filho dela a até hoje ela não voltou, o filho dela vai fazer dois anos. Se ela tem filho então que amem, cuidem, façam como as doutoras pedem né, porque tem mãe que quando engravidam não faz pré-natal, então que elas amem, dê carinho os filhos né e que cuidem pra não vir outro tão rápido, deixar pra ter quando esse já tiver mais maiorzinho e ela tiver mais condição legal né. A pessoa pode vir ter 10 sabendo criar e ter condição”. (Beatriz, 18anos).

- “Eu acho que o povo não poderia ter acontecido isso não! Essas meninas de hoje em dia, elas tem que parar pra pensar que nada nem por toda vida é flores. Acho que ela tem que aprender a se prevenir, porque estão colocando crianças inocentes no mundo. No final de tudo os bebês veem a mãe naquela situação indo pra show, brigando com o pai, a criança vai crescendo naquilo. A maioria dessas crianças é criadas em comunidade carentes, isso vai se

misturando com pessoas que não deve isso gera crianças futuramente que tem o sonho destruído, mas não por fato de onde foi criado, mas pela estrutura familiar, se você não tem uma estrutura familiar como é que seu filho vai se espelhar em você? Não tem como! Onde eu moro é quase todo mundo assim”. (Carla, 17anos).

- “Eu tenho vários amigos, eles acabam percebendo uma diferença na pessoa quando ela tá grávida, tipo tá grávida, elas se afastam mais. Todo mundo percebe uma mudança na pessoa, à gente consegue distinguir, tipo chega uma pessoa que é mais portada no seu lugar, a gente olha assim do lado e diz é mãe de família, portada no seu lugar, aquela pessoa mais na dela, que luta, trabalha, tipo agente olha assim é muito difícil vê uma adolescente trabalhando, a maioria só quer festa”. (Elaine, 18anos).

- “Se preservar somente, ter mais cuidado porque o mundo não é só criança é doença também, só se preservar mesmo que é o mais importante. Minha irmã vai com um e com outro e eu acho isso horrível, ela tanto pode engravidar de novo como pegar doença”. (Bianca, 17anos).

- “Tem que pensar antes de fazer, quebra muito a cara”. Eu nunca fiquei buchada não, mas sei lá capaz de pegar uma doença, mas cada um tem um pensamento diferente... Ela (conhecida) só tem 12 anos é uma mente de criança eu já tenho 17 à mente vai mudando aos poucos com a idade, a mente fica mais madura (Larissa, 17anos).

- “Sei lá o mais importante pra mim é esse negócio da gravidez mesmo, são pessoas muito nova que estão engravidando, isso é um alarme pra quem diz assim, ah vou montar meu estabelecimento primeiro, ter minha casa pra depois pensar nisso. Vendo tudo isso cria uma confusão”. (Roseane, 16anos).

- “Acho que na responsabilidade, porque, ah 50% parcela de culpas, às vezes são dos pais e 50% são de nós, os adolescentes. Os pais porque mimam demais, bota responsabilidade! E 50% da culpa somos nós, adolescentes que achamos que tudo é belo e temos que fazer tudo porque a vida é só hoje e amanhã não interessa e não é assim. A gente tem que pensar no futuro, pensar pra frente e não viver só hoje, curtir tudo, não é assim!”. (Daiane, 18anos).

As adolescentes abordam a prevenção tanto pelo aspecto de evitar doenças, mas também no sentido de procurar evitar descuido com as crianças. Existe uma preocupação destas adolescentes com a criação e futuro das crianças, filhas de pais adolescentes. Para elas, as crianças são vítimas dos maus tratos das adolescentes que são despreparadas para cuidados maternos. Além disso, dado a difícil situação socioeconômica e a estrutura familiar da adolescente, a criança pode crescer em meio à dificuldade que a prejudique no futuro.

Encontra-se na literatura alguns estudos sugerindo que os pais adolescentes estão mais propensos a abusar e maltratarem seus filhos (FAGOT et al., 1998) e dentre as causas para tal comportamento segundo Jorgensen (1993) estariam: as expectativas irreais sobre o

comportamento e o desenvolvimento da criança, estresses relativos aos familiares, cônjuges e emprego, frustração causada por não atingir seus objetivos educacionais e ocupacionais, insegurança econômica, baixa renda e isolamento dos amigos como resultado da gravidez.

Nem sempre a alta incidência de maus tratos entre pais adolescentes se confirma, mesmo porque a relação pais adolescentes/bebês depende do grau de stress e da capacidade dos adolescentes de lidarem com as situações (BOLTON; BELSKY, 1986). Além disso, as causas citadas anteriormente para o abuso e maus tratos não são relacionadas diretamente as idades dos pais, pois também podem ser causa de maus tratos por pais adultos.

Para uma adolescente, espera-se que com a maternidade a adolescente mude, pois mãe é aquela que se comporta como tal, ou seja, para esta adolescente o significado de mãe está relacionado ao papel de pessoa reservada e comportada. Dessa forma, se a adolescente é mãe, então ela tem que se comportar de acordo o padrão que a sociedade espera.

Para duas adolescentes, a gravidez na adolescência deve ser evitada, pois ela está associada à impossibilidade ou atrapalho de realizar sonhos, como comprar a casa própria ou conseguir independência financeira. Ou seja, para elas o futuro da adolescente pode ser “atrapalhado” pelas dificuldades que a maternidade traz.

Após identificarmos as teorias do senso comum sobre a maternidade pelas adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade; segundo objetivo específico dessa pesquisa apresenta-se a seguir a tentativa de responder o (iii) objetivo específico dessa pesquisa que é comparar as representações sociais da maternidade **entre** os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade.

Sendo assim, no que se refere à concepção de adolescência, percebemos que as adolescentes com a experiência vivida da maternidade não só expressam seus sentimentos de perda com relação aos momentos bons da fase, como também descrevem características dessa fase da vida, entendendo que esta é uma fase que proporciona coisas boas. Assim, a adolescência se **objetiva** para elas como a fase para se viver, aproveitar, sair e como algo bom. Para duas delas é difícil definir a adolescência não porque elas não saibam das características dessa fase, mas porque elas não as viveram, pois a gravidez as impossibilitou de viver essas coisas boas.

Por outro lado, o grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade, não demonstrou nenhum sentimento relacionado a essa fase da vida, embora estejam vivendo-a.

Para o grupo das adolescentes com a experiência vivida da maternidade, falar sobre maternidade significa falar de suas próprias experiências; significa falar das dificuldades enfrentadas, das responsabilidades adquiridas, o receio de não mais poder dar continuidade aos estudos e prejudicar a trajetória profissional. Estas adolescentes **ancoradas em suas experiências** têm a maternidade objetivada como algo horrível, ruim, bom, o que proporciona amadurecimento, ser mãe e responsabilidade em dobro.

No grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade percebe-se diferentes significados da maternidade. Algumas delas associaram a maternidade à maternidade na adolescência, principalmente a adolescente que estava com suspeita de gravidez. Tendo como referência as histórias de adolescentes que são mães e que elas acompanham, estas adolescentes **objetivam** a maternidade na adolescência como responsabilidade e algo normal nos dias de hoje. Dessas adolescentes, duas não atribuíram significado algum para maternidade; duas entendem que maternidade é ser mãe e uma adolescente entende que maternidade é o local onde as crianças nascem. Com esses diferentes significados, percebemos que algumas adolescentes do grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade conseguem falar da maternidade sem associá-la diretamente à maternidade na adolescência, diferente do grupo das adolescentes com a experiência vivida da maternidade em que todas se reportaram ao tema relacionando-o diretamente as suas histórias pessoais.

As adolescentes com a experiência vivida da maternidade, **ancoradas** em suas histórias, intensificam as consequências da maternidade na adolescência e a **objetiva** como uma situação difícil, complicada, assunto sério e um erro. Para elas é uma situação difícil e complicada, porque a maternidade exige maturidade, responsabilidade e exige que se saiba criar o filho. Para elas, esse é um assunto sério, porque tem que cuidar dos afazeres domésticos e da criança e assim atrasa os estudos e se deixa de viver. E é algo errado porque não se espera que a gravidez ocorra na adolescência. Para as adolescentes sem a experiência vivida, a maternidade na adolescência é mais difícil que na fase adulta, pois a adolescente ainda não tem uma clara definição do que seja certo ou errado. Além disso, para maioria delas a maternidade na adolescência também está **objetivada** como um erro, pois a adolescência não é o momento para engravidar e sim de irresponsabilidade, curtir a vida, concretizar os estudos e conquistar um emprego.

Em ambos os grupos, a figura da mãe da adolescente aparece como figura importante na sua orientação sexual. No entanto, para algumas adolescentes com a experiência vivida da maternidade a falta de atenção de suas mães aparece como uma das causas de suas gravidezes não planejadas, dando a entender que a mãe é a “culpada” pela gravidez. Para outras, as mães são responsáveis pela orientação sexual da filha adolescente, mas não culpadas pela gravidez não planejada. Já no grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade, os pais são responsáveis pela orientação e cuidados para com os filhos adolescentes, sobretudo a mãe. Para maioria delas, a mãe da adolescente cumpre com sua parte enquanto orientadora da vida sexual da filha, mas é a adolescente que não a escuta. Nesse caso, entende-se que a mãe não é culpada pela gravidez da filha, mas ela própria.

Quanto às mudanças advindas com a maternidade, o grupo das adolescentes com a experiência vivida da maternidade trazem diferentes relatos. Algumas dizem que muda o sentimento de segurança delas para com a permanência do relacionamento, existe uma insegurança da parte delas, pois estas temem perder seus companheiros, porque as atribuições da maternidade as tornam cansadas e com muitas responsabilidades, o que dificulta sua relação sexual com o companheiro. Além desta mudança, elas relatam que muda o posicionamento delas para com o planejamento do futuro. Ou seja, ao mesmo tempo em que o filho interrompe os planos da adolescente como os estudos, o filho também é motivo para reforçar o desejo da adolescente em querer retomar os estudos para garantir o futuro do filho. Existe a mudança nos hábitos e maneira de pensar da adolescente de forma que ela abre mão, algumas vezes, de seus planos pessoais em prol dos filhos.

Outras mudanças foram citadas pelas adolescentes com a experiência vivida da maternidade: elas precisam mudar; elas precisam amadurecer; o amor da mãe muda e elas têm que aprender a lidar com a falta de atenção da mãe que dedica todo afeto ao neto. Além disso, muda a relação delas com antigas amigas, pois elas enfrentam preconceitos das mães de suas antigas amigas que acreditam que a adolescente mãe não é boa companhia para a adolescente que não é mãe. Notamos que as mudanças relatadas estão todas relacionadas diretamente à vida da adolescente. Ela percebe mudanças na sua autoestima, pois teme perder o marido; ela precisa mudar seus planos para criar os planos para seu filho, muda a forma como a sociedade a vê, pois ela é tida como má influência e ainda precisa lidar com a mudança de afeto dos familiares que focam os cuidados na criança e não mais nela.

No ponto de vista das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade também apareceram diferentes mudanças na vida da adolescente que se torna mãe. Inclusive para algumas delas não existem mudanças, pois as adolescentes têm o total apoio da mãe ou de terceiros e isso faz com que elas não tenham a responsabilidade que deveriam ter com o filho. Por outro lado, predomina o ponto de vista de que a mudança que ocorre é a perda da liberdade. Mas além destas ainda existe a mudança na aparência física da adolescente, pois seu corpo muda e existe também mudança quanto ao amadurecimento precoce da adolescente, pois o amadurecimento é algo natural e faz parte da vida, ele vem com o tempo, mas no caso da adolescente que se torna mãe, o amadurecimento ocorre sob pressão.

Para todas as adolescentes com e sem experiência da maternidade a relação do casal adolescente passa por mudanças devido aos diferentes momentos da maternidade. Assim, a relação entre o casal passa por diferentes fases e pode ter aspectos positivos e negativos. O grupo das adolescentes com a experiência vivida da maternidade destacou dois momentos da maternidade (durante a gravidez e após a gravidez) que influenciam na relação do casal. Durante a gravidez a falta e a existência do apoio e carinho do companheiro pode tornar a relação do casal difícil ou prazerosa. Para algumas delas a relação é difícil porque a adolescente incomoda-se com a falta de carinho do companheiro para com a criança dentro da barriga e para com ela, pois estando gestante esta se sente mais necessitada dos carinhos do companheiro. Já para outras, a relação é prazerosa exatamente porque elas tiveram o carinho e apoio do companheiro. Após a gravidez, para algumas delas a relação é positiva porque o pai da criança amadureceu. Esse amadurecer está relacionado com o fato do adolescente adquirir responsabilidade, assumindo a esposa e a paternidade. Levandowsky e Piccinini (2004) apontam que o fato do adolescente assumir a paternidade, reconhecer que a relação é importante para o bem estar da criança e ter o desejo em continuar o relacionamento com a mãe da criança após o nascimento do bebê são aspectos que promovem o crescimento do casal e proporciona a relação afetiva positiva. Já para outras a relação depois da gravidez é negativa, porque a mesma se depara com situações difíceis como: a impossibilidade de satisfazer o desejo sexual do companheiro devido às muitas atividades exercidas por ela; as brigas entre o casal; a falta de atenção do companheiro para com a esposa e a criança.

As adolescentes sem a experiência vivida da maternidade, **ancoradas** nas histórias de casais adolescentes acompanhados por elas, destacam além da relação do casal (durante a gravidez e após a gravidez) também a relação do casal no período de namoro. Para elas,

durante o namoro a relação do casal não enfrenta problemas e, portanto tudo é bom. Durante a gravidez, assim como relatado pelas adolescentes mães, a relação pode ser positiva ou negativa. Negativa, porque a adolescente sofre com as agressões verbais e físicas do companheiro e com a desconfiança do mesmo quanto à paternidade. Em outros casos é positiva devido a adolescente sentir-se cuidada pelo companheiro. Para estas adolescentes, a fase mais difícil da relação do casal é após a gravidez, pois o pai não cumpre com suas responsabilidades e deixa a mulher sobrecarregada. Dessa forma nota-se um sentido inverso aos dados encontrados em Levandowsky e piccinini (2004).

As adolescentes com a experiência vivida da maternidade destacaram o apoio de suas mães e também o apoio do companheiro não genitor da criança durante e após a gravidez. A mãe é a pessoa com quem se conversa sobre a relação do casal; ajuda nos cuidados com a criança e ajuda financeira. O companheiro atual não genitor da criança apoia cuidando da criança; oferecendo carinho e custeando as despesas. Já para as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade a única figura de apoio citada por elas foi a mãe, mesmo que esta não aceite, não concorde ou fique magoada com a gravidez de sua filha adolescente, ainda assim a apoia.

Com relação ao pensamento final das entrevistas, as adolescentes com a experiência vivida da maternidade expressaram seus sentimentos (choram ao recordar de situações difíceis) no momento da realização da entrevista, destacaram a importância do apoio familiar, sobretudo a necessidade das adolescentes se prevenirem da gravidez para evitar maiores transtornos em suas vidas. A sugestão da prevenção da gravidez na adolescência, também aparece no estudo de Sila e Tonette (2006), pois as famílias que já tiveram caso de gravidez na adolescência a representam como um problema, **ancorando**, a princípio, esse julgamento nas experiências prévias de outras adolescentes de suas famílias, deixando claro que não gostariam que suas filhas, sobrinhas ou netas se deparassem com as mesmas dificuldades (SILA; TONETTE, 2006). Assim nos parece que o fato de se ter a experiência vivida da gravidez na adolescência de forma “negativa” é um motivo para sugerir e alertar outros quanto à prevenção.

As adolescentes sem a experiência vivida da maternidade também destacaram a prevenção tanto da gravidez como de doenças, mas também destacaram que quando a adolescente se torna mãe ela precisa se comportar de acordo com os padrões que a sociedade espera tanto no vestir como nos cuidados para com a criança. Sabe-se que a criança precisa de

cuidados diversos como: afeto, sono tranquilo, alimentação, higiene e outros, contudo nos parece que estas adolescentes atribuem a responsabilidade desses cuidados somente a mãe adolescente.

Da mesma forma, Folle e Geib (2004) trazem que uma primípara adolescente pode sentir-se muito jovem ou emocionalmente imatura para assumir a maternidade e para minimizar tal conflito a adolescente recorre ao apoio de seu grupo familiar e acaba transferindo, geralmente à avó, o exercício do cuidado materno. Além disso, precipitada pela gravidez, a adolescente declara-se pouco competente para assumir o cuidado materno. Seja para as adolescentes sem experiência vivida desta pesquisa ou para Folle e Geib (2004) nos parece que estes **representam** a mulher como única responsável pelos cuidados maternos, ou seja, parece ainda haver a relação direta da identidade feminina ligada necessariamente à maternidade, como afirmaram Patias e Buaes (2012). Assim estas adolescentes **objetivam** a maternidade e seus cuidados a figura feminina.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção dessa pesquisa e as leituras que foram realizadas percebemos que a depender das circunstâncias sociais, históricas e culturais a representação da mulher e seu papel na sociedade passam por transformações, no Brasil, por exemplo, se no modelo patriarcalista ela já foi totalmente submissa ao seu esposo, hoje no modelo contemporâneo ela é a chefe da família principalmente como mantenedora financeira.

Com base na revisão literária, percebemos que ao nos referirmos ao tema maternidade é necessário cautela, pois esta é representada de diferentes formas pelas mulheres contemporâneas ainda que inseridas no mesmo contexto social. Além disso, os debates sobre a maternidade por mulheres adultas são percebidos como diversos e as representações dessa maternidade pelas mulheres contemporâneas não são hegemônicas.

Ainda sobre a maternidade, observamos que existem visões de enfoque biologizante para os quais a mulher dispõe de um natural afeto para com filho, atribuindo a estas o “instinto materno” que a responsabiliza pelo afeto e educação dos filhos. Existem ainda visões que se afastam desse enfoque biológico que procuram acrescentar ao debate as questões sociais, políticas e econômicas.

As leituras sobre a adolescência nos ajudaram a entender que a definição de adolescência não apresenta consenso entre as diversas áreas do conhecimento e perspectivas. Assim para perspectiva biologizante, adolescência é um período em que o adolescente vivencia a contradição, confusões, ambivalências e também é o momento que adolescentes têm uma verdadeira patologia normal. Para perspectiva cultural, a adolescência é a passagem de uma atitude de simples espectador para uma atitude ativa, um ideal dos adultos, um processo positivo e não uma fase problemática. Já na perspectiva sócio-histórica a adolescência é um constructo sócio-histórico que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não um período natural do desenvolvimento.

Com base na literatura percebemos que a gravidez na adolescência aparece como causa da perda de uma melhor qualificação educacional e profissional. Contudo, esse pensamento não é hegemônico, tendo em vistas que a maternidade na adolescência também traz a conquista de respeito e um papel social privilegiado na sociedade, causa felicidade, orgulho, maturidade, autoestima e ainda motiva a continuação dos estudos.

Notamos que o fenômeno maternidade na adolescência é de interesse de muitas áreas como a medicina, enfermagem, psicologia sociologia, dentre outras e abordada por diferentes perspectivas teóricas como a biológica e socio-histórica. Quando abordada pela perspectiva biológica percebe-se o tema associado a problema social e de saúde pública. E pela perspectiva sociocultural relacionada ao contexto socioeconômico, cultural e histórico no qual a adolescente está inserida.

Por ser um fenômeno amplamente discutido, a maternidade na adolescência tornou-se o foco principal desta pesquisa, tendo como principal objetivo apreender as representações sociais da maternidade por adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade e como objetivos específicos: I Descrever o perfil sociodemográfico das adolescentes; II identificar as representações sociais sobre a maternidade pelas adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade e III comparar as representações sociais da maternidade entre os grupo das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade.

Tendo em vista que o objetivo geral desse estudo era apreender as representações sociais da maternidade por adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade, a análise dos resultados qualitativos da pesquisa indicou que para estas adolescentes falar sobre o tema proposto pela pesquisadora significa falar sobre o que é adolescência; causas da

gravidez na adolescência; mudanças principalmente na vida da adolescente; a relação do casal adolescente; apoio de familiares e terceiros.

Como relação ao **(i)** objetivo específico dessa pesquisa que era descrever o perfil sociodemográfico das adolescentes, observou-se que no grupo das adolescentes com a experiência vivida da maternidade as idades variam entre os 15 e 20 anos. Todas engravidaram com parceiros fixos, metade declara-se como somente donas de casa e estudantes, mais da metade se declarou sem renda pessoal e mais da metade declarou ter uma renda familiar de um a três salários mínimos. O número mais frequente da escolaridade foi no Travessia. A maioria delas já abandonou a escola, mas não disseram ser a maternidade o motivo da evasão escolar, todas fizeram o pré-natal, a maioria não sofreu intercorrências na gravidez e nenhuma delas mencionou ter sofrido ou cometido aborto.

Já no grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade observou-se que as adolescentes encontram-se entre os 15 e 18 anos de idade. Metade também se declarou como somente dona de casa e estudante e também mais da metade diz não ter renda pessoal, porém a maioria diz que suas rendas familiares é de um a três salários mínimos, o número mais frequente da escolaridade é na EJA 4, apenas uma diz já ter abandonado a escola. Todas são solteiras. Uma engravidou de forma planejada e devido intercorrência sofreu aborto. Duas disseram já ter passado por várias suspeitas de gravidez devido não gostarem do uso do preservativo.

Com relação aos objetivos **(ii) identificar** as representações sociais da maternidade pelas adolescentes **com e sem** a experiência vivida da maternidade e **(iii) comparar** as representações sociais da maternidade **entre** os grupos das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade, conclui-se que as adolescentes com a experiência vivida da maternidade, ancoradas em suas experiências, têm clareza das características da adolescência e assim a objetiva como uma fase boa e lamentam por não terem vivido as coisas boas que esta fase da vida oferece. De forma semelhante, as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade não conseguem distanciar-se do momento que estão vivendo e assim também ancoradas em suas experiências caracterizaram a adolescência como o momento de curtir e aproveitar a vida, estudar, ter um emprego fixo e não ter responsabilidade.

Por estarem vivenciando a maternidade as adolescentes com a experiência vivida ancoram-se em suas histórias e associam diretamente maternidade à maternidade na adolescência. Porém ainda que associem diretamente maternidade à maternidade na adolescência, ao se reportam a maternidade na adolescência, intensificam as consequências da maternidade nessa fase da vida. Para elas, a maternidade na adolescência significa: responsabilidade, preocupação, algo horrível e por isso está objetivada como um erro.

De forma diferente, para as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade, falar da maternidade e maternidade na adolescência não implica necessariamente abordar o mesmo fenômeno, pois maternidade significa ser mãe ou o local onde nasce a criança e maternidade na adolescência significa experiência mais difícil que na fase adulta; perda da liberdade e não continuidade dos estudos. Porém de forma semelhante, ao se reportam a maternidade na adolescência elas também intensificam as consequências da maternidade nessa fase da vida e também a objetiva como um erro, porque adolescência é o momento de curtir e aproveitar a vida, estudar, ter um emprego fixo e não ter responsabilidade.

Percebemos, então, que embora os dois grupos representem a maternidade na adolescência como um erro, as justificativas dos dois grupos são diferentes. Enquanto as adolescentes com a experiência vivida da maternidade focam nas características da maternidade e suas dificuldades; as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade focam nas características da adolescência. Além disso, independente da adolescente ter ou não a experiência vivida da maternidade elas têm a representação de que a maternidade nessa fase da vida atrapalha os estudos. Aqui parece ser reforçada pela sociedade capitalista a mesma ideia do século XIX da sociedade industrial de que a adolescência é o momento para qualificação e profissionalização (PATIAS et al., 2011).

Nesse tópico interpretamos que: ainda que as adolescentes com a experiência vivida se ancoram em suas histórias e as adolescentes sem a experiência vivida ancoram-se em histórias de adolescentes que elas acompanham a forma como a maternidade na adolescência foi objetivada foi a mesma, ou seja, como um erro.

Ainda que no século XXI, segundo Negreiros e Carneiros (2004), a sexualidade dos parceiros seja desvinculada da reprodução e a mulher não tenha obrigação de responder ao desejo masculino; quando esta engravida, ela não só se sente culpada, como é culpabilizada

pela sociedade pela gravidez. Com base nisso, percebe-se nessa pesquisa que ainda recai sobre a mulher a responsabilidade de evitar a gravidez. Nesse sentido, ou a adolescente é culpada pela sua gravidez indesejada ou sua mãe por não a ter orientado. De forma geral, nos dois grupos adolescentes com e sem experiência vivida da maternidade houve a “responsabilização das mães” pela orientação sexual da adolescente. Nos dois grupos, também aparece que a mãe cumpre com seu dever de orientar a filha, portanto ela é isenta de culpa. Ainda assim, notamos que para estas adolescentes a mãe da adolescente é representada como a pessoa quem deve orientar sexualmente a filha, ou seja, de uma forma ou de outra a mulher responde pela gravidez, seja esta planejada ou não.

Em nenhuma fala aparece o homem como responsável também pela geração e criação do filho. Isso nos faz refletir se ainda não estamos colaborando para antiga visão biologizante dos séculos XIX e XX de que cabe a mulher ter uma natural capacidade de afeto para com os filhos, o tão questionado “Amor Materno”. Como nesta pesquisa maternidade é compreendida como o processo que engloba gestação, parto, puerpério e criação do (a)s filho (a)s, nota-se que ainda está sob a figura feminina o maior grau de responsabilidade para com todo o processo da maternidade.

Entendemos que a maternidade na adolescência é um ato biológico reprodutivo, mas também um processo social que afeta significativamente a vida destas com seus pares implicando em mudanças. Observamos que para os dois grupos as mudanças afetam diretamente a adolescente, pois elas são vítimas de preconceito por serem mães muito jovens; cabe a elas a responsabilidade pelos cuidados com a criança; precisam mudar horário da escola para trabalhar para manter a criança, ou seja, são elas que precisam mudar seus planos pessoais para se dedicarem a criança. Diante de tais mudanças a perda da liberdade é inevitável.

Destacamos que as mudanças relacionadas ao corpo da adolescente não foi uma mudança citada pelas adolescentes com a experiência vivida da maternidade, pelo contrário apenas uma adolescente do grupo das adolescentes sem a experiência vivida destacou as mudanças físicas da adolescente mãe.

As adolescentes com a experiência vivida da maternidade destacaram a relação do casal adolescente durante e após a gravidez e o grupo das adolescentes sem a experiência vivida da maternidade destacaram, além da relação durante e após a gravidez, a relação

durante o namoro. Para ambos os grupos, a relação do casal passa por mudanças e pode apresentar aspectos positivos e negativos, ou seja, ainda que as adolescentes dos dois grupos não estejam vivendo as mesmas situações, elas apresentam representações semelhantes quanto à relação do casal.

Novamente encontramos semelhanças entre as representações dos dois grupos, ambos destacam a mãe como a pessoa que oferece apoio e este apoio apresenta-se de diferentes formas: financeira, cuidados com a criança e orientações. Para além do apoio da mãe no grupo das adolescentes com a experiência vivida da maternidade aparece também o apoio do companheiro da adolescente não genitor da criança, esses são pais de “criação” e pelo discurso das adolescentes nos leva a entender que para elas o apoio emocional e afetivo é mais importante que o financeiro, além disso, nota-se que novas configurações familiares estão surgindo.

A prevenção da gravidez nessa fase da vida foi apontada pelos dois grupos. No entanto, as adolescentes com a experiência vivida da maternidade demonstraram preocupação com as demais adolescentes para que estas não venham passar por dificuldades. Já as adolescentes sem a experiência vivida da maternidade além de expressarem a importância da prevenção da gravidez, de doenças sexualmente transmissíveis e a implicação disso no futuro da adolescente, também falaram de suas preocupações com o futuro das crianças filhas de pais jovens que sofrem com o despreparo destes.

Essa pesquisa serviu para identificarmos que as adolescentes que têm a experiência vivida da maternidade, verbalizam com detalhes suas experiências, no entanto não significou terem uma representação social da maternidade na adolescência diferente das adolescentes sem a experiência vivida.

Foi frequente encontrarmos semelhanças nas ideias das adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade, assim interpretamos que a experiência influencia nas representações sociais das adolescentes com a experiência vivida da maternidade. Contudo, não significou terem representações diferentes do grupo das adolescentes sem a experiência vivida.

Nesta pesquisa a maternidade na adolescência para as adolescentes com a experiência vivida da maternidade está objetivada como um erro. Nota-se que estas são adolescentes de

classe socioeconômica baixa e não tiveram participação em nenhum tipo de programa de apoio as mães adolescentes, assim ressaltamos que as representações sociais da maternidade na adolescência por adolescentes que participaram ou participam de programas como estes podem ser diferente, no sentido de serem “positivas”, pesquisas abordando as representações sociais de adolescentes com e sem participação em programas de apoio podem vir a ser desenvolvidas a fim de investigar tal suposição.

Essa pesquisa não esgota o debate da maternidade na adolescência, tendo em vista que se trata de um trabalho de psicologia na área social, cujo foco é apreender representações sociais desse tema pelas adolescentes que têm conhecimento direto ou indireto do fenômeno em questão. Sendo assim, não se apresenta resultados definitivos nem generalizantes. Tentou-se obter o máximo de informações referentes a todo o processo da maternidade desde a gestação até criação dos filhos na tentativa de entender a adolescente e seus pares durante esse processo.

Ressalta-se a importância de haver outros estudos abordando mais profundamente e de forma detalhada o conceito de experiência vivida de Jodelet, tendo em vista que neste estudo ele aparece como “pano de fundo” e não foco da pesquisa, pois se procurou apreender entre grupos com e sem a experiência vivida da maternidade as representações sobre o fenômeno maternidade. Sendo assim, outras formas de trabalho podem ser realizadas como utilizando mães adolescentes com diferentes situações socioeconômicas, ou ainda explorar longitudinalmente o mesmo grupo de adolescentes com a experiência vivida da maternidade.

Assim como Levandowsky e Piccinini (2004); Medrado e Lyra (1999 ) afirmam haver escassez de estudos que exploram a paternidade do adolescente, destacamos quão interessantes podem ser os estudos que venha abordar as representações sociais da paternidade por adolescentes que assumiram a paternidade e estão em companhia de filho e esposa, pois notamos que algumas adolescentes desta pesquisa encontra-se em companhia de parceiros não genitores da criança e lamentam pela ausência de afeto do pai biológico para com a criança.

Mesmo que Moccilinet al (2010) destaquem que é preocupação do governo o desenvolvimento de programas de gravidez na adolescência, tanto em serviços de saúde quanto em escolas e que é importante que estas ações sejam planejadas pensando nas particularidades de cada contexto social e individual, gostaríamos de reforçar que estes

programas precisam também abranger competências e responsabilidades do pai e da mãe. Pois, consta-se em Silva e Salomão (2000) que quando as adolescentes participam de programas de apoio à gestante, elas melhoram sua compreensão acerca do seu exercício materno e elas aprendem a desenvolver cuidados diários com o bebê. Nesse sentido reforçamos a necessidade de serem desenvolvidos programas de apoio não apenas para “ensinar” as adolescentes como cuidarem de seus bebês, mas que possam inserir os pais adolescentes de forma que pai e mãe adolescentes tenham conhecimento de suas atribuições.

Além disso, sinalizamos que seria interessante desenvolver programas também nas escolas, de forma que estas possam trabalhar, através de suas estratégias educativas, o comportamento sexual do adolescente, entendendo-o como passível de sofrer influência de fatores econômicos, socioculturais, religiosos e psicológicos.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, Ed: 10º p.13-23, 1981.

ABREU, G.; QUAYLE, J.; NEDER, M.; ZUGAIB, M. “Quem sou eu: mãe?” Um estudo sobre a construção da identidade materna em adolescentes. In Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.), Anais do XXVI Congresso Interamericano de Psicologia. São Paulo, p.120, 1997.

AGUIAR, F. S. L.; DIAS, C. M. S. B. A auto-percepção das avós precoces. **Relatório de pesquisa não-publicado**, Universidade Católica de Pernambuco, Departamento de Psicologia, Recife, 2000.

ALAMBERT, Z. **Feminismo – O Ponto de Vista Marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.

ALQUINO, E.M. L; HEILBORN, M.L; KNAUTH, D; BOZON, M. Adolescência e reprodução no Brasil: A heterogeneidade dos perfis sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, n.2, p.377-388, 2003.

ALMEIDA, A.M **Pensando a família no Brasil; da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, p.25-57, 1987.

ATWATER, E. **Adolescence**. 2ª ed. New Jersey: Prentice Hall, 1988.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Editora: 70. 1. ed. São Paulo, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do Conhecimento. Evitando confusões. In: M. BAUER e G. GARKELL (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 17-36.

BECKER, D. **O que é a adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BELO, M.A.V.; PINTO, J.L.; SILVA, J.L.S. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.38, n.4, p.87-479, 2004.

BERLOFI, L. M.; ALKMIN, E.L.C; BARBIERI, M; GUAZZELLI, C.A.F; ARAÚJO, F.F. Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um programa de planejamento familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.19, n.2, p.196-200, ano. 2006.

BOCK, A. M. B. A Perspectiva Sócio-Histórica de Leontiev e a Crítica à Naturalização da Formação do ser Humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE). V.11, n. 1. p.63-76. Jan/Jun 2007.

BORSA, J. & NUNES, M.L. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, v.29, n.64, p.31-39, 2011.

BOLTON, F.G.; BELSKY, J. The adolescent father and child maltreatment. In: ELSTER, A.B.; LAMB, M.E. (org.), **Adolescent fatherhood**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, p.123-140, 1986.

CABRAL, C. S.. Contraceção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**. v.19, n.2, p. 283-292, 2003.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARLOS, A.I; PIRES, A; CABRITA, T; ALVES, H; ARAÚJO, C; BENTES, M.H. et al. Comportamento parental de mães Adolescentes. **Análise Psicológica**, v. 2, n.25, p. 183-194, 2007.

CARNIEL, E. F; ZANOLLI, M, L; ALMEIDA, C.A.A; MORCILLO, A. Características das mães adolescentes e de seus recém-nascidos e fatores de risco para a gravidez na adolescência em Campinas, SP, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil**, v.6, p. 419-426, 2006.

CASTAÑÓN, G.A. Construcionismo Social: uma crítica epistemológica. **Temas em Psicologia da SBP**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.67-81, 2004.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CHAVES, A.M.; SILVA, P.L. Representações sociais. In: L. CAMILO; A. R. R. TORRES, A.R.R.; M. E. O. LIMA; M. E. PEREIRA (Orgs.). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. 2.ed.revista ampliada. Brasília, DF: Technopolotik, p.413-464, 2013.

CERVENY, C. **Gravidez na Adolescência: Uma perspectiva Familiar**. São Paulo, 1996.

CHARLEM, E. MITSUHIRO, S.S; FERRI, C.P; BARROS, MCM. Gravidez na adolescência: perfil sócio demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.23, n.1, p.177-186, jan 2007.

CHODOROW,N. Estrutura Familiar e Personalidade Feminina, In ROSALDO,M e LAMPHERE,L. A Mulher, a cultura e sociedade. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1979.

DADOORIAN. D. A gravidez desejada na adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 50, n.31, p.60-70, 1981.

DALLAS, C.M; CHEN, S.C. **Experiences of African American adolescent fathers**. West. J. Nurs. Res., v.20, n.2, p. 210-222,1998.

DEL PRIORE, M. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: M. DEL PRIORE (org). **História das crianças no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DIAS, A.B.; AQUINO, E.M.L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.7, p.1447-1458, jul 2006.

DIAS, A. C. G;PATIAS,N.D;GABRIEL,M.R ;TEIXEIRA,MAP.A perspectiva dos pais diante da gestação na adolescência. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis, v.46, n. 1, p. 143-164, 2012.

DUARTE, C.L. Feminismo e literaturano Brasil.**Estudos Avançados**, v. 17, n.49, 2003.

EDUARDO, K.G.T.; AQUINO, P.S.; BARBOSA, R.C.M.; PINHEIRO, A.K.B. Reações da adolescente frente à gravidez. **Esc Anna Nery R Enferm**, v.9,n.2,p.20-214,ago 2005.

ESPÍNDULA, D.H. P; SANTOS, M.F.S. Representações Sobre a Adolescência a Partir da Ótica dos educadores Sociais de Adolescentes em Conflito com a Lei. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 357-367, set./dez. 2004.

ESTEVES, J.R.; MENANDRO, P.R.M. Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência.**Estudos de Psicologia**, v.10, p.363-370,2005.

ENGELS, F.A **origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Global, Ed: v.3, p.63-70, 1984.

ELSTER, A.B. Adolescentfathersfrom a clinical perspectives. In: M. E. LAMB (Org.). **The father's role: applied perspectives**. New York: John Wiley, p. 325-36, 1986.

ELSTER,A.B ; PANZARINE, S. Teenage fathers: Stresses during gestation and early parenthood.**Clin. Pediatr.**, v.22,n.10,p. 700-703,1983.

FAGOT, B.I.;PEARS, K.C. ; CAPALDI, D.M. ; CROSBY, L. LEVE, C .S. Becoming an adolescent father:Precursors and parenting. **Dev. Psychol**,v.34,n.6,P. 1209-1219, 1998.

FERREIRA, T.H.S; FARIAS,M.A;SILVARES,E.F.M..Adolescência através dos Séculos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v.26, n. 2, p. 227-234. abr-jun 2010.

FIGUEIREDO, B.; PACHECO, A.; MAGARINHO, R. Grávidas adolescentes e grávidas adultas: Diferentes Circunstâncias de Risco? **Acta MedPort**, v.18, p.97-105, 2005.

FIGUEIREDO, B;PACHECO,A; COSTA,R; MAGARINHO,R.Qualidade da vinculação e dos relacionamentos significativos na gravidez.**Psicologia**. Lisboa, vol. 20, n. 1, p. 65-96, ano 2006.

FOLLE, E; GEIB, L.T.C. Representações sociais das primíparas adolescentes sobre o cuidado materno ao recém-nascido. **Ver Latino-am Enfermagem**, v.. 12, n. 2,p. 90-183, mar/abr, 2004.

FROTA. A.M.M.C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção.**Estudos e pesquisas em Psicologia**. UERJ, RJ, ANO 7, n. 1,2007.

GAMA, S. G. N.; SZWARCOWALD, C.L.; LEAL, M. C. Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda. **Cadernos de Saúde Pública**, v.18, p. 153-161, 2002.

GROSSMAN, E. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. **Revista Saúde & Adolescência**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p. 47-51, Jul 2010.

GODINHO, R.A.; SCHELP, J.R.B.; PARADA, C.M.G.L.; BERTONCELLO, N.M.F. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio?.**Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, abril 2000.

GOLDENBERG, P.; FIGUEIREDO, M.C.T.; REBECA, R.S. Gravidez na adolescência, pré-natal e resultados perinatais em Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.4, p.1077-1086, jul-ago, 2005.

GUIMARÃES, G. G.; GRINSPUN, M. P. S. Z. Revisitando as Origens do Termo Juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. GT-20: Psicologia da Educação. In: **Revista Brasileira de Educação** –ANPED – Juventude e contemporaneidade. N. 5 e n. 6, p. 05 – 14, maio/dez. 1997.

GRIFFITHS, E.A; CORTÉS, JQ; OLIVIO, AM; ROMERO, JZ; SALDIVIA, JS. Características psicossociales de laembarazada adolescente enValdivia. **Cuad.Med. Soc.**, v. 35, n. 2, p. 31-7, 1994.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

HOGA, L.A.K. Maternidade na Adolescência em uma Comunidade de Baixa Renda: Experiências Reveladas Pela História Oral. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.16, n.2, mar-abr, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese dos indicadores sociais uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e Pesquisa, informações demográficas e socioeconômicas. v. 27, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: jul. 2012.

JODELET, D.; LEPORT, C.; MOULIN, P.; BUGLER, C.; FRAVAL, J.; D'HEROUVILLE, D.; VINCENT, I.; MALLETT, D.; MARMAGNE, V.; BERKI, Z.; HERVIER, S.; SALAMAGNE, M.H.; GABRIEL, C.; VILDE, J.L. Sida et soins palliatifs: les soignants face aux malades en phase avancée de l'infection VIH. In: M. DUROUDDY (Org.). **Des professionnels face Au SIDA**. Évolution des rôles, identités et fonctions, Revue de l'ANRS ( Agence Nationale de Recherches sur le Sida), Collection Sciences Sociales et Sida, 1998.

JODELET, D. Experiência e Representações Sociais. In: MENIN, M.S. S; SHIMZU, A.M(Org.) **Experiência e Representação Social: questões teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 23-56, 2005.

JODELET, D. (Org.). As Representações Sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JONGENELEN, I. M. Gravidez na Adolescência: Uniformidade e Diversidade no Desenvolvimento. 1998.301f. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 1998.

JONGENELEN, I; SOARES, I; GROSSMANN, K; MARTINS, C. Vinculação em Mães Adolescentes e seus Bebês, **Psicologia**, Lisboa, v.20 n.1, 2006.

JORGENSEN SR. Adolescent pregnancy and parenting. In: GULLOTTA, T.P.; ADAMS, G.R.; MONTMAYOR, R. (orgs.), **Adolescent sexuality**. Newbury Park: Sage, p. 103-140, 1993.

JOVER, E.R.; NUNES, M.L.T. Construção histórica da noção de adolescência e sua redefinição na clínica psicanalítica. **Imaginário**, São Paulo, v.11, n.11, dez 2005.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do Saber: representações, comunidade e cultura**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. A síndrome da adolescência normal. Porto Alegre, Artes Médicas, Ed: 10º p.24-62, 1981.

KÖNIG, A.B; FONSECA, A.D; GOMES, V.L.O. Representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mãe” **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.10, n. 2, p. 405-413, 2008.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes, 1979.

LEVANDOWSKI, D.C. PICCININI, C.A. LOPES, R.C.S. Maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.25, n.2, p. 251-263, abr / jun. 2008.

LIMA, C.T.B. OLIVEIRA, F.K.V. SANTOS, C.M.F. PEREIRA, S.A.P. CORREIA, M.J.B. SOUZA, R.L. FARO, C.L. HELENA, K.M. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. **Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil**, v.4, n.1, p.71-83, 2004.

LYRA, J. Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), São Paulo: PUC/SP. 182p, 1997.

LOSADA, B.L.; COUTINHO, M.L.R. Redefinindo O Significado Da Atividade Profissional Para As Mulheres: O Caso Das Pequenas Empresárias. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 493-502, set./dez. 2007.

LOSS, M. A.; SAPIRO, C. M. Processos psíquicos do engravidamento na adolescência em contexto de periferia: Impasses e possibilidades. **Psicologia USP**, v.16, n.4, p. 69-98, 2005.

MALUF, V.M.D.; KAHHALE, E.M.S.P. Mulher, Trabalho E Maternidade: Uma Visão Contemporânea. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 143 – 160, jul/set 2010.

MARTINS, E.M.V. As conquistas da mulher brasileira ao longo do século XX: reflexos dessas lutas nas composições da MPB. **Dissertação de Mestrado em Família na sociedade contemporânea**. Universidade Católica do Salvador, 2005.

MAZZOTTI, A.J.A. Representações Sociais: Aspectos Teóricos E Aplicações À Educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008.

MENDES, T; SOARES, I; JONGENELEN, I; MARTINS, C. Mães Adolescentes: Adaptação aos Múltiplos Papéis e a Importância da Vinculação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, V. 24, p.309-317, 2011.

MEDRADO B. LYRA J. A adolescência "desprevenida" e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**, v.1, p.230-248, 1999.

MCCALLUM, C.; REIS, A.P. Re-significando a dor e superando a solidão: experiências do parto entre adolescentes de classes populares atendidas em uma maternidade pública de Salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.7, p.1483-1491, jul 2006.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, V. 9, n.3, jul./set., 1993.

MINAGAWA, A.T.; BIAGOLINE, R.E.M.; FUJIMORI,E; OLIVEIRA, I.M.V.; MOREIRA, A.P.C.A.; ORTEGA, L.D.S.baixo peso ao nascer e condições maternas no pré-natal. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.40, p. 548-554,2006.

MOSCOVICI, S. **L'èredesreprésentationsspciales.In :W. Doise&A.Palmonari.L' étudedesReprésentationsSociales.** Delachaux&Niestlé: Neuchâtel –Paris,1986.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: vozes, p.61-73, 2011.

MOSCOVICI, S.A **Psicanálise, sua Imagem e seu Público.** Petrópolis: vozes, 2012.

MOSCOVICI, S.La **Psychanalyse, son Imagem et son Public.** Paris : P .U.F, 1976.

MORESCO, J. O. VANDERSAND, I.C.P. Das bonecas ao bebê: a vida daadolescente ao tornar-se mãe. **Scientia Medica**, Porto Alegre: PUCRS, V. 15, n. 1, jan./mar. 2005.

MOCCELLIN, A.S. et al. Efetividade das ações voltadas à diminuição da gravidez não planejada na adolescência:revisão da literatura,**Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, v.10, n. 4, p. 407-416 out/ dez. 2010.

MORAIS, E.R.C. Saúde e Tratamento Hemodialítico: Representações Sociais em um Serviço de Terapia Renal Substitutiva. 2013.104f. **Dissertação de Mestrado em Psicologia**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MOREIRA, R. L. C. A. Maternidades: Os repertórios Interpretativos Utilizados para descrevê-las. **Dissertação de Mestrado na área de concentração: Psicologia Aplicada**, Uberlândia, 2009.

MOURA, S.M.S.R.; ARAUJO. M.F. Produção de Sentidos sobre a Maternidade: uma Experiência no Programa Mãe Canguru.**Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 37-46, jan./abr. 2005.

MUZA, G. M.; COSTA, M. P. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: o olhar dos adolescentes.**Cadernos de Saúde Pública**, v.18, n.1, p. 321- 328,2002.

NEGREIROS, T.C.G.M.; CARNEIRO, T.F.Masculino E Feminino Na Família Contemporânea.**Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, 2004.

NÓBREGA, N. P. (1997). O papel da parentalidade na construção do sujeito. In: M. I. NETO; C. A. GARCIA (Orgs.), **Mulher: cultura e subjetividade**. Coletâneas da ANPEPP, v.1, n.7, p. 135-146,1997.

NOGUEIRA, M. J; SILVA, B.F. A; BARCELOS, S.M; SCHALL, V.T. Análise da distribuição espacial da gravidez adolescente no Município de Belo Horizonte – MG. *Rev Bras Epidemiol*, Belo Horizonte, v.12, n.3, p. 297-312, 2009.

NOGUEIRA, A.M. MARCON, S.S. Reações, Atitudes e Sentimentos de pais frente a gravidez na Adolescência. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 23-32, jan./abr. 2004.

NOGUEIRA, M.J. MODERNA, C.M. SCHALL, V.T. Políticas Públicas voltadas para adolescentes nas Unidades Básicas de Saúde no Município de Belo Horizonte/MG: uma análise sob a perspectiva dos profissionais de saúde. **Rev. APS**, v. 13, n. 3, p. 338-345, jul./set. 2010.

NUNES, C.E.G. Adolescência e paternidade: Um duelo de papéis sociais. **Psico**, v.29, n.1, p. 125-138, 1998.

OLIVEIRA, M.W. Gravidez na adolescência: dimensões do problema. **Cad Cedes** [Centro de Estudos Educação e Sociedade], v.19, p. 48-70, 1998.

OLIVEIRA, B. R. G.; VIERA C. S.; FONSECA, J. F. N. A. Perfil de adolescentes gestantes de um município do interior do Paraná. Fortaleza, **Revrene**, v.12, n.2, p.238-46, abr/jun, 2011.

OLIVEIRA, N.R. Percursos da Gravidez na Adolescência: Estudo Longitudinal Após uma Década da Gestaçao. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.23, n.2, p. 278-288, 2010.

ORTNER. S.B. et al. **A Mulher, A Cultura, A Sociedade**. p.95-118, 1979.

OZELLA, S.; AGUIAR, W.M.J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, V. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008.

PAIVA, A. S.; CALDAS, M. L. C. S.; CUNHA, A. A. Perfil psicossocial da gravidez na adolescência. In: D. L. M. MONTEIRO; A. A. CUNHA; A. C. BASTO (Orgs.), **Gravidez na adolescência**, Rio de Janeiro: Revinter, p. 7-30, 1998.

PATIAS, N. D., BUAES, C. S. “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicologia & Sociedade**, Santa Maria/Brasília, v.24, n.2, p.300-306, 2012.

PANTOJA. A. L. N. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, p.335-343, 2003.

PATIAS, N.D, GABRIEL, M.R. WEBER, B.T. DIAS, A.C.G. Considerações sobre a gestação e a maternidade na adolescência. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, Rio Grande do Sul, v.19, n.1-2, p.31-38, Jan-Jun 2011.

PROBST, E.R. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Instituto Catarinense de Pós-Graduação – ICPG**, 2003.

RAMIRES, V. R. R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

REIS, A. O. ZIONI, F. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. **Revista de Saúde Pública**, v.27, n.6, p. 472-477, 1993.

RIBEIRO, A. C. L., UHLIG, R.F.S. A gestação na adolescência e a importância da atenção à saúde do adolescente. **Div Saúde Debate**, v. 26, p.30-6, 2003.

RIBEIRO, F. S. Família “tem que ter pai e mãe”: representações sociais da família por crianças na cidade de Recife. **Dissertação de Mestrado em Psicologia**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, 2011.

ROCHA-COUTINHO, M.L. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira, e as relações familiares. In: T.FÉRES-CARNEIRO (org.), **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

RODRIGUES, M. M.; TRINDADE, Z. A. Em nome do pai e do filho: relações afetivas e instrumentais. In: P. R. MENANDRO; Z. A. TRINDADE; E. B. BORLOTI (Orgs.), **Pesquisa em Psicologia: recriando métodos**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, p. 125-138, 1999.

SABROZA, A. R.; LEAL, M. C.; SOUZA J. R.; GAMA, S. G. N. Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do município do Rio de Janeiro (1999 - 2001). **Cadernos de Saúde Pública**, V.20, n.1, p.130-137, 2004.

SALOMÃO, N. M. R.; SILVA, D. V.; A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.8, n.1, Jan./Apr. 2003.

SANTOS, M. F. S. A Teoria das Representações Sociais. In: M. F. S. SANTOS; L. D. ALMEIDA (Orgs). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Editora Universitária da UFPE, p.15-35, 2005.

SANTOS, J. R. Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência: vulnerabilidade à maternidade. In: N. SCHOR; M. S. F. T. MOTA; V. CASTELO BRANCO (Orgs.), **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, V.1, p. 223-229, 1999.

SANTOS, S.R.; SCHOR, N. Vivências da maternidade na adolescência precoce. São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, V.37, n.1, p. 15-23, 2003.

SANTOS, M. F. S., FELIX, L. B., MORAIS, E.R. C. Representações Sociais de Juventude em uma Comunidade Quilombola do Agreste Pernambucano. **Psico**, v. 43, n 4, 2012.

SARRIERA, J.C.; SILVA, M.A. KABBAS, C.P. LÓPES, V.B. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Estudos de Psicologia**. v.6,n.1,p.27-32,2001.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface \_ Comunic, Saúde, Educ*,v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SCHELLENBACH, C. J.; WHITMAN, T. L.; BORKOWSKI, J. G. Toward an Integrative Model of Adolescent Parenting. **HumanDevelopment**, 35. p.81-99, 1992.

SILVA, C.R.; LOPES, R.E. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, V. 17, n.2, p 87-106, Jul/Dez 2009.

SILVA, C. R. GOBBI, B.C. SIMÃO, A.A. O uso da Análise de Conteúdo como uma ferramenta para pesquisa qualitativa: Descrição e Aplicação do Método. **Organ. Rurais agroind**, Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

SILVA, J. F. As transformações recentes no mundo do trabalho e seus efeitos sobre as mulheres trabalhadoras latino-americanas. **Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em integração latino-americana**. Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFRS, 2006.

SILVIA, A, A., COUTINHO, I.C., KATZ, L., SOUZA, A, S, R. Fatores associados à recorrência da gravidez na adolescência em uma maternidade escola: estudo caso-controle. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.29, n.3, p.496-506, mar 2013.

SILVA, L. TONETE, V.L.P. A Gravidez na Adolescência sob a Perspectiva dos Familiares: Compartilhando Projetos de Vida e Cuidado. **Rev Latino-am Enfermagem**. V.14, n.2, p.199-206, Marc/abr 2006.

SOUSA, L. D. O significado da maternidade na adolescência à luz da Teoria das Representações Sociais, **Dissertação de mestrado**, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

SPINK, M. J. P. **O conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SPIEKER, S.J. ;BOOTH, C.L. Maternal antecedents of attachment quality. In J. Belsky ; T. Nezworski (Eds.). **Clinical implications of attachment**. Hillsdale, N.J. : Lawrence Erlbaum Assoc, p.95-135, 1988.

STEINBERG .L . **Adolescence**. New York: Alfred Knopf, 1985.

TRINDADE, Z. A., ENUMO, S.R.F. Representações sociais de infertilidade feminina entre mulheres casadas e solteiras. **Psic., Saúde & Doenças**, Vitória/ES. v.2, n.2, p. 5-26, 2001.

TRINDADE, Z.A.; MENANDRO, M.C.S. Pais adolescentes: vivência e significação. **Estudos de Psicologia**, Vitória/ES, v.7, n.1, p.15-23, 2002.

TRINDADE, E; BRUNS M.A. T. **Adolescentes e paternidade: Um enfoque fenomenológico**. Ribeirão Preto: Holos,1999.

TRINDADE, Z. A.; FREITAS, M. D. F. Q. Dom; RODRIGUES, M. M. P. Concepções de maternidade e paternidade: o convívio atual com fantasmas do século XVIII. In: pertinentes, **Psicologia: reflexões**, São Paulo, p.129-155,1998.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; FALCKE, D. Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família? In: A. WAGNER (Org). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre:EDIPUCRS, p. 93-105,2 005.

WESTNEY, O.E; COLE O.J; MUNFORD, T.L. Adolescent unwed prospective fathers: Readiness for fatherhood and behaviors toward the mother and the expected infant. **Adolescence**, v. 21, n. 84, p. 901 911,1986.

VECHIOLLA, F. J. ; MAZA, P. Z. **Pregnant and parenting adolescents**. Washington: Welfare League of America, 1989.

ZIMATH, M. L. B. Os direitos da mulher e o princípio da liberdade: aspectos das práticas abortivas e a concepção ética. **Dissertação de Mestrado em ciências Jurídicas**. UNIVALI, 2005.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Menores de 18 anos)



PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos sua filha menor de idade que está sob sua responsabilidade para participar, como voluntária da pesquisa: **Representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes**. Esta pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora **Elisângela Lima Araújo**, endereço: na Rua João Cardoso Ayres, AP 101, N°305 Edf. Morada Vasco da Gama de CEP: 51130-300 no Bairro de Boa Viagem em Recife, com o telefone: 96586919 e email: [elisangela@limaaraujol@gmail.com](mailto:elisangela@limaaraujol@gmail.com), que é orientanda da Professora Tícia Cassiany Ferro Cavalcante.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar que sua filha faça parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. A qualquer momento o senhor (a) ou a sua filha podem desistir de participar do estudo, retirando o consentimento. Em caso de recusa, nem sua filha, nem o senhor (a) serão penalizados de forma alguma.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Essa pesquisa tem como objetivo principal apreender as representações sociais da maternidade por adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade. A coleta dos dados será feita mediante aplicação de questionário sociodemográfico e será realizada entrevista com todas as participantes com roteiro semi-estruturado, com o tempo estimado de aproximadamente 30 minutos.

Em relação aos riscos, existe a possibilidade da sua filha se sentir constrangida e incomodada com as atividades e ou perguntas propostas, ou apresentar o não interesse em participar. Todavia, o desconforto pode ser contornado no decorrer das atividades, pois haverá mais interação entre a participante e a pesquisadora nos momentos individuais.

Em relação aos benefícios, propomos, como contribuição às participantes, uma devolutiva da pesquisa por meio de palestras e oficinas para que os professores, alunos e familiares possam refletir acerca da maternidade na adolescência. Como benefícios indiretos esse projeto poderá colaborar com a construção ou acrescentar as políticas públicas voltadas para a sexualidade dos adolescentes.

Os dados coletados farão parte do banco de dados da pesquisa desenvolvida pela orientanda. Os dados serão guardados em pastas de arquivos, por um período de cinco anos (05), sob a responsabilidade da pesquisadora principal, no endereço acima informado. A participação da sua filha no estudo não acarretará nenhum gasto para o senhor (a). Os procedimentos relacionados a esse estudo serão gratuitos. A pesquisadora se compromete a manter em absoluto sigilo todos os dados de caráter estritamente pessoal da participante. A participante não será identificada quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, Sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: 2126.8588 – e-mail: [cepccs@ufpe.br](mailto:cepccs@ufpe.br))**.

---

Assinatura da pesquisadora

### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA MENOR

Eu, \_\_\_\_\_, RG/ CPF/ \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pela menor \_\_\_\_\_, autorizo minha filha para participar do estudo **Representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes**, como voluntária. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dela. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do (da) responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura da menor: \_\_\_\_\_

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:  
Assinatura:

Nome:  
Assinatura:

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Maiores de 18 anos)



PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar, como voluntária, da pesquisa: **Representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes**. Esta pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora **Elisângela Lima Araújo**, endereço: na Rua João Cardoso Ayres, AP 101, Nº305 Edf. Morada Vasco da Gama de CEP: 51130-300 no Bairro de Boa Viagem em Recife, com o telefone: 96586919 e email: [elisangela@limaaraujol@gmail.com](mailto:elisangela@limaaraujol@gmail.com), que é orientanda da Professora Tícia Cassiany Ferro Cavalcante.

Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar participar do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. A qualquer momento você pode desistir de participar do estudo, retirando o consentimento. Em caso de recusa você não será penalizada de forma alguma.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Essa pesquisa tem como objetivo principal apreender as representações sociais da maternidade por adolescentes com e sem a experiência vivida da maternidade. A coleta dos dados será feita mediante aplicação de questionário sociodemográfico e será realizada entrevista com todas as participantes com roteiro semi-estruturado, com o tempo estimado de aproximadamente 30 minutos.

Em relação aos riscos, existe a possibilidade de você se sentir constrangida e incomodada com as atividades e ou perguntas propostas, ou apresentar o não interesse em participar. Todavia, o desconforto pode ser contornado no decorrer das atividades, pois haverá mais interação entre a participante e a pesquisadora nos momentos individuais.

Em relação aos benefícios, propomos, como contribuição às participantes, uma devolutiva da pesquisa por meio de palestras e oficinas para que os professores, alunos e familiares possam refletir acerca da maternidade na adolescência. Como benefícios indiretos esse projeto poderá colaborar com a construção ou acrescentar as políticas públicas voltadas para a sexualidade dos adolescentes.

Os dados coletados farão parte do banco de dados da pesquisa desenvolvida pela orientanda. Os dados serão guardados em pastas de arquivos, por um período de cinco anos (05), sob a responsabilidade da pesquisadora principal, no endereço acima informado. A sua participação no estudo não acarretará nenhum gasto para você. Os procedimentos relacionados a esse estudo serão gratuitos. A pesquisadora se compromete a manter em absoluto sigilo todos os dados de caráter estritamente pessoal da participante. Você não será identificada quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, Sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: 2126.8588 – e-mail: [cepccs@ufpe.br](mailto:cepccs@ufpe.br))**.

---

Assinatura da pesquisadora

### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_, RG/ CPF/ \_\_\_\_\_, abaixo assinado, aceito participar do estudo **Representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes**, como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dela. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura da participante: \_\_\_\_\_

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:  
Assinatura:

Nome:  
Assinatura:

## APÊNDECE C- INSTRUMENTO QUANTITATIVO

### QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO PARA AS ADOLESCENTES NÃO MÃES

#### Questionário sócio demográfico para adolescentes não mães

**1) Dados de identificação da adolescente ou responsável:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

**2) Situação conjugal:** União formal ( ) união informal ( ) solteira ( )

**3) Ocupação:** Trabalho formal ( ) trabalho informal ( ) dona de casa ( ) desempregada ( ) estudante

**4) Renda pessoal:** Sem renda ( ) menos de um salário mínimo ( ) de um a três salários mínimos ( ) mais de três salários mínimos ( )

**5) Renda familiar:**

Sem renda ( ) menos de um salário mínimo ( ) de um a três salários mínimos ( ) mais de três salários mínimos ( )

**6) Série:** \_\_\_\_\_

**7) Escolaridade:**

Nenhum estudo ( ) de 1 a 4 anos de estudo ( ) de 5 a 8 anos de estudo ( ) mais de 8 anos de estudo ( ) Já abandonou a escola: Sim ( ) Não ( ) Número de vezes ( )

**8) Possui:** de 0 a 3 bens duráveis ( ) mais de 3 bens duráveis ( )

**9) Situação da casa:** própria c/ escritura ( ) própria s/ escritura ( ) alugada ( ) invadida ( ) cedida/emprestada ( )

Número de pessoas que moram na casa ( ) Quem são:

**10) Saneamento básico:** Água encanada/periodicidade ( ) coleta de lixo/ periodicidade ( ) rede de esgoto ( )

**11) Lazer:** ( ) sim ( ) não

## APÊNDECE D- INSTRUMENTO QUANTITATIVO

### QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO PARA AS ADOLESCENTES MÃES

#### Questionário sócio demográfico para adolescentes mães

##### 1) Dados de identificação da adolescente:

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

2) **Situação conjugal:** União formal ( ) união informal ( ) solteira ( )

Nº de gravidez: \_\_\_\_\_

Gravidez planejada: ( ) sim ( ) não

Fez pré-natal: ( ) sim ( ) não. Tempo:

Intercorrência na gravidez: \_\_\_\_\_

3) **Ocupação:** Trabalho formal ( ) trabalho informal ( ) dona de casa ( ) desempregada ( ) estudante

4) **Renda pessoal:** Sem renda ( ) menos de um salário mínimo ( ) de um a três salários mínimos ( ) mais de três salários mínimos ( )

##### 5) Renda familiar:

Sem renda ( ) menos de um salário mínimo ( ) de um a três salários mínimos ( ) mais de três salários mínimos ( )

6) **Série:** \_\_\_\_\_

##### 7) **Escolaridade:**

Nenhum estudo ( ) de 1 a 4 anos de estudo ( ) de 5 a 8 anos de estudo ( ) mais de 8 anos de estudo ( ) Já abandonou a escola: Sim ( ) Não ( ) Número de vezes ( )

8) **Possui:** de 0 a 3 bens duráveis ( ) mais de 3 bens duráveis ( )

9) **Situação da casa:** própria c/ escritura ( ) própria s/ escritura ( ) alugada ( ) invadida ( ) cedida/emprestada ( )

Número de pessoas que moram na casa ( ) Quem são:

10) **Saneamento básico:** Água encanada/periodicidade ( ) coleta de lixo/ periodicidade ( ) rede de esgoto ( )

11) **Lazer:** ( ) sim ( ) não

## APÊNDICE E- INSTRUMENTO QUALITATIVO

**TABELA COM IMPRESSÕES DAS ADOLESCENTES SOBRE O VÍDEO**

Tópicos abordados pelas adolescentes <u>sem</u> a experiência vivida da maternidade	Tópicos abordados pelas adolescentes <u>com</u> a experiência vivida da maternidade
<p><b>Impressões gerais:</b> perda de lazer para poder cuidar da criança; perda da adolescência; são muito jovens para ser pai e mãe; o filho na adolescência <b>pode</b> acontecer, hoje é normal, mas tem que ter: responsabilidade, condições financeiras, tem que pensar, ter a cabeça no lugar, ser maduro, tem que ter o apoio da mãe; Adolescentes <b>são novos</b> para ter filhos.</p>	<p><b>Impressões gerais:</b> Perda da liberdade; perda da adolescência; a idade dos adolescentes do vídeo não é apropriada para ser pai e mãe; a situação mostrada no vídeo não é normal, é errada, é difícil, é complicada; são duas crianças cuidando de outra; (No vídeo parecem estarem felizes).</p>
<p><b>Foco no menino-</b> o menino responsável, companheiro do vídeo não é o que ocorre na vida real; o menino não pode mais dar um de “boizinho” <b>agora tem</b> que ser responsável.</p>	<p><b>Foco no menino</b> - O menino novo não é responsável, não é companheiro é ausente, não apoia, não é comprometido, existe uma dúvida entre ficar com a diversão e ficar com a família no vídeo ele é tudo de bom, mas, não é vida real.</p>
<p><b>Foco na menina-</b> Ser mãe na adolescência é: burrice, ela fica com a maior responsabilidade, ela tem que se vestir de acordo com o que é ser mãe.</p>	<p><b>Foco na menina-</b> A responsabilidade maior fica com a mulher; <b>não adianta orientação</b>, elas (adolescentes de 10 a 17) engravidam do mesmo jeito.</p>
	<p><b>Relato de suas experiências vividas:</b>            1-<b>Queixam-se</b> da ausência de cuidados e diálogo entre suas mães e elas (antes e depois delas terem engravidado);            2-<b>Tentam</b> ser para seus filhos o que suas mães não foram para elas;            3-<b>Criticam</b> o fato de seus antigos companheiros terem mais de um filho;            4-<b>Falam</b> da ausência do cuidado a atenção do pai das crianças (sofrimento sentido pela criança e por elas, o companheiro atual cuida da criança como se fosse dele e recebe o amor da criança, porém a criança sabe quem de fato é seu pai biológico);            5-<b>Abordam</b> os métodos anticoncepcionais utilizados por elas (falha no uso);            6-<b>Falam</b> de suas experiências no momento do parto: presença e ausência de parentes e familiares; diferenças entre os hospitais públicos e particulares; sentimentos sentidos por elas</p>

	<p>durante as dores do parto; citam a equipe médica que lhes atendem nos hospitais;</p> <p>7-<b>Reclamam</b> da falta de informações precisas sobre qual idade e condições são necessárias para a adolescente fazer ligação;</p> <p>8-<b>Não se arrependem</b> de ter tido os filhos e falam que serviu para elas amadurecerem;</p> <p>9-<b>Exigem</b> legalmente os direitos de ( pensão ) e moralmente (afeto) do pai biológico da criança;</p> <p>10-<b>Procuram</b> não falar mal do pai para a criança, pois acreditam que ela ao crescer vai saber julgar se o pai foi bom ou ruim;</p> <p>11- <b>Destacam</b> em alguns casos que, quem cuida de seus filhos não são os pais biológicos das crianças, mas o atual companheiro.</p>
--	---

## **APÊNDECE F- INSTRUMENTO QUALITATIVO**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

#### **Tópico 1 : Sobre a fase e as atividades típicas da adolescência.**

1-O que vem a sua mente quando você pensa em adolescência?

2- E no seu ponto de vista o que é ser adolesceste?

#### **Tópico 2 : Maternidade na adolescência.**

1-Você poderia falar sobre maternidade?

2- E como você descreve a maternidade na adolescência?

3- você saberia me informar quais os motivos que levam as adolescentes a engravidarem?

#### **Tópico 3 : Novas configurações familiares**

1- Você conhece alguma adolescente que é mãe?

2-Você saberia falar como ela está, com quem ela mora?

#### **Tópico 4 : Sobre os cuidados e responsabilidades dos adolescentes na maternidade**

1-Como você descreve a relação da mãe e do pai adolescente frente à gravidez na adolescência?

2- E depois que a criança nasce, como eles ( pai e mãe adolescentes ) se comportaram ?

#### **Tópico 5: Sobre o apoio da família**

1-Você poderia falar como é a reação da família dos pais dos adolescentes ao saberem da gravidez?

2-E depois que a criança nasce como os familiares se comportam?

#### **Pensamento final**

Nós falamos sobre muitas coisas relacionadas à maternidade e à adolescência, tem alguma coisa que nós não falamos e que você gostariade dizer?

## CARTA DE ANUÊNCIA

Informamos que Elisângela Lima Araújo, psicóloga, aluna do Mestrado da Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, está autorizada por esta Diretoria a desenvolver atividades referentes ao projeto de pesquisa intitulado “Representações Sociais da Maternidade por Mulheres Adolescentes”, nesta escola sob a orientação da professora Tícia Cassiany Ferro Cavalcante.

Recife, 13 de maio de 2013.

Atenciosamente,

---

A Direção

## **ANEXOS**

## APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

Comitê de Ética  
em Pesquisa  
Envolvendo  
Serres Humanos

CEP - CIP - UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
PERNAMBUCO CENTRO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE / UFPE-



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MATERNIDADE POR MULHERES

**Pesquisador:** ELISÂNGELA LIMA ARAÚJO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 18178313.3.0000.5208

**Instituição Proponente:** CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DA NOTIFICAÇÃO

**Tipo de Notificação:** Envio de Relatório Final

**Detalhe:**

**Justificativa:**

**Data do Envio:** 03/11/2014

**Situação da Notificação:** Parecer Consubstanciado Emitido

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 864.537

**Data da Relatoria:** 11/11/2014

**Apresentação da Notificação:**

A notificação foi apresentada para avaliação do relatório final da pesquisa

**Objetivo da Notificação:**

O pesquisador solicita a aprovação do relatório final da pesquisa.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador indicou a utilização do TCLE e informando os Riscos e Benefícios.

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br

Continuação do Parecer: 864.537

**Comentários e Considerações sobre a Notificação:**

A notificação foi apresentada com o relatório final e o mesmo está adequado, com a indicação dos resultados e conclusão.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos foram considerados adequados.

**Recomendações:**

s/recomendação;

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

aprovado.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado aprova o parecer da notificação do relatório final da pesquisa, tendo o mesmo sido avaliado e o protocolo aprovado de forma definitiva

RECIFE, 10 de Novembro de 2014

---

Assinado por:  
GERALDO BOSCO LINDOSO COUTO  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE **Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br